

Yoshio
Mukai



AMOR E DEDICAÇÃO A UM IDEAL

SEICHO-NO-IE DO BRASIL

**AMOR E DEDICAÇÃO
A UM IDEAL**

Yoshio Mukai

**AMOR E DEDICAÇÃO
A UM IDEAL**

7ª impressão

2012
SEICHO-NO-IE

AMOR E DEDICAÇÃO A UM IDEAL

Autor:
Yoshihico Iuassaca

Direito de publicação cedido pelo autor à SEICHO-NO-IE DO BRASIL.
Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial sob qualquer forma sem a autorização prévia do autor e do editor.
© SEICHO-NO-IE DO BRASIL, 2005

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Yoshio Mukai, 1933-
Amor e dedicação a um ideal / Yoshio Mukai ;
[ilustrações de Maurício Negro, Eduardo Okuno]. —
3. ed. — São Paulo : SEICHO-NO-IE DO BRASIL, 2007.

ISBN 978-85-7156-515-9

1. Amor 2. Ideais (Filosofia) 3. Mukai, Yoshio,
1933- I. Negro, Maurício. II. Okuno, Eduardo.
III. Título.

07-0097 CDD-181.0956092

Índices para catálogo sistemático:

1. Dirigentes : Seicho-No-Ie : Filosofia de vida:
Biografia e obra 181.0956092

Direito original: 2005 / Total editado: 27.593 exemplares
Capa: Mauricio Negro e Eduardo Okuno / Revisão: Thais Kazuko Shinnishi

Impresso no Brasil

Editado pela
SEICHO-NO-IE DO BRASIL
Av. Engº Armando de Arruda Pereira, 1.266
CEP 04308-900 - São Paulo, SP
Fone: (11) 5014-2222
Website: <http://www.sni.org.br> - E-mail: sni@sni.org.br

PREFÁCIO

Hesitei muito em começar a escrever este livro, que conta um pouco da minha vida na Seicho-No-Ie. Mas, incentivado por amigos e colegas que consideravam de grande importância para os futuros adeptos o conhecimento de uma parte da história da Seicho-No-Ie, revesti-me de coragem para escrever sobre a minha vida, que, sem dúvida, não teria grande expressão se eu não tivesse conhecido esta filosofia. Os grandes professores que sempre tive como exemplo foram os saudosos prof. Miyoshi Matsuda e prof. Katsumi Tokuhisa. Devo muito do que sou hoje ao incentivo do prof. Miyoshi Matsuda, quando Presidente Nacional dos Jovens. Toda vez que nos encontrávamos nos seminários em Ibiúna ou nas Regionais, ele dizia: “O futuro da Seicho-No-Ie depende de vocês, jovens. Façam palestras em português, divulguem em português”. Estas eram as palavras que recebíamos dele.

Por sua vez, o prof. Katsumi Tokuhisa, com seu imenso amor, sempre se esforçou para nos repassar tudo o que aprendera, não escondendo uma palavra que fosse. Na ocasião da inauguração da Academia de Treinamento Espiritual de Santa Fé, na Bahia, após o jantar, ele disse “A quem quiser fazer algumas perguntas, estou à inteira disposição para responder”, e orientou-nos até altas horas, até que se esgotassem as perguntas.

Minha grande felicidade foi o fato de meus pais terem conhecido este ensinamento na minha infância. Assim, tive sempre amor, apoio e compreensão deles, na adolescência e na juventude.

Se hoje posso estar à frente deste Movimento, ministrando estudos a preletores, líderes da iluminação, divulgadores e dirigentes, atribuo isso ao meu conhecimento da língua japonesa, que foi fruto de muita persistência da parte do meu pai. Quando garotos, eu e minha irmã éramos obrigados a nos sentar à mesa, logo de manhã, para estudar um livro de gramática japonesa (Kyoiku Tokuhon). Eu pensava: “Se estou estudando em escola brasileira, para que preciso estudar também a língua japonesa?”. E meu pai respondia: “Vamos voltar para o Japão, e por isso devem aprender bem o japonês”.

Não sei dizer quantos anos foram necessários, mas me recordo de que o nível básico foi meu pai quem me ensinou. E, se hoje entendo o japonês e consigo estudar os ensinamentos da Seicho-No-Ie lendo publicações originais na língua japonesa, eu o devo ao profundo amor de meu pai, a quem agradeço.

O autor

ÍNDICE

PREFÁCIO

CAPÍTULO 1 - LAR SEICHO-NO-IE

Minha infância

Embrião das atuais Associações Locais

A fartura da vida no campo

Meu pai e sua fé na Seicho-No-Ie

CAPÍTULO 2 - INÍCIO DO MOVIMENTO

Associação dos Jovens

Visita do prof. Seicho Taniguchi

Encerrar ou não a Associação dos Jovens

CAPÍTULO 3 - ATUAÇÃO NA ASSOCIAÇÃO DOS JOVENS

Vice-presidente regional da Associação dos Jovens

Caravanas para Ibiúna

Pequenos acontecimentos

“A água do mar é salgada?”

CAPÍTULO 4 - O GRANDE SONHO

Encontro com o Mestre

Até que enfim, no Paraná

Geada e “A cor da folha do café e a fé”

CAPÍTULO 5 - APRENDENDO COM O MESTRE

Segunda visita do Mestre ao Brasil

Amor de uma divulgadora

Curso em Maringá, no Paraná

CAPÍTULO 6 - APLICANDO O ENSINAMENTO

Orientação Pessoal

Bloqueio da mente

“Por que não consigo me casar?”

Sufrimento na vida conjugal

“Sobre o ritual sagrado dos cônjuges

“Prova dos nove” de um psicólogo

CAPÍTULO 7 - A INFLUÊNCIA DO SUBCONSCIENTE

Consciente e subconsciente

Subconsciente racial e o da humanidade

Subconsciente racial ou social

Subconsciente da humanidade

Mente “inconsciente”

Mente cósmica e Mente Divina

Sintonizando com a Imagem Verdadeira

CAPÍTULO 8 - O VALOR DA DIVULGAÇÃO COM AMOR

Divulgadora salva a vida de um médico

Seicho-No-Ie como tratamento médico

CAPÍTULO 9 - A CAPACIDADE INFINITA NO INTERIOR DAS CRIANÇAS

A Pedagogia da Seicho-No-Ie

Motivação

Devemos conhecer o sentimento da criança

CAPÍTULO 10 - AS SETE DIMENSÕES E AS PRÁTICAS DA SEICHO-NO-IE

As dimensões

“Existência unidimensional”

“Existência bidimensional”

“Existência tridimensional”

“Terceira dimensão — lei da matéria

Uso da expressão verbal

A maior declaração da Seicho-No-Ie

“Interferências de mundos de outras dimensões

“Intercâmbio com o mundo da quarta dimensão

“Vivendo no mundo da quarta dimensão

Quarta dimensão — lei da mente

“Intercâmbio com o mundo da quinta dimensão

Mundo da quinta dimensão — lei dos espíritos

O conhecimento de orar aos antepassados

Nível espiritual

Espíritos desapegados ou sublimes

Mundo espiritual transcendente

“Mundo da sexta dimensão — mundo do Amor

Na prática, fazemos a Oração Mútua

Que é atitude? Dedicção de amor

Um ato de amor transpõe fronteiras

A prática da “Oração Mútua”

“O mundo da sétima dimensão é o mundo de Deus

“O mundo harmonioso e completo da sétima dimensão

“Para trazer o Reino de Deus sobre a face da Terra

Sétima dimensão — mundo da lei da Vida que entra em ação

O ser humano

Kanzeon Bosatsu — deusa do perdão

O verdadeiro perdão

Deus Sumiyoshi

O Mundo Ryūgū

CAPÍTULO 11 - RESPEITO À INDIVIDUALIDADE

Harmonia

Arrependimento de uma senhora de 70 anos

Cuidado que devemos ter ao fazer comparações entre irmãos

O conceito do rolimã na organização

Harmonização na organização do nosso Movimento

CAPÍTULO 12 - FORMAÇÃO DO DESTINO

Destino existe?

Proteção dos antepassados?

Mente harmonizada

Você é quem faz o seu destino

Como buscar somente coisas boas

Que tipo de pensamento você está emitindo?

CAPÍTULO 13 - NOVO DESAFIO

Superintendente da América Latina

Revisão de livros em espanhol

Como começou a divulgação no Chile

Curso para líderes

A força dos jovens

Paraguai — minha primeira viagem ao exterior

México — primeira palestra em espanhol

Panamá — visita a uma “amiga”

Venezuela — o Movimento se expande

Colômbia — apaziguando ameaças

Peru — seminário para pessoas doentes

[Argentina — aquisição de uma Sede Central](#)

[Bolívia — descoberta do “homem, filho de Deus”](#)

[Uruguai — em vias de crescimento](#)

[Portugal — Convite à Prosperidade](#)

[Espanha — dois momentos](#)

[Angola — a força do livro da Seicho-No-Ie](#)

[CAPÍTULO 14 - CONVITE PARA ASSUMIR A DIRETORIA](#)

[Sinceridade de um amigo](#)

[Encontro de amigos](#)

[POSFÁCIO](#)

[Diretor-Presidente](#)

[Presidente Doutrinário para a América Latina](#)

[“Oração aos Antepassados”](#)

[Estatutos](#)

[Convite ao prof. Masanobu Taniguchi](#)

[Final](#)

[GLOSSÁRIO](#)

CAPÍTULO 1

LAR SEICHO-NO-IE

Minha infância

Meu pai, Shukichi Mukai, nascido na cidade de Fukuyama, na província de Hiroshima, e minha mãe, Moto Mukai, nascida na cidade de Kakizaki, província de Niigata, casaram-se em Osaka e emigraram para o Brasil em 1928. Nasci neste vasto país abençoado por Deus, em 1933, na cidade de Vera Cruz, Estado de São Paulo, como primeiro filho varão da família, e tive quatro irmãos.

Em Vera Cruz, nessa época, residiam cerca de 600 famílias de imigrantes japoneses, que cultivavam café e algodão. Como muitos imigrantes, meu pai sonhava em ganhar muito dinheiro e retornar triunfante à terra natal; por isso, trabalhava desde as primeiras horas da manhã até ao anoitecer. Na época, ele era proprietário de 30 hectares de terra, nos quais estava formando um cafezal, e, para essa formação, trabalhavam quatro famílias japonesas.

A mãe do sr. Nagano, que pertencia a uma das famílias, contraiu câncer nos intestinos. A doença, já na fase final, provocava muita dor, e a enferma precisava ser assistida pelo filho e pela nora para receber injeção de morfina de 30 em 30 minutos.

Certo dia, meu pai foi ao cafezal e encontrou o casal trabalhando. Perguntou: “E a sua mãe, como está?”. Responderam: “Ela ficou curada depois que ouviu do prof. Shiguekazu Saito os ensinamentos da Seicho-No-Ie”.

Isso foi um acontecimento de grande repercussão na redondeza. Todos queriam saber o motivo da cura e, constantemente, iam receber orientação do prof. Shiguekazu Saito, que na época residia na cidade de Gália, interior de São Paulo.

Depois disso, meu pai também foi ouvir uma palestra da Seicho-No-Ie e recebeu a orientação do prof. Saito. Adquiriu a sua primeira sutra em japonês, voltou entusiasmado com a filosofia e começou a ler a sutra, todos os dias, para os antepassados.

Embrião das atuais Associações Locais

Posteriormente, meu pai convidou os professores Shiguekazu Saito e Daijiro Matsuda para uma palestra na colônia Água Limpa, no município de Vera Cruz, onde residíamos.

Esse movimento conseguiu adesões e, em pouco tempo, os participantes organizaram as reuniões da Seicho-No-Ie na colônia. Nessas reuniões, realizadas no período matinal, havia palestras para as crianças que vinham acompanhando seus pais. Creio que foi uma das primeiras reuniões de crianças da Seicho-No-Ie no Brasil.

Como essas reuniões cresciam na cidade de Vera Cruz, meu pai comunicou esse fato ao mestre Masaharu Taniguchi, o qual respondeu dando o reconhecimento como Associação. Porém, o certificado desse reconhecimento dado pelo Mestre não chegou às nossas mãos, devido à eclosão da Segunda Guerra Mundial.

Conforme consta no livro do prof. Miyoshi Matsuda, quem realmente iniciou a divulgação do Movimento foi seu irmão, prof. Daijiro Matsuda, que não media esforços para levar as palavras da Verdade a quem as solicitava, locomovendo-se até mesmo ao lombo de cavalo ou a pé.

Nessa época, ainda não existia organização nem mesmo credenciamento, por parte do Japão, de cargos como “divulgadores” ou “preletores”. As pessoas que despertavam para a Verdade passavam a divulgar os ensinamentos por conta própria e com muito amor.

Na minha casa, existia um aposento destinado ao prof. Daijiro Matsuda, que, nas suas andanças, fazia um breve repouso entre uma visita e outra. E, quando ele chegava, meu pai ordenava-me que engraxasse os sapatos do professor. Longe de ser um sapato, era uma botina que, por mais que eu passasse graxa, não lustrava, pois era quase couro cru.

As divulgações, bem diferentemente de como são feitas hoje, com tudo organizado, eram iniciativa somente de uma pessoa que conhecia os ensinamentos e convidava os palestrantes para visitar a sua colônia, acomodando os professores e convidando os vizinhos e amigos para assistirem às palestras.

As orientações também não possuíam critérios pré-estabelecidos; a pessoa simplesmente chegava à casa de quem a convidou e ia ficando, dois ou três dias, ou até uma semana. Recordo-me de alguns fatos que, mesmo sendo criança, achava interessantes. Certa ocasião, veio um senhor à minha casa com um menino da minha idade, o qual estava com infecção no ouvido. Após uns três ou quatro dias, ele ficou totalmente curado e se foi. Como eu era criança, perguntei ao meu pai por que o deixara ir embora, pois estava gostando de brincar com ele todos os dias.

A grande maioria dos japoneses levava uma vida árdua em terra estrangeira, enfrentando diferenças de língua e costumes. Os ensinamentos da Seicho-No-Ie foram se espalhando rapidamente, como água de nascente que encontra terra ressequida.

A fartura da vida no campo

Meus pais tiveram dificuldades para nos ensinar o espírito do não-desperdício. Na época, ao redor das casas de agricultores, havia árvores frutíferas. Na minha casa havia cerca de 100 árvores que produziam frutas, e no quintal eram criadas, soltas, cerca de 150 galinhas.

Minha mãe, ao preparar o jantar, pedia a nós, filhos: “Tragam-me ovos”. Então, perguntávamos quantos ela queria e saíamos à procura dos ninhos das galinhas para colher os ovos.

Havia muitas frutas no nosso quintal: laranja, caqui, abacate, abacaxi, caju, mamão, banana, manga e muitas outras. Após as refeições, íamos ao pomar com uma faca, apanhávamos as frutas preferidas e as comíamos, ali mesmo. Mas, se elas não eram doces, nós as jogávamos fora e apanhávamos outra. Meus pais diziam: “Não fiquem desperdiçando. O que apanhou, deve acabar de comer”. Ainda criança, eu pensava: “Por que isso, já que vai amadurecer, cair e apodrecer?”.

Essa foi uma situação ocorrida há mais de meio século. Hoje, não encontramos ambientes assim, a não ser bem no interior.

Meu pai e sua fé na Seicho-No-Ie

Após o término da guerra, em 1945, a comunidade dos japoneses residentes no Brasil ficou tumultuada, pois se dividiu em duas facções: a que acreditava na vitória do Japão e a que aceitava a realidade da derrota na guerra.

Quem quer que fosse, se tivesse sido militar no Japão, principalmente oficial, era enviado a uma prisão em São Paulo e submetido a interrogatórios. Meu pai servira o exército na Manchúria. Certo dia, o comandante do batalhão dissera a ele: “Vou tirar uma foto sua. Vista este meu sobretudo”. Assim, em nossa casa havia uma foto do meu pai com sobretudo de oficial. A polícia descobriu esta foto, e meu pai foi enviado a São Paulo para ser interrogado, mas, felizmente, foi liberado sem nada sofrer.

Após ser liberado, procurou a livraria do sr. Miyamoto, que importava livros da Seicho-No-Ie, para adquirir *A Verdade da Vida*. A pessoa que atendeu meu pai perguntou se ele queria participar de uma reunião da Seicho-No-Ie, e fez o seguinte convite: “Vamos realizar uma reunião da Seicho-No-Ie esta noite, da 1 hora às 3 horas da madrugada, na casa de fulano. O senhor não quer participar?”. E ele foi. Ele estava na condição de suspeito da polícia, enviado a São Paulo para averiguação, numa época em que eram proibidas reuniões entre japoneses — e ainda mais participando de uma reunião secreta, de madrugada! Se fosse descoberto, com certeza a sua vida ficaria bem complicada. Mas creio que era tão intensa a fé que meu pai depositava nos ensinamentos da Seicho-No-Ie que nada lhe aconteceu.

Meu pai tinha em mente voltar para o Japão e me disse: “Aprenda alguma profissão, porque, quando formos para o Japão, isso vai lhe ajudar”. Como eu gostava de tirar fotos, ele adquiriu para mim uma câmera fotográfica alemã, Rollerflex, com todos os acessórios.

Com essa máquina a tiracolo, fui trabalhar como aprendiz no estúdio fotográfico de um conhecido do meu pai, em São Paulo. A câmera era de qualidade tão superior que me lembro do dono do estúdio comentando, admirado: “É boa demais para ser usada por um garoto de 15 anos!”. Trabalhei nesse estúdio durante quatro anos.

No início da década de 1950, foram normalizadas as relações diplomáticas entre o Brasil e o Japão, tornando-se possível a troca de correspondência entre os dois países, e pudemos entrar em contato com nossos parentes no Japão. Meu pai escreveu uma carta ao meu tio, consultando sobre a possibilidade de retornar ao Japão com a família, narrando minuciosamente a situação em que vivíamos. Em resposta, meu tio escreveu que achava preocupante nós deixarmos uma terra tão rica como o Brasil, com abundância de alimentos, e retornarmos ao Japão, onde havia grande carência material após a guerra, levando cinco filhos em fase de crescimento. Junto à carta, ele anexou uma lista dos preços de produtos praticados no Japão na época.

CAPÍTULO 2 INÍCIO DO MOVIMENTO

Associação dos Jovens

Após várias considerações, meus pais resolveram permanecer no Brasil. Venderam a propriedade em Vera Cruz, adquiriram novas terras em Uraí, no Estado do Paraná, e nos mudamos para lá. Resolvi deixar o ateliê fotográfico e voltei para casa, começando a trabalhar na lavoura junto com a família.



Em 1952, foi autorizada a instalação da Seicho-No-Ie do Brasil oficialmente, e recebemos a visita do preleto da Sede Internacional prof. Katsumi Tokuhisa. Tivemos o privilégio de recebê-lo em Uraí. Com os adeptos da Seicho-No-Ie da cidade bastante motivados, foi construída a sede e fundada a Associação dos Jovens da Seicho-No-Ie de Uraí, da qual me tornei o primeiro presidente. A inauguração da Associação Local foi realizada com toda a pompa no dia 16 de abril de 1955, com a presença do prof. Miyoshi Matsuda, então Presidente da Associação dos Jovens da Seicho-No-Ie do Brasil.

Visita do prof. Seicho Taniguchi

Em 1956, visitou o Brasil o prof. Seicho Taniguchi (então Vice-Supremo Presidente, atual Supremo Presidente da Seicho-No-Ie), acompanhado do prof. Katsumi Tokuhisa. Quando eles chegaram a Londrina, os adeptos de todo o Estado do Paraná foram recepcioná-los no aeroporto; os veículos seguiram em carreata, passando pelo centro de Londrina, rumo à sede local da Seicho-No-Ie.

Eu e outros três jovens estávamos encarregados de lançar rojões a uns 100 metros na frente da comitiva, durante o trajeto, para recepcioná-los; assim, fomos os primeiros a chegar à sede. Quando o veículo em que estavam o prof. Seicho e o prof. Tokuhisa chegou à sede local de Londrina, não havia ninguém para recepcioná-los a não ser nós, quatro jovens, com uma caixa vazia de rojões. O prof. Tokuhisa gritou: “Onde estão os dirigentes?”. Respondi: “Vêm vindo atrás”. O prof. Seicho disse: “Não faz mal”. Desceu do automóvel, instalou uma câmera 8 mm no escorregador do playground e ficou filmando a chegada dos dirigentes.

Nessa estada dos professores Seicho Taniguchi e Katsumi Tokuhisa no Paraná, tivemos a satisfação de recepcioná-los em Uraí, apesar de ser um dia de semana. Graças à divulgação, compareceram mais de 800 pessoas na Associação Cultural e Esportiva de Uraí. A primeira conferência foi feita pelo prof. Tokuhisa. Nós, jovens, ficamos de plantão para que o prof. Seicho descansasse na sede da Seicho-No-Ie, que ficava a uns 100 metros do clube. Antes de ir ao clube onde estava acontecendo a palestra, pedimos ao professor para deixar uma dedicatória a nós, da Associação dos Jovens da Seicho-No-Ie de Uraí. Então ele disse: “Ainda não estou autorizado a escrever dedicatória, mas, como é para os jovens, vou deixar uma lembrança”. E, tomando o pincel, escreveu a palavra “Amor”, cujo quadro está na sede da Seicho-No-Ie de Uraí até hoje.

A visita dos professores ao Estado do Paraná proporcionou um grande impulso para a divulgação da Seicho-No-Ie na região. Principalmente os jovens se motivaram bastante, o que levou à fundação de muitas Associações dos Jovens no Estado do Paraná.

Antes do retorno do prof. Seicho Taniguchi ao Japão, foi realizado um Curso para Dirigentes Jovens, na Academia Sul-Americana de Treinamento Espiritual de Ibiúna, em São Paulo.

Foi minha primeira participação na Academia. Na época, a Academia se resumia apenas à metade do salão dos pioneiros, que hoje já não existe mais, somente em forma de maquete. O refeitório era uma barraca de lona montada no quintal. Os banheiros eram no estilo antigo de fossas. O mais complicado era o banho, porque não havia chuveiros: havia o famoso ofurō público, (banho de imersão, à moda japonesa) que, por sua vez, não conseguia atender a todos. Por isso, os mais jovens eram convidados a ir a um rio perto para se lavarem, ao escurecer. O dormitório era instalado no grande salão. Cada participante tinha de levar lençol, travesseiro, cobertor, toalha, enfim, tudo.

As refeições eram preparadas com muito amor pelas esposas dos professores, que não tinham muitas opções, porque os legumes e hortaliças eram produzidos na própria Academia. Conseqüentemente, na época de abóbora, serviam-na no almoço e no jantar; se fosse época de repolho, repetiam-no em todos os cardápios. Por ocasião desse curso, um chacareiro havia doado 70 caixas de nabo redondo. Imagine: três dias comendo nabo!!!

Mas, graças a esse curso, mudei o meu conceito de vida. Pensava que, para ser reconhecido dentro da organização da Seicho-No-Ie, teria de ter um relato espetacular. Como eu não tinha um relato espetacular, pensava: “Nunca vou ser reconhecido, pois não tenho tal relato”. O prof. Seicho Taniguchi disse, durante a palestra: “O jovem que possui experiência de fé para relatar é maravilhoso, mas os outros que estão aqui sem ter esse tipo de experiência são ainda mais maravilhosos”.

Atrevidamente pensei: “Este professor é bom. Ele compreende bem o sentimento dos jovens. Se for assim, dá para continuar na Seicho-No-Ie”.

Mais um detalhe fez mudar o meu pensamento nesse curso: por ser de natureza muito tímida, eu não

conseguia conversar com liberdade com as associadas do Departamento Feminino. Porém, nesse curso, o prof. Seicho Taniguchi disse: “Não existe neste mundo uma pessoa sequer que não seja importante, pois, se ele ou ela está aqui, é porque Deus lhe permitiu que aqui estivesse para ser útil à humanidade. Assim sendo, não devemos desprezar nenhuma pessoa, pois todas são filhas de Deus”.

Até então, eu pensava: “Como vou casar com uma única mulher, não tenho necessidade de ficar dando atenção às demais”. Como já disse, eu era muito tímido. Quando necessitava conversar com alguém do Departamento Feminino, eu me enchia de coragem e falava em tom de comando somente o necessário. Porém, essa palestra me fez refletir muito e, voltando à Associação dos Jovens de Uraí, pedi desculpas às associadas pela maneira grosseira e nada cordial com que até então me relacionara com elas. Para meu espanto, uma das associadas, a mais extrovertida, disse: “Que bom! Agora não vamos mais ter necessidade de tirar par ou ímpar para falar com você!”.

Imagine: quando uma delas tinha de falar comigo, elas sorteavam par ou ímpar para decidir quem seria a escolhida!

Passaram-se 50 anos. A minha posição mudou muito, mas, até hoje, no fundo, sou um pouco inibido e ainda não consigo cumprimentar as senhoras desembaraçadamente. Parece que tenho a fama de “durão” ou até de arrogante. Espero que me desculpem se tenho demonstrado esse tipo de comportamento. Procurarei ser mais cortês, doravante.

Encerrar ou não a Associação dos Jovens

Os anos se passaram. Nos anos 60, as reuniões tornaram-se desmotivantes e os associados não vinham às reuniões. Compareciam apenas o vice-presidente, o tesoureiro e eu, que tinha a função de presidente. Numas dessas reuniões, resolvemos fechar a Associação por algum tempo e fomos comunicar isso ao presidente da Associação Fraternidade da cidade de Uraí, sr. Jiro Muramatsu. Ele nos atendeu com muito amor e disse: “Antes de fechar, já pensaram em dinamizar, divulgar mais?”. Como não tínhamos idéia de como fazer isso, pedimos sugestão. Ele disse: “Estamos em setembro. Vai acontecer o Seminário de Jovens em janeiro, na Academia Sul-Americana de Treinamento Espiritual de Ibiúna em São Paulo. Que tal trabalhar para levar uma caravana à Academia? Eu posso ajudá-los”.

Assim, todos os sábados à tarde e domingos, até o dia da partida para o Seminário em janeiro, visitamos as famílias de japoneses que tinham jovens, convidando-os para participar do Seminário em Ibiúna, independentemente de serem ou não associados da Seicho-No-Ie.

Na época, o Seminário era realizado em dez dias e em japonês.

Graças a esse trabalho, levamos 32 jovens ao Seminário de janeiro! Foi um sucesso, pois, dentre os que foram ao Seminário, 25 ou 26 tornaram-se associados.

No ano seguinte, não foi mais necessária a ajuda do sr. Muramatsu, porque os jovens se motivaram e trabalharam para levar caravanas à Academia. Lembro-me de que, nos anos que se seguiram, foram muitas caravanas.

Dois anos depois, fui convidado para assumir o cargo de vice-presidente regional dos Jovens da atual Regional PR-Londrina. Uma jovem de 18 anos disse “Pode ir que desta Associação nós vamos cuidar”, e assumiu a presidência da Associação Local.

Essa experiência foi uma lição muito grande durante toda a minha vida: antes de desistir de algo, pensar em transpor o obstáculo e ir adiante.

A diferença entre um vencedor e um perdedor é muito pequena. O vencedor é aquele que diz “Está difícil, mas é possível”, enquanto o perdedor diz “Está difícil, é impossível”. A diferença é somente o “im” de impossível. Só que, na mente do vencedor, está funcionando o seguinte: “Como é difícil, com certeza vou ser o único, e vou ganhar com esta pesquisa ou invenção”. Já o fracassado está pensando em se justificar para convencer o seu chefe ou patrão, dizendo: “Não foi somente eu que não consegui; os outros também não conseguiram”.

CAPÍTULO 3

ATUAÇÃO NA ASSOCIAÇÃO DOS JOVENS

Vice-presidente regional da Associação dos Jovens

A Regional PR-Londrina, ao norte, faz limite com o rio Paranapanema, que fica a 100 km; ao sul, com a cidade de Ivaiporã, que fica a 150 km; ao leste, com a cidade de Santa Amélia, que também fica a mais de 130 km; e a oeste com Apucarana, a uns 50 km.

Essa área tornou-se a minha região para divulgar a Seicho-No-Ie em duas gestões: a primeira com o presidente regional, preletor Motoi Suzuki; e a segunda gestão com o preletor Yozo Nihei. Visitávamos as Associações, promovendo seminários em cidades novas para fundar novas associações. O meu meio de locomoção era um jipe. Como morava em Uraí, para estar em qualquer local onde haveria um evento, precisava, no mínimo, percorrer uns 100 km. E, quando o seminário era numa das cidades extremas, tinha de acordar às 4 horas da madrugada para chegar antes das 9 horas; e, ao término, percorrer novamente o trajeto de volta. Mas sentia uma imensa alegria por poder transmitir esta filosofia a novas pessoas.

Caravanas para Ibiúna

Como minha experiência, ao ativar a Associação, foi de levar jovens à Academia, trabalhamos intensamente dentro da Regional a fim de levar caravanas para o Seminário de janeiro em Ibiúna.

Certo ano, aderiram à nossa caravana as cidades de Maringá e Nova Esperança. Como meio de transporte, optamos pela via férrea: um vagão sairia de Maringá, e outro de Londrina. Porém, o vagão de Londrina simplesmente não o colocaram. Como consequência, 126 pessoas ficaram espremidas num só vagão! Sendo a maioria formada por jovens, ajeitamos, fazendo revezamento ou acomodando três num assento para dois. E, graças a Deus, a viagem terminou na Estação São Roque, onde o pessoal da Academia nos esperava com dois caminhões, para prosseguirmos a viagem.

Na chegada à Academia, éramos recebidos, sem falta, pelo prof. Miyoshi Matsuda, com seu largo sorriso e fraternal boas-vindas, o que fazia qualquer dirigente sentir: “Valeu a pena trabalhar para trazer a caravana”.

Os primeiros três dias eram o tempo de que os jovens necessitavam para se acomodar e adaptar: muitas reclamações, dores de cabeça, vontade de voltar para casa, etc. Mas os restantes sete dias passavam sem que eles percebessem e, no final, havia muita emoção: a maioria já sentia profunda gratidão aos pais, começava a manifestar a sua natureza divina, e seus olhos vibravam de alegria e felicidade.

Como a maioria dos jovens ainda não conhecia o mar, prometíamos aos jovens que, após o Seminário, faríamos uma pequena excursão à praia e visitaríamos os pontos turísticos de São Paulo. Por isso, no meio do Seminário, eu tinha de me deslocar até São Paulo para alugar um ônibus, fazer o roteiro com a empresa, pedir hospedagem na Sede Central no Jabaquara e providenciar refeições e lanches para a excursão à praia.

Vocês talvez se perguntem: “Por que não telefonavam, ou passavam um simples fax?”. Porque, na época, não se permitiam as facilidades que temos hoje. Fax nem existia. Para telefonar, a chamada era via telefonista. De Uraí a São Paulo, por exemplo, a ligação só seria completada após cinco ou seis horas!

Pequenos acontecimentos

Certa vez, estávamos descendo para a praia, em plena via Anchieta, quando uma senhora manifestou vontade de ir ao banheiro. Nos ônibus da época, não tinha toalete. “Que fazer?” Fui perguntar ao motorista se não havia algum local com restaurante ou banheiro público no qual pudéssemos parar. Mas não havia nada à disposição. O motorista me disse que dali a cinco minutos teria um acostamento onde ele poderia parar o ônibus rapidamente. Como naquele tempo as moças usavam lenços, improvisei um toalete, com quatro moças cercado a senhora com lenços.

“A água do mar é salgada?”

Entre os participantes, sempre havia pessoas com mais idade que ainda não conheciam o mar. Elas não queriam entrar no mar, mas infalivelmente chegava o momento em que, devagarzinho, aproximavam-se da água e experimentavam um pouco dela para se certificarem de que a água realmente era salgada.

Numa das viagens, alguns senhores e senhoras japoneses que tinham vindo havia muito tempo do Japão desejavam visitar o porto de Santos, pois não tinham voltado lá desde a sua chegada. Como tínhamos tempo, resolvemos passar no cais para a visita. Porém surgiu um problema: só podiam entrar dez pessoas de cada vez e a cada hora. Com 126 pessoas, gastaríamos 12 horas, o que era totalmente impraticável. Pedi a um diretor que nos abrisse uma exceção e, com muito custo e com jeitinho, ele permitiu a entrada de grupos de 20 pessoas, a cada 10 minutos; enquanto um grupo entrava pela direita, o outro grupo ia pela esquerda. Os grupos que foram para a direita voltaram muito contentes, pois encontraram uma fragata, com bandeira japonesa, que lhes permitiu a visita. A bordo da fragata foi servido chá, e eles ainda ganharam pacotes de chá e outros presentes.

A bronca sobrou para mim, pois as pessoas que se deslocaram para a esquerda, com ciúme, vieram reclamar “Por que o senhor não nos permitiu que fôssemos para o mesmo lado?”. Ora, eu nem sabia que tal navio estava atracado no porto.

O Seminário de dez dias e a excursão davam aos jovens uma nova visão e também satisfaziam os pais, pois nem todos tinham condições de, por conta própria, proporcionar esses conhecimentos.

Houve seguidas participações nos seminários futuros, sempre com muito sucesso, no sentido de aumento de associados.

CAPÍTULO 4 O GRANDE SONHO

Encontro com o Mestre

1963 foi o ano esperado por todos os adeptos da Seicho-No-Ie do Brasil, pois o mestre Masaharu Taniguchi veio nos visitar. Ele chegou ao Brasil, via Peru, no dia 7 de junho. A primeira visita oficial foi ao Rio de Janeiro, com escala em Congonhas. Nessa escala em São Paulo, alguns diretores o receberam na sala Vip, e a alta cúpula da Seicho-No-Ie foi ao Rio de Janeiro para recebê-lo. O mestre Masaharu Taniguchi foi hóspede oficial do governo da Guanabara (Estado criado em 1960 e extinto em 1975) e, após cumprir todos os programas, seguiu para Brasília.

Finalmente, no tão esperado dia 13 de junho, ele desembarcou em Congonhas, às 6 horas, com atraso de mais de quatro horas. Após ser recebido pelo representante do governo, por autoridades e pela diretoria da Seicho-No-Ie, seguiu para o Othon Palace em carro oficial oferecido pelo governador.

Os 25.000 adeptos que o aguardavam no aeroporto e ao redor das avenidas, com a esperança de poder ver o Mestre, não o conseguiram porque anoiteceu. Seguidas recepções oficiais e programações minuciosas foram cumpridas à risca pelo Mestre.

Um episódio que merece ser registrado é uma nota que consta no livro da profa Teruko Taniguchi, Sekai o Tabishite(1). No dia em que terminou toda a programação oficial, estavam para fazer o check out quando as camareiras e outros funcionários do hotel pediram ao professor que fizesse uma oração porque, durante a sua estada, eles sentiram uma forte vibração que emanava do quarto por ele ocupado, sensação que nunca tinham sentido até então. Prontamente, o Mestre concordou. Então, todos deram as mãos em círculo e receberam uma oração do mestre Masaharu Taniguchi.

Até que enfim, no Paraná

Como eu residia na cidade de Uraí, no Estado do Paraná, o meu encontro com o Mestre foi no aeroporto de Londrina, no dia 18 de julho de 1963. O aeroporto ficou congestionado, com milhares de adeptos de todo o Paraná.

No mesmo dia, no período da tarde, aconteceria uma Grande Conferência no Tênis Clube, da qual, segundo o livro citado, participaram 2.000 pessoas. Ouvi, pela primeira vez, a voz do Mestre, que era suave, mas que afirmava com determinação: “O que se decide na mente se realiza infalivelmente”. E a profa Teruko Taniguchi falou sobre “O verdadeiro Amor”. Nos dias seguintes, 19, 20 e 21, aconteceu o tão esperado Curso numa enorme “barraca ou tenda”, de 25 metros de largura, 40 metros de comprimento e 12 metros de altura, coberta por “encerados”, lonas armadas no campo de beisebol na cidade de Assaí, tudo feito pelos adeptos com a orientação do preletor Hitiro Fujiwara, que tinha experiência em carpintaria no Japão.

Assisti ao Curso dois dias, com profunda emoção, pois era o próprio mestre Masaharu Taniguchi, em pessoa, que estava nos transmitindo a Verdade. Lastimavelmente, no último dia, eu não pude participar, pois precisava cuidar dos preparativos em nossa cidade, já que o Mestre pernoitaria em Uraí, na residência do diretor de uma fábrica de adubo (Bactamon), um adubo de bactéria que foi desenvolvido no Japão por um adepto da Seicho-No-Ie.

Ao entardecer, o teco-teco — apelido dos pequenos táxis aéreos da época — aterrissou no aeroporto de Uraí, numa pista de terra batida, conduzindo o Mestre e a sua comitiva. Os adeptos e simpatizantes de toda a cidade de Uraí foram recepcioná-lo.

À noite, houve palestras do prof. Katsumi Tokuhisa e do prof. Sendo no Clube Esportivo e Cultural de Uraí, com aproximadamente 1.000 pessoas.

Era comum os agricultores criarem vacas e, todas as manhãs, tomarem o leite que eles ordenhavam. Um adepto propôs trazer o leite para servir ao Mestre, e minha mãe ficou encarregada de prepará-lo. Como o adepto não chegava com o leite, minha mãe ficou esperando do lado de fora, olhando para o caminho por onde ele viria. Nisso, apareceu o prof. Tokuhisa, dizendo: “Que está fazendo? Vá logo esquentar o leite! Vai se atrasar!”. “É por isso que estou aqui, esperando o leite chegar”, respondeu ela. Ele quis saber por que estavam demorando para trazer o leite, e ficou espantado quando minha mãe respondeu: “Certamente estão tendo dificuldade em pegar a vaca”. Realmente, a vaca havia fugido do cercado na noite anterior, e por isso atrasou a ordenha, mas o leite chegou bem a tempo e todos ficaram aliviados.

Ao final de todas as atividades, o mestre Masaharu Taniguchi realizou, na Academia de Ibiúna, do dia 25 a 29 de agosto, o Shomitsu Kenshukai, ou seja, “Curso Específico para Dirigentes”. Graças ao incentivo do prof. Kamesiki Kaduoka, que residia em Uraí e que viera até a minha casa me convidar para participar desse Curso, o meu pai disse “Vá, pois será bom para você”. Esse curso tinha a finalidade de preparar os participantes para a realização do exame para Preletores e Líderes da Iluminação que ocorreria no final. O Mestre, durante quatro dias, explicou detalhadamente os pontos principais da filosofia.

O prof. Kiyomitsu Takemoto, na época presidente da Associação dos Jovens do Estado do Paraná, pediu que eu preenchesse a ficha para prestar o exame, mas me recusei, dizendo que não tinha a mínima intenção de me tornar Líder da Iluminação. Então, ele disse: “Você está com dó de pagar 1.000 cruzeiros”. Respondi que não e entreguei a ele a ficha e o dinheiro. No final do curso, o apresentador chamou pelos nomes os participantes que deveriam permanecer no salão, porque logo em seguida seria iniciado o exame.

Foi o exame mais tranqüilo da minha vida, pois não tinha a mínima intenção de ser aprovado, nem me imaginava como Líder da Iluminação. Olhando ao redor, havia pessoas já muito intelectualizadas,

preenchendo as respostas com muita seriedade, e eu ali pensava só em deixar passar o tempo mínimo permitido para sair. Nisso, o prof. Nobuo Jyo, que me conhecia, aproximou-se e disse: “Vamos, escreva as respostas, o tempo vai acabar”. Assim, não tendo outra saída, comecei a preencher as respostas e entreguei a folha do exame.

Meu maior susto foi quando veio o comunicado para ir receber o certificado em Ibiúna e lá participar de um Seminário. Eu não fui. Porém, sendo o prof. Miyoshi Matsuda muito amigo de meu pai, ele enviou, via prof. Kaduoka, o diploma de nomeação e uma carta ao meu pai com cinco ou seis folhas de bloco, dizendo que, daquele momento em diante, caberia ao meu pai a responsabilidade de me formar um líder. Como o nome do meu pai foi envolvido, só me restou estudar com seriedade a filosofia. Hoje, refletindo, percebo quantas são as pessoas a quem devo agradecer, pelo fato de, hoje, poder me dedicar, o mínimo que seja, para o desenvolvimento desta maravilhosa filosofia no Brasil e nos países da América Latina!

Geada e “A cor da folha do café e a fé”

No ano de 1966, houve uma geada que atingiu o norte do Paraná, e a nossa lavoura de café foi terrivelmente castigada. Para a recuperação, teria de trabalhar duro, no mínimo, por dois anos. Vendo os colaboradores que trabalhavam na minha propriedade — que somavam 120 pessoas entre adultos e crianças —, minha preocupação foi: “Como pagar esses colaboradores, se a maior renda vinha do café?”. Após ponderar muito, fui, acompanhado do presidente regional dos Jovens, prof. Motoi Suzuki, explicar ao supervisor doutrinário, prof. Massahiko Yamamoto, e lhe pedir que me dispensasse das atividades por dois anos, porque a prioridade seria recuperar o meu cafezal.

Ele me ouviu com muita atenção, pois também era produtor de café, e me disse: “Eu lhe dou uma semana para você confirmar a sua decisão”. Voltando da casa do supervisor, o prof. Motoi me disse: “Eu entendo a sua posição, porém me surpreende que sua fé na filosofia da Seicho-No-Ie se altere somente com a mudança de cor da folha do café, de verde para preta, porque foi queimada pela geada!”.

Confesso que isso foi como uma pancada na minha cabeça. Após uma semana de Meditação Shinsokan, tomei a decisão de continuar e, graças a Deus, tudo deu certo.

Aprendi com esta experiência que, quando tomamos uma decisão, acreditando em Deus, e trabalhamos com fé, manifesta-se exatamente a terceira estrofe da Meditação Shinsokan: “As minhas obras, não sou eu quem as realiza, mas a força de Deus-Pai que permeia os céus e a terra”.

Naquele ano, foi instituído o sistema de cheque ouro no Banco do Brasil (atual cheque especial), e o gerente me ofereceu um limite de crédito de até 7.000 cruzeiros, valor este que, na época, era suficiente para comprar duas passagens aéreas de ida e volta ao Japão. Assim, consegui contornar todos os problemas financeiros.

CAPÍTULO 5 APRENDENDO COM O MESTRE

Segunda visita do Mestre ao Brasil

Convidado pelos diretores da Seicho-No-Ie do Brasil para retornar mais vezes ao Brasil, o Mestre disse: “Quando aumentar o número de adeptos brasileiros, eu retornarei”.

E, assim, começou a divulgação em português coordenado pelo prof. Katsumi Tokuhisa. Os professores Shiguemi Murakami e Yoshio Miwa deram continuidade dando aulas com intérpretes e formaram os primeiros divulgadores (dendoins) brasileiros. Os preletores Hatiro Shimomoto, Osvaldo Murahara, Yoshio Yahiro, Misaki Matsuo e muitos outros preletores e líderes da iluminação empenharam-se na divulgação em português.

No ano de 1972, ficou decidido que, no ano seguinte, receberíamos o Mestre pela segunda vez. Todos os líderes de iluminação ou preletores que tinham condições de proferir palestras em português foram convidados. Como eu residia em Londrina, todos os fins de semana tinha de fazer alguma palestra nas cidades das regiões Norte e Norte Novo do Paraná. O esquema planejado era o seguinte: um grupo de dendoins (divulgadores) deveria percorrer a região para uma prévia divulgação e, no sábado e no domingo, nós, preletores, nos deslocaríamos para fazer as palestras.

Nessa ocasião, passei uns dias gripado, com febre, e estava sem muita disposição para viajar. Mas minha mãe, percebendo a minha indisposição, me deu uma bronca: “O Mestre, com 80 anos, virá ao Brasil. Você, jovem, não tem vergonha? Pegue as suas roupas e vá!”. Nessa viagem, eu deveria proferir a palestra à noite em Goioere, no dia seguinte à tarde em Umuarama e, à noite, em Cianorte. Após o término, retornei a Londrina, e o velocímetro do carro acusava aproximadamente 900 quilômetros percorridos! Tanto as hospedagens, que sempre eram na casa de algum adepto, quanto às despesas de viagem tal como combustível, eram doação, e sentíamos orgulho por ter a oportunidade de poder colaborar. Após retornar, a gripe tinha desaparecido, e eu estava curado.

Amor de uma divulgadora

Houve um acontecimento pelo qual tive de pedir perdão à dendoim Maria da Penha Moura. Domingo de manhã, terminando de tomar o café em Goioere, eu disse à sra. Maria da Penha para se apressar, pois teríamos de percorrer mais 180 quilômetros de estrada de terra e almoçar para a palestra da tarde em Umuarama. Nisso, ela me responde que, antes, teríamos de passar na delegacia para dizer algumas palavras aos detentos, porque ela havia prometido ao delegado. Esqueci por um momento a Seicho-No-Ie e lhe disse que ela cuidasse dos presos, porque eu não tinha prometido nada.

Mas, quando chegamos à delegacia, no pátio interno estavam uns 20 presos, sendo a maioria deles jovens. A divulgadora, com profundo amor, disse: “Acredito que todos vocês têm mãe que os ama, e vocês também a amam. Por isso, sintam como se eu fosse a sua mãe, peçam-me perdão, e eu lhes perdoarei. Busquem o caminho da regeneração”. E foi abraçando cada jovem, com profundo amor. Tive de pedir perdão a ela pelas palavras ásperas que tinha dito no hotel, e proferi algumas palavras para que descobrissem a natureza divina que está no interior de cada filho de Deus.

Curso em Maringá, no Paraná

No dia seguinte ao da chegada do Mestre, o jornal Folha de Londrina publicou uma reportagem que ocupou a primeira página inteira do segundo caderno e mais duas páginas seguidas, incluindo toda a biografia do Mestre e suas obras. Levei um exemplar ao prof. Tokuhisa, e ele me disse: “Leve você pessoalmente ao Mestre”. Que emoção! Pois foi a minha primeira oportunidade de falar com o Mestre! Quando ele me perguntou o que diziam na reportagem, lembro-me de que dei algumas explicações sobre o jornal, mas, do resto, não me recordo quase nada do que foi falado.

A Folha de Londrina destacou um repórter durante os quatro dias e destinou meia página todos os dias, dando cobertura ao acontecimento.

Após o retorno ao Japão, o Mestre escreveu sobre o curso em Maringá e estampou numa página da revista Seicho-No-Ie a primeira página da Folha de Londrina. Levei um exemplar dessa revista ao presidente da Folha, agradecendo-lhe pela cobertura recebida. O nosso relacionamento com a Folha de Londrina foi muito bom, e, por longo tempo, ela editou todos os dias as Palavras de Luz da Seicho-No-Ie.

Houve quatro dias de curso em Maringá. Minha função foi de apresentador em português e também de intérprete dos relatos. O curso foi um grande sucesso. Participaram aproximadamente 2.500 pessoas, das quais uma quantidade considerável de brasileiros. Todo o Paraná estava presente. No terceiro dia, houve a tão esperada “Oração Mútua” ministrada pelo Mestre. Quanta emoção! Muitas pessoas se curaram e foram demonstrar a sua alegria. O prof. Tokuhisa anotava o que cada pessoa relatava.

Durante essa oração, houve um pequeno acontecimento. Quando o Mestre tomou a posição de oração sobre o tatami, colocou o microfone com 30% do pedestal fora do tatami. O sr. João Shobiner, que era o empresário do som, veio me pedir que colocasse o pedestal sobre o tatami, porque o microfone fora importado dos Estados Unidos e era muito caro. Hesitei, mas, diante das justificativas dele, tomei coragem, aproximei-me do microfone e coloquei o pedestal próximo do Mestre. Então ele disse: “Por mim, tinha a certeza de que o microfone não cairia, mas, se o apresentador se preocupou e o colocou perto, é por que essa é a vontade de Deus”. E prosseguiu a oração. A minha sorte foi que era uma oração, porque senti uma tremedeira que levei alguns minutos para me acalmar.

CAPÍTULO 6 APLICANDO O ENSINAMENTO

Orientação Pessoal

No dia de regresso ao Japão, o mestre Masaharu Taniguchi deixou para nós esta frase: “O Brasil será o País em que o verdadeiro cristianismo se realizará”.

Isso significa que o povo brasileiro tem todas as condições de viver a Verdade pregada por Cristo. Por isso, pensei que deveríamos nos empenhar cada vez mais na divulgação desse ensinamento.

Tomei a decisão de começar a dar Orientação Pessoal na sede da Seicho-No-Ie de Londrina-PR, todas as quartas-feiras à noite, das 20 às 22 horas. Pedi ao presidente da Federação das Associações Fraternidade em japonês, sr. Shozo Nishi, que colocasse uma placa anunciando essa Orientação. Uma grande placa, de 2 por 4 metros, foi colocada e, assim, comecei a realizar as orientações.

Porém, a localização da sede não era propícia: ficava numa chácara e, para chegar lá, tínhamos de passar por um túnel de bambus que se cruzavam por cima, em rua sem calçamento e com um cemitério em frente. Para completar, a 200 metros abaixo, havia a maior favela de Londrina. Nas primeiras semanas, ninguém compareceu. Eu fazia a Meditação Shinsokan, a leitura da sutra sagrada e voltava para casa.

Mas, com o tempo, começaram a chegar algumas pessoas, simples, compatíveis com a localização. Certo dia, veio um amigo da Associação que ficou admirado e me disse: “Mukai, você acha que vai iluminar o Brasil orientando essas pessoas?”.

Eu não estava vendo o aspecto econômico ou social delas; apenas visualizava o filho de Deus no interior dessas pessoas.

Vou contar um caso que ocorreu com uma das primeiras pessoas. Vou chamá-la de sra. A. Ela sofria de epilepsia, havendo dias em que sofria mais de dez ataques. Como era pobre, não tinha fogão a gás, mas de lenha. Quando o ataque ocorria exatamente enquanto carregava brasas para apagar, ela caía sobre as brasas e sofria queimaduras.

Tinha sinais de queimadura pelo corpo inteiro. Ouvindo a história dessa senhora, fiquei sabendo que o pai e a mãe haviam falecido sem ao menos terem recebido uma missa ou oração. Quis despertar nessa criatura o sentimento de gratidão aos pais, pois ela dizia: “É melhor morrer a ficar vivendo e sofrendo”. Perguntei se ela sabia rezar o “Pai-Nosso” ou a “Ave-Maria”, e ela respondeu: “Mais ou menos, mas tenho uma comadre que sabe rezar o terço”. Então, a alternativa que encontrei foi ensiná-la a rezar, pela manhã e à noite, o que sabia do “Pai-Nosso” e da “Ave-Maria”. Ofereci-lhe uma sutra sagrada, a Chuva de Néctar da Verdade. Orientei que lesse as palavras que ela sabia ler, e, sobre as que não sabia, passasse o dedo mentalizando “Papai, muito obrigada; mamãe, muito obrigada” até a próxima letra que soubesse ler. Recomendei que fizesse isso com profundo sentimento de gratidão. Disse-lhe também que, na data de falecimento do pai e da mãe, solicitasse a essa comadre para rezar o terço na sua casa. Pedi que ela retornasse às quartas-feiras na sede. Como eram poucas as pessoas que participavam, eu fazia oração de gratidão aos antepassados dessas pessoas. Ela voltou assiduamente, todas as quartas-feiras, com o marido e, a cada vez, traziam mais vizinhos. Assim, ela foi melhorando cada dia mais. Certa vez, após eu ter terminado a oração, ela pediu para que eu orasse novamente. Sentamo-nos frente a frente e comecei a recitar “Imagem Verdadeira, Harmonia, Perfeição”. Após alguns minutos de recitação, senti que ela quase caiu da cadeira e começou a falar em voz audível: “Sou a mãe da A e estava preocupada com ela, mas, como agora sei que a minha filha está num local de bem, eu quero retornar definitivamente ao mundo espiritual; porém, quero que ela visite o meu túmulo e reze mais duas vezes o terço”. Fiquei impressionado, porque era a primeira vez que tinha contato com uma entidade. Perguntei à sra. A o que ela havia dito, e ela me respondeu que não fora ela que falara, mas a sua mãe, e repetiu exatamente o que eu tinha ouvido. Perguntei se tinha condição de atender ao pedido da sua mãe, ao que ela disse que sim. Cumprindo os pedidos da mãe, ficou definitivamente curada da epilepsia.

O Mestre nos diz: “Não existe uma forma definida de orar para os antepassados”, mas o importante é orar com sentimento de profunda gratidão aos antepassados.

Bloqueio da mente

Certa ocasião, compareceu pedindo orientação um cidadão pós-graduado em Ciências Econômicas, em péssima situação financeira, pois o salário dele não era reajustado por longos dez anos, apesar de ser funcionário de uma das grandes autarquias federais. Na época, não havia inflação, mas, devido à sua vida de casado e com o nascimento de dois filhos, vivia com orçamento superapertado. Ele era uma pessoa muito influente na sociedade e já havia procurado diversos caminhos, tal como via políticos, porém nada acontecera. Conversando com ele, deu para descobrir que a causa de seus problemas era simples: ele começou a trabalhar, através de concurso, quando estudante. Depois de se formar, teve a oportunidade de fazer pós-graduação. Para tanto, pediu licença de dois anos à autarquia e se deslocou para Brasília.

Após os dois anos, pós-graduado, voltou para o seu trabalho, com vontade de aplicar todo o seu conhecimento. Procurando o Departamento Pessoal para saber qual seria o seu trabalho, o seu chefe lhe apontou a mesma mesa de trabalho e lhe disse: “Aqui está o seu local, que você deixou”. Ele procurou contestar, porém não foi aceito. Imagine o que ele deve ter gravado em seu subconsciente: “Como? Vou receber o mesmo salário? Vou fazer exatamente o que estava fazendo?”. No seu subconsciente ficaram gravadas idéias de bloqueio como: “Não tenho sorte”, “Sou azarado”, “Nada vai dar certo”.

Disse-lhe que talvez ele poderia dar aulas de contabilidade à noite em algum colégio particular e expliquei-lhe que, quando alguém fecha uma porta, Deus tem outra aberta para nós. Ele começou a participar das orientações todas as quartas-feiras. Como era uma pessoa inteligente, compreendeu bem a filosofia, mudou o seu pensamento e, após alguns meses, já estava lecionando. Com novo campo de trabalho e com os ensinamentos da Seicho-No-Ie, sua mente começou a visualizar novos horizontes. Chegou a comprar um Fusca, como era chamado o Volkswagen Sedan, porque necessitava se deslocar às cidades vizinhas para dar aulas. O incrível foi que, quando compreendeu os ensinamentos da Seicho-No-Ie, a mente soltou o bloqueio, e o salário, que estava bloqueado por mais de dez anos, teve um reajuste como que por encanto.

Ele veio agradecer. Parabenizei-o por seu esforço e sua assimilação do ensinamento, dando uma comprovação de que os ensinamentos da Seicho-No-Ie não falham.

Observamos que é importante não ficar pensando em coisas negativas, porque o acúmulo de pensamentos negativos fatalmente trará conseqüências negativas ou o bloqueio da mente.

“Por que não consigo me casar?”

Quando fui realizar um Seminário, nos anos da década de 80, na cidade de Belém, Estado do Pará, uma senhorita de 62 anos me pediu Orientação Pessoal. O motivo: queria se casar. Falei: “Case! Que é que a impede?”. Ela disse: “Nada. Sou professora, não sou dependente de ninguém. Porém, não consigo me casar”. Perguntei se já tivera namorado, e ela respondeu: “Já fui noiva quatro vezes e, em todos os noivados, quando chegava a trinta dias do casamento, surgia algum motivo e acabava terminando. Nesses quarenta anos, foram quatro noivados desfeitos”.

Perguntando a ela como romperia com o primeiro noivo, ela disse que ele morreu em acidente de automóvel, trinta dias antes do casamento. Esse era o motivo.

Eu disse a ela: “Eu posso avaliar o seu pensamento na ocasião da perda do seu primeiro noivo. Certamente, você, perante o corpo presente, deve ter prometido: ‘Não nos casamos fisicamente, mas vou ser sua esposa espiritual para sempre’. Além disso, você deve ter feito mais algumas promessas como ‘Nunca mais casarei’ etc.”. Olhando atônita, ela me disse: “Como o senhor sabe o meu pensamento?”. Expliquei-lhe que, como todos os rompimentos de noivado aconteceram trinta dias antes do casamento, o subconsciente dela ficou gravando por alguns anos esse sentimento de tristeza, registrando bem esse fato. E, sempre que se aproximava um outro casamento, um outro noivo, o subconsciente reagia, dizendo: “Você se esqueceu da sua promessa?”.

Ela, já conformada com a vida, continuava jovem e bonita. Com certeza, deve ter recebido muitos conselhos de amigos e dos pais. Quando encontrava pretendentes que pareciam ser sua verdadeira metade da alma, comprometia-se a ponto de noivar para construir um lar. Porém, chegando a trinta dias do casamento, rompiam o noivado sem motivo aparente. A Seicho-No-Ie nos ensina a fazer a Oração de Gratidão ao noivo falecido e explica, detalhadamente, que ele partiu para o mundo espiritual, que poderá progredir recebendo leituras da Sutra Sagrada Chuva de Néctar da Verdade e evoluir no mundo espiritual. Explica também que a vida da pessoa que ficou continua, mas que é recomendável pedir permissão para que possa se casar novamente.

Ela fez exatamente essas orações e, quando voltei após dois anos, veio me apresentar o seu marido e se dizia muito feliz. Esse relato comprova mais um caso de bloqueio do subconsciente, que impedia a realização do casamento.

Sufrimento na vida conjugal

Nos anos de 1990, num Seminário de carnaval na Academia Sul-Americana de Treinamento Espiritual de Ibiúna, fui procurado por uma senhora que aparentava uns 60 anos, dizendo que queria morrer, porque sua vida era um sofrimento que obrigava o seu esposo também a sofrer. Possuía uma família bem constituída — marido e dois filhos maravilhosos — e o emprego do marido era estável, sem nenhum problema. Perguntando a ela por que queria morrer, ela me disse que, quando jovem, estudara para ser freira, tendo vivido quase dois anos num convento e mantido na mente que o ato sexual era uma prática pecaminosa. Conseqüentemente, quando chegava à noite e tinha de dormir com o esposo, isso se tornava um inferno, porque, mesmo não praticando o ato sexual, a sua mente se autopunha dizendo “Você é uma pecadora”. Seu marido, homem de muita compreensão, cooperava ao máximo, mas, na vida conjugal, fatalmente ocorre o ato sexual. Vendo o sacrifício do esposo em ter o mínimo de contato físico, ela se autopunha e queria morrer porque assim se libertaria desse pecado.

Aplicando-lhe um choque de palavras, eu disse: “Mate os seus filhos e morra”. Ela reagiu dizendo: “Como? São as coisas mais lindas que Deus me deu! É um pecado matar! Como é que o senhor fala uma coisa tão cruel?!?”. Perguntei: “Como a senhora teve esses dois filhos maravilhosos, que, como a senhora própria diz: ‘São as coisas mais lindas que Deus me deu?’?”. Ela respondeu: “Porque tive relação sexual com meu marido”.

Então recomendei a leitura na íntegra do livro Nova Visão do Casamento, do mestre Masaharu Taniguchi, principalmente do parágrafo, na página 28, a seguir:

“Sobre o ritual sagrado dos cônjuges

“Em que consiste a essência do casamento? Consiste na prática de um ritual sagrado, no qual dois seres que eram originariamente uma alma, mas que estão temporariamente manifestados como positivo e negativo, ou seja, masculino e feminino, retornam à unidade original. Portanto, o casamento deve consistir na manifestação, no plano fenomênico, da consciência de unidade dos cônjuges: isto é, cada cônjuge deve ter consciência de que o outro faz parte de sua alma e que os dois são essencialmente inseparáveis.

“O ato sexual, quando praticado com base nessa consciência, constitui um ritual sagrado de comunhão das almas. Porém, quando praticado para obter dinheiro ou simplesmente para desfrutar o prazer, é uma afronta à personalidade e pode ser considerado um ato vergonhoso. Aparentemente, o ato sexual em si é igual em ambos os casos. Porém, o ato sexual que não se baseia na correta consciência de unidade intrínseca dos cônjuges é como uma cédula falsa, que não tem o respaldo do legítimo crédito do governo; mesmo que na aparência se assemelhe a uma relação correta de marido e mulher, não passa de uma relação falsa, sem valor algum.

“Quem deseja se casar deve partir da consciência fundamental de que a união matrimonial deve alicerçar-se no sentimento de ‘unidade da Vida’ de um homem e de uma mulher, e não nas razões econômicas ou na obtenção do prazer físico. Partindo dessa consciência, deve perguntar a si mesmo se casar com ele (ou ela) é o desejo sincero que provém do recôndito de sua alma; se tiver essa certeza, poderá tomar a decisão de se casar. Num casamento assim constituído, jamais ocorrerá desarmonia conjugal nem surgirão problemas que provoquem o divórcio.”

No ano seguinte, quando estive num Seminário em Ibiúna, uma senhora jovem e muito simpática, após todas as refeições, dirigia-se a mim, acompanhada de uma amiga, dizendo: “Eu sei que o senhor está ocupado, mas, por favor, oriente esta senhora”. Depois de muitas orientações, fiquei curioso em saber por que ela se mostrava com tanta intimidade, pois não me recordava de onde conhecia essa senhora.

Ao perguntar, fiquei sabendo que ela era a pessoa que aparentava quase 60 anos no ano anterior e que queria morrer. Na verdade, era uma senhora de 36 anos, cheia de vida e muito bonita; estava tão diferente, a ponto de eu não me recordar mais da orientação que lhe tinha dado no ano anterior.

“Prova dos nove” de um psicólogo

Certo dia, em Ibiúna, uma pessoa me procurou e disse: “Eu sei que a Orientação Pessoal é uma atividade privada, que não deve ser ouvida por outra pessoa, mas um jovem com o qual estou alojado no mesmo quarto, há quatro dias, deseja receber sua orientação e não se importa que eu fique junto. O senhor pode orientá-lo?”. Diante dessa concordância, respondi que sim. E o rapaz já estava no corredor. Perguntei, então, qual era o seu problema, e ele me disse: “Tenho tendência ao homossexualismo, sou ativo, mas não consigo ter relações com alguém do sexo feminino. Hoje estou noivo, mas não consigo me casar”.

Perguntei se não tivera bloqueio na infância, relacionado com o sexo, e ele contou que, quando tinha 6 anos, entre os garotos alguém comentou que os adultos praticavam o ato sexual. Ouvindo muitas fantasias dos meninos maiores, ele pensou: “Então, os meus pais também devem praticar. Vou ficar embaixo da cama deles e terei oportunidade de conhecer tal ato sexual”. À noite, entrou embaixo da cama dos pais. Como as horas foram se passando, ele acabou adormecendo. Mais tarde, quando sua mãe foi descansar, ouviu um ronco e descobriu o garoto embaixo da cama. Indagado, acabou confessando e apanhando até pedir perdão e prometer que nunca mais faria isso. Certamente, seu subconsciente, ainda imaturo, gravou com muita intensidade “Sexo com mulher, nunca mais”, pois apanhou da sua mãe, que era mulher, criando assim um complexo em relação ao sexo com mulher.

As orientações são dadas e esquecidas, salvo quando a pessoa orientada apresenta seu próprio relato de experiência. Alguns anos mais tarde, encontrei o preletor José Antonio Calheira Silva, na Bahia, e perguntei por que ele, como psicólogo, aderira à Seicho-No-Ie, e ele me disse: “Por você”. Como eu não tinha a mínima noção do que ele estava dizendo, perguntei mais detalhes, e ele me contou o episódio acima, recordando-me que a pessoa que acompanhou a orientação anos atrás, em Ibiúna, era ele.

Ele me contou que, na ocasião, compartilhou o mesmo quarto com o jovem, ouvindo dele a confissão do problema de homossexualismo. Como psicólogo, fizera uma análise e mostrara ao jovem o seu diagnóstico, mas este não lhe dera crédito em relação ao que estava ali diagnosticado. Então, ele quis “tirar a prova dos nove” com um preletor da Seicho-No-Ie. No ano seguinte, o preletor José Calheira encontrou aquele mesmo jovem na Academia de Ibiúna, com a esposa e um belo filho, comprovando que estava totalmente recuperado.

CAPÍTULO 7 A INFLUÊNCIA DO SUBCONSCIENTE

Consciente e subconsciente

O mestre Masaharu Taniguchi, no livro *A Verdade da Vida*, volume 8, nos explica da seguinte maneira: “A nossa mente, segundo a Psicologia, é formada pelo consciente, que é a parte superficial, que gera pensamentos do momento; e pelo subconsciente, que é a parte mais profunda, onde ficam acumulados os pensamentos como se fossem uma gravação em disco”.

No subconsciente, acumulam-se os pensamentos de acordo com a lei da mente. Por exemplo, cada vez que pensamos em algo acontecido, vamos gravando-o, porque o pensamento é uma energia que registra o conteúdo no subconsciente. Por esse motivo, devemos sempre pensar em coisas boas, positivas, otimistas, e manter alegre a nossa mente. Mas o ser humano tem como tendência pensar em coisas negativas, em vez de positivas.

Num Seminário, na atividade “Perguntas e Respostas”, houve uma pergunta sobre a seguinte situação: “Sou casada há trinta anos, realizei um casamento maravilhoso, tenho cinco filhos bem formados e situação econômica invejável, porém não dá mais para continuar vivendo junto com meu marido, porque ele me traiu uma vez. Ele prometeu que isso não vai acontecer mais e quer que o perdoe, mas não consigo perdoá-lo. Eu lhe fiz uma contraproposta — que eu o trairia uma vez e ficaríamos quites —, mas ele me disse: ‘Se você fizer isso, eu a mato’. Professor, me responda: quem está certo?”.

Vamos analisar o estado mental dessa senhora quando ficou sabendo da traição. Quantas vezes será que ela pensou sobre a traição do marido durante o dia? Mil vezes, ou dez mil vezes, ou talvez muito mais. Quando foi lavar a roupa do marido, em sua mente deve ter surgido o pensamento “Que desgraçado, esse marido traidor”. Quando foi preparar o almoço, deve ter vindo o mesmo pensamento; no jantar, idem. O pior deve ter sido na hora de dormir: “Não suporto mais a presença do meu marido”. Quantas vezes será que o ser humano pode pensar em 24 horas? Talvez milhões de vezes, só num dia. Então, em um mês, ou ainda em um ano? Assim, a convivência acaba ficando insuportável.

Como devemos orientar num caso como este? Temos de explicar a força do consciente: apesar de, proporcionalmente, ser somente uns 5% em relação ao subconsciente, o consciente tem a ação de direcionar a nossa mente. Naquele momento, o subconsciente dessa senhora estava cheio de ódio e mágoa. Será que não ocorreram muitos acontecimentos bons em 30 anos de casamento? O nascimento do primeiro, do segundo, do terceiro, do quarto e até do quinto filho; a compra do seu primeiro automóvel; a construção da sua primeira casa, o crescimento do seu empreendimento, a formatura de seu filho, o casamento de seu filho etc. Tudo isso está gravado no subconsciente como pensamento positivo. Então, temos de buscar no fundo do subconsciente, através da força da palavra, os fatos gratificantes, agradecendo às coisas boas que ocorreram, e perdoadando a única coisa negativa que aconteceu. Assim como foi gravado o pensamento negativo com muita intensidade, devemos utilizar esse método, visualizando com nitidez os pontos positivos do esposo.

Certa ocasião, conversando com um juiz da Vara Familiar, ele disse: “Não entendo por que os casais que vêm pedir a separação, ao serem indagados ‘Vocês não se amam mais?’, quase todos respondem ‘Eu amo, mas não dá para conviver’”. Expliquei ao juiz este mecanismo da mente, e ele ficou admirado como a Seicho-No-Ie consegue esclarecer com muita nitidez a função do subconsciente.

No livro *Assim Se Concretiza o Bem*, o prof. Seicho Taniguchi nos explica que é grande a influência do subconsciente na nossa vida.

Na página 70, ele escreve: “Analisando mais minuciosamente o nosso subconsciente, podemos descobrir a influência daquilo que podemos chamar de carma da vida anterior. É uma mente hereditária, que diverge um pouco da mente do instinto. Por exemplo, existem pessoas que possuem desejo anormalmente arraigado com relação ao dinheiro, causando problemas a muitas outras pessoas. É uma

situação em que somos obrigados a admitir a influência de um carma da vida anterior, não havendo apenas ação da mente do instinto”.

Os relatos anteriormente apresentados são conseqüências da mente do instinto na vida atual, que estava em situação de bloqueio. Porém, conseqüências de vidas anteriores em situações positivas como, por exemplo, jovens que não tiveram aulas de Matemática, mas que conseguem solucionar cálculos além do seu nível escolar; outros, com dom para música, que, sem muitas aulas, já conseguem tocar ao piano partituras de Beethoven ou Bach. São influências do subconsciente hereditário.

Em seguida, o prof. Seicho Taniguchi explica no livro *Assim Se Concretiza o Bem*, na página 72:

“Se a mente da vida anterior ou a do mundo espiritual influenciam nosso subconsciente, é forçoso admitir que as mentes de indivíduos vivos neste mundo também se influenciem mutuamente. Isso ocorre primeiro às claras, conscientemente, e, segundo, através do subconsciente. Existe intercâmbio mental do subconsciente. Conforme o gráfico, sobre a ‘ilha e mar’, a base de uma ilha, no fundo do mar, é continuação da base de outra ilha. Da mesma maneira, se aprofundarmos o subconsciente de A, verifica-se que ele está em contato com o subconsciente de B. Isto é, os dois possuem partes comuns, no tocante ao subconsciente.

“Isso significa que as pessoas se comunicam inconscientemente. O subconsciente, na sua acepção ampla, tem funcionamento bastante complexo, ligando solidamente os homens entre si. Por trás do subconsciente pessoal, bem no fundo, descobre-se a existência de subconsciente comum aos homens. Em algumas ocasiões, ele recebe o nome de local consciousness (consciência local), sendo característica de uma determinada localidade”.

Se houver algumas ilhas, uma perto da outra, com certeza, no fundo, na base, elas estão ligadas umas às outras. Assim, as pessoas de uma região estão ligadas mentalmente no nível do subconsciente, por costumes comuns como hábitos de comidas, maneiras de se vestir, sotaques da região. Como exemplo, a comida que mais consomem em todo o Norte e Nordeste do Brasil é a farinha de mandioca e muita carne-de-sol. O povo que mora no litoral, por sua vez, alimenta-se de muito peixe. Já no Sul do país, os habitantes têm preferência pelo churrasco, bebem muito vinho, tomam chá-mate (chimarrão). Podemos dizer que o povo, inconscientemente, comunica-se e, assim, forma-se um hábito regionalizado.

Subconsciente racial e o da humanidade

O professor Seicho Taniguchi escreve o seguinte:

“Além disso, haveria também uma mente peculiar a um determinado povo, que recebe o nome de race consciousness (consciência racial). A mente comum a toda humanidade é chamada consciência da humanidade, que possui limites mais amplos do que a consciência racial. Por exemplo, todos os homens nascem com dois olhos, posicionados horizontalmente. Ninguém nasce com três ou quatro olhos. Todos têm duas mãos e duas pernas”.

Subconsciente racial ou social

Que vem a ser consciência racial? Sou filho de japoneses e tenho hábitos que meus pais me ensinaram. Gosto de comida japonesa, mas, quando fui ao Japão pela primeira vez para estagiar durante três meses, estranhei o costume matinal. Fiquei hospedado na Academia de Tobitakyu, em Tóquio, onde a programação diária era a seguinte: despertar às 5 horas para a atividade matinal e, em seguida, tomar o “café-da-manhã”, que era constituído de arroz, mistura, sopa etc. Confesso que só suportei três dias e não consegui seguir esse hábito. O preletor Aizawa, que também estava lá fazendo estágio, emprestou-me um bule elétrico, muito prático, com resistência no fundo: colocava nele um copo de água e, enquanto me barbeava e lavava o rosto, a água já estava fervendo, bastando acrescentar uma medida de café solúvel. Na noite anterior, comprava pão e presunto ou salame fatiado. Então, fazia um sanduíche e aí me sentia muito bem. Como eu nasci no Brasil e já tinha convivido durante 50 anos com o povo brasileiro, adquirira o hábito de tomar café e comer pão pela manhã. O meu subconsciente racial, por origem, poderia ser de japonês, porém, por hábito, já era brasileiro.

Subconsciente da humanidade

Além da igualdade física — de possuir dois braços, duas pernas —, assimilamos o subconsciente da humanidade. Hoje, podemos dizer que a vida média dos povos se tornou mais longa do que 50 anos atrás. No passado, pessoas com 70 anos eram consideradas idosas, mas, hoje, há muitas pessoas na vida ativa aos 80 anos. São diversos os fatores que favorecem a longevidade — medicamentos mais eficazes, alimentação abundante —, mas o fator primordial é que as pessoas, atualmente, acreditam que podem viver 80 ou 90 anos. O subconsciente coletivo da humanidade considera a pessoa de 70 anos ainda com capacidade de trabalho.

Li, numa revista japonesa, uma reportagem que narrava o seguinte: um senhor, após aposentar-se trabalhando numa loja de jóias, disse “Agora estou pronto para iniciar um empreendimento, porque tenho conhecimento e prática no ramo de jóias”. Comprou uma loja no centro de Tóquio e, aos 89 anos, transformou-a numa das mais conceituadas lojas do ramo. O repórter da revista lhe perguntou qual era a sensação de ter vivido as duas etapas da vida, a primeira como funcionário de uma loja até se aposentar, e a outra como empreendedor, e qual seria a sua previsão para o futuro. Ele disse: “Como empregado, eu me aperfeiçoei; como empresário, apliquei todo o meu conhecimento para trabalhar dos meus 70 a 80 anos; e, agora, quando chegar aos 90 anos, vou pedir a Deus que me dê mais um tempo, porque, agora, quero desfrutar um pouco da minha vida”.

Numas das viagens que fiz ao Peru com minha esposa para realizar um Seminário da Luz, a preletora Noemi Espinosa teve a gentileza de levar minha esposa para conhecer algumas partes da cidade de Lima. Na despedida, eu lhe agradei pela sua gentileza, e ela disse “Não tem problema, porque sou aposentada como juíza de Direito”. E ela nos contou um fato interessante: seu pai trabalhava como advogado, aos 92 anos, e a sua secretária era a mãe dela (esposa dele), com 88 anos. Perguntei quem estava mais atualizado nas leis, e ela disse: “Sem dúvida, meu pai”. E ela complementou: “Meu pai trabalha com prazer em servir ao próximo”. Quem vivifica o próximo é vivificado.

Mente “inconsciente”

O prof. Masanobu Taniguchi explica, no seu livro ainda não traduzido Kokoro de Tsukuru Sekai(2), que o subconsciente é composto de diversas camadas, e que não é possível defini-lo com simples palavras, mas que é notória a influência do “inconsciente”, pois ele age em diversas situações: uma pessoa fica gostando de uma moça bonita, quer conquistá-la, porém, lá no fundo, poderá ter uma mente inconsciente que diz “Será que uma moça tão bonita vai gostar de uma pessoa como eu, sem instrução?”. O consciente pensa “Quero me casar” e se esforça para se preparar, mas, se estiver rodeado de companheiros que se divorciaram, no seu subconsciente pode ter gerado a idéia “Para que casar, se a maioria se divorcia?”. Nesse caso, dificilmente a pessoa vai conseguir se casar.

No subconsciente da humanidade, funciona uma mentalidade inconsciente que acredita na velhice e que, quando fica velho, o homem morre. Assim, a maioria apresenta sintomas da velhice, sem ter vontade de se tornar velho, salvo alguns que têm religião, têm consciência da importância de viver para ajudar o próximo e sentem alegria e felicidade por poder ser útil ao próximo. As pessoas que praticam a Seicho-No-Ie geralmente rejuvenescem, porque começam a ver tudo de modo positivo.

Porém, o perigo é quando o povo do país começa a ter os seguintes pensamentos coletivamente: “Somos um país pobre; somos um país de terceiro mundo; não tem jeito!”. Se ficarmos pensando assim, sem reagirmos para uma mudança, com certeza continuaremos pobres.

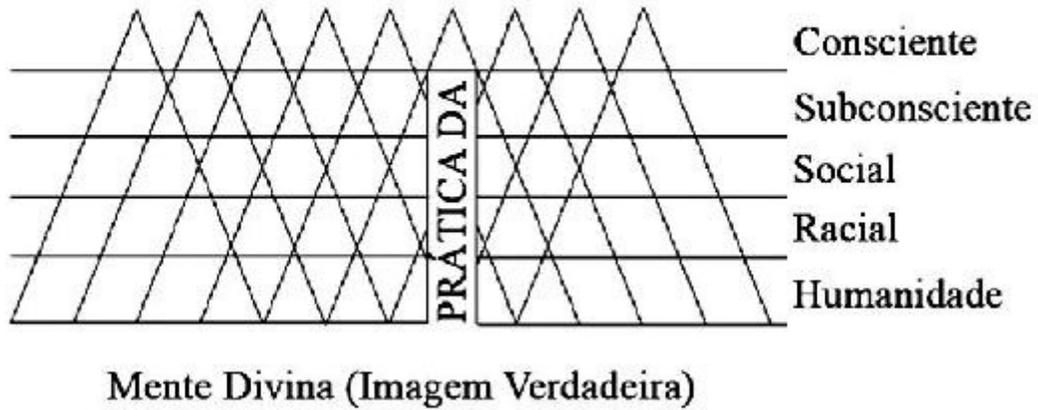
Aqui está a razão da existência da Associação dos Jovens. O Mestre nos ensina que, quando os jovens mudarem, o mundo mudará. Cabe a nós começar a sentir auto-estima, conscientizarmos que realmente somos filhos de Deus e começarmos a valorizar o nosso próprio país. O Brasil é o país mais rico do mundo, tendo em seu subsolo farta variedade de minério tais como ferro, alumínio, manganês, pedras preciosas, ouro, prata etc. Possui terras onde pode produzir variedades de alimentos e ser o celeiro do mundo. Tem a energia mais barata do planeta, gerada pela água que Deus nos dá. Somos os maiores produtores de café, açúcar, suco de laranja e muitos outros produtos.

Quando todos começarem a ter orgulho do Brasil, praticando a Meditação Shinsokan, a leitura da sutra sagrada, fortalecendo o seu subconsciente coletivo, racial, até o nível do inconsciente, com pensamentos positivos, com certeza mudaremos o destino da nossa Pátria, Brasil.

Este é o nosso trabalho. Felizmente, temos jovens que despertaram e que, conscientes da enorme responsabilidade de serem os futuros responsáveis, estão se destacando, cada qual na sua área, demonstrando a sua capacidade infinita, como a filosofia da Seicho-No-Ie ensina.

Esse ato de demonstrar a capacidade infinita é, sem dúvida, o que transpõe todos os conceitos, penetra na camada mais profunda e busca no fundo o subconsciente divino, a Sabedoria infinita de Deus, através da prática da Meditação Shinsokan.

**Deixo o mundo dos cinco sentidos
e entro no mundo da Imagem Verdadeira**



Aqui está a importância da prática dos ensinamentos. Assim como os atletas ou músicos treinam todos os dias, nós também temos de praticar, todos os dias, a Meditação Shinsokan e a leitura das sutras sagradas.

Mente cósmica e Mente Divina

O prof. Seicho Taniguchi, no livro *Assim Se Concretiza o Bem*, na página 73, nos escreve: “Além da ampla subconsciência da humanidade, existe o que se chama de cosmic consciousness, ou consciência cósmica. É a mente comum que faz o projeto do Universo todo, planejando toda a estrutura dos seres vivos e corpos planetários. Mas a consciência cósmica difere da superconsciência que citamos anteriormente. Como se trata de mente que faz planejamento fenomênico, ela pertence à mente fenomênica, ao passo que a superconsciência pertence à Mente Divina, à mente da Imagem Verdadeira.

“Por isso a consciência cósmica apresenta ainda pontos falhos, mas não existe imperfeição na superconsciência.

“Todos esses fatos nos fazem compreender o quanto é imensa e vasta a área de influência da mente”.

Podemos dizer que, quando a pessoa pratica assiduamente a Meditação Shinsokan e cria o hábito de visualizar a Imagem Verdadeira, ou concentrar sua mente na Mente Divina, tudo o que ela desejar se concretizará com certeza.

Sintonizando com a Imagem Verdadeira

Certa ocasião, uma senhora procurou a sede de Londrina e me perguntou: “Aqui é uma entidade religiosa?”. Respondi “Sim” e perguntei o que desejava. Ela me disse: “Será que não tem alguma pessoa com coração generoso que poderia ficar com duas crianças?”. Perguntei por que ela procurava uma pessoa assim, e ela começou a explicar a sua situação. Ela tinha duas meninas, fruto de uma vida irregular, pois, resumidamente, era “mulher de vida fácil”. Ela estava voltando do Hospital do Câncer, onde sofrera uma cirurgia na tentativa de cura do câncer no útero, porém o seu estado era muito adiantado, e o médico havia lhe dado somente mais 30 dias de vida, recomendando-lhe que fizesse tudo que tinha de fazer dentro desse prazo. Sua maior preocupação eram suas duas filhas menores, que não tinham com quem ficar.

Realmente era uma situação crítica. Perguntei se ela acreditava em Deus, e ela respondeu que sim. Eu disse a ela: “Se vai morrer daqui a 30 dias, morra agora!”. Só que expliquei-lhe o seguinte: Morrer significa morrer para o passado, renascer como filha de Deus, viver dignamente os últimos dias da vida para que, ao chegar ao céu, possa dizer a Deus ‘Eu errei muito na vida, mas, nos últimos dias, vivi dignamente, arrependida’, e ter condição de pedir perdão a Deus. Assim tudo se ajusta no seu respectivo lugar”. Ofereci a ela uma sutra sagrada, revistas da Seicho-No-Ie, e recomendei que voltasse todas as quartas-feiras à noite, para assistir às reuniões.

Fiquei observando-a: todas as quartas-feiras à noite, lá estava ela, sem falta, assistindo à reunião. O tempo foi passando — um mês, dois meses — e ela firme, no cantinho, freqüentando as reuniões. Após uns três meses, ela me procurou, toda sorridente, e me disse: “Professor, estive no Hospital do Câncer. Imagine o que aconteceu. O médico estranhou a minha presença e disse: ‘Você está viva? Que aconteceu? Deixe-me examiná-la’”. E não acreditava que ela era a mesma pessoa que ele tinha operado. Após minucioso exame, ele disse: “Que tratamento você fez? Você está totalmente curada”.

Ela tinha sido criada numa família humilde, mas religiosa. As circunstâncias da vida não a favoreceram, tendo de levar uma vida irregular. Como o seu inconsciente a culpava por isso, acabou manifestando-se no físico como câncer. Mas, quando ela conheceu a Seicho-No-Ie e despertou, com certeza os seus antepassados ficaram felizes. A prática dos ensinamentos fez com que sua natureza divina de filha de Deus se manifestasse e ocorresse a cura divina. O organismo do ser humano está a cada momento produzindo novas células. Se a mente ficar totalmente harmoniosa, o seu organismo recompõe as células saudáveis e se manifesta a saúde.

Após alguns meses, ela me perguntou se poderia procurar um companheiro, porque agora queria viver dignamente. Respondi que a vida era dela e que poderia viver como quisesse, porém, que não se esquecesse dos princípios básicos dos ensinamentos da Seicho-No-Ie.

Realmente, ela encontrou um companheiro que freqüentava a Seicho-No-Ie. E novamente me procurou para contar as últimas novidades: o rapaz casou-se com ela, “de papel passado”, e deu o seu sobrenome às duas meninas, que não tinham certidão de nascimento. Ela me disse: “Fico feliz de ter encontrado um homem tão maravilhoso! Professor, o senhor precisa ver como ele gosta das meninas. Se eu pudesse dar um filho a ele, imagino o quanto ele seria feliz!”. Então eu disse a ela: “Para Deus, nada é impossível. Ore, pois, se for da vontade de Deus, você será agraciada com um filho”. Confesso que eu não tinha tanta convicção quanto na ocasião em que a orientei pela primeira vez.

Porém, passados alguns meses, comecei a ver o ventre dessa senhora crescer e perguntei: “É o que estou imaginando?”. E a resposta foi positiva. Ela me disse: “Este filho o senhor vai batizar”. E não foi só um filho, mas, após dois anos, veio o segundo filho. De fato, para a força de Deus, não há o impossível.

Reforcei a minha convicção em relação ao ensinamento; Deus realmente é onipresente, é onisciente e está acompanhando todos nós, sem distinção de raça ou credo, como o Sol, que brilha sobre os ricos e os

pobres.

Este foi um caso que não permiti a divulgação do relato de experiência porque a sociedade tinha preconceito contra a “mulher de vida fácil”. O fato de essa família poder viver feliz, sem preconceito, integrada à família Seicho-No-Ie, foi a maior glória de Deus.

CAPÍTULO 8 O VALOR DA DIVULGAÇÃO COM AMOR

Divulgadora salva a vida de um médico

Certo dia, eu estava na sede da Seicho-No-Ie de Londrina e apareceu um senhor que aparentava ser uma pessoa culta, pela maneira com que conversava. Ele pediu que eu lhe mostrasse todos os livros que havia em português. Coloquei-os sobre o balcão, e ele perguntou: “Quanto custam os livros?”. Perguntei se ele se referia ao preço total, pois nunca tinha atendido alguém que chegasse pela primeira vez e quisesse comprar todos. A resposta foi “Sim, vou levar todos”. Impressionou-me muito essa atitude, e ele começou a participar das reuniões às quartas-feiras à noite.

Certo dia, conversando, fiquei sabendo que ele era professor de Medicina da Universidade de Londrina. A sua maneira de assimilar a filosofia foi tão rápida, a ponto de eu ter de pedir a ele para esperar algum tempo para que eu pudesse responder a algumas perguntas de cunho espiritual, sobre os ensinamentos, pois, como o meu conhecimento do idioma português era limitado, devido ao número restrito de livros traduzidos, necessitava investigar no original as respostas. Os anos se passaram, e ele me enviava alguns dos seus clientes com um envelope da sua clínica, contendo as recomendações e o ponto de vista dele baseado nos ensinamentos da Seicho-No-Ie. Aprendi muitas palavras próprias da Medicina.

Era constante a ocorrência de pessoas indicadas pelo dr. Paulo Batista pedirem para relatar experiências. Porém, certo dia, ele próprio disse: “Eu quero proferir um relato de experiência”. Fiquei sabendo o motivo da sua assiduidade às reuniões, à procura da Verdade: ele estava com câncer no reto e tinha emagrecido 8 quilos. Uma cliente, com quem tinha mais intimidade, por ser o médico da família, e amizade para dizer tudo, era divulgadora da Seicho-No-Ie. Vendo o seu médico magro, debilitado, disse-lhe “Doutor, o senhor está doente. Vá à Seicho-No-Ie, que o senhor vai se curar” e lhe deu uma revista Acendedor (hoje, Fonte de Luz). Ele, lendo-a e encontrando conteúdo que realmente admirou, foi à sede para comprar todos os livros. Estudando, participando e praticando os ensinamentos, curou-se do câncer no reto.

O motivo de o dr. Paulo Batista ter ficado com câncer foi o fato de seu irmão ter contraído câncer no reto e ele, como médico, não ter conseguido curá-lo. No seu relato, disse que foi perdendo a auto-estima e passou a duvidar da sua profissão, pois não conseguiu salvar o irmão que tanto amava; e, ainda, como iria lecionar na Faculdade de Medicina? Nisso, apareceu a divulgadora, filha de Deus, que lhe deu o exemplar da revista Acendedor. Ele nos relatou que, graças à Seicho-No-Ie, recuperou a auto-estima, descobriu o quanto era importante a sua profissão de médico e professor e começou a se dedicar com maior intensidade para salvar as pessoas, fisicamente como médico e mentalmente como praticante dos ensinamentos. Eis o motivo pelo qual me encaminhava alguns clientes para conhecer a filosofia. O que eu mais admirava nele era que me apresentava a pessoa e a acompanhava.

Seicho-No-Ie como tratamento médico

Certa ocasião, um senhor pediu para narrar um relato de experiência. Ouvindo-o, percebi que era uma das pessoas que o dr. Paulo havia encaminhado. Ele sofria de fobia e pensava que sempre algum mal estava para acontecer.

Acreditava que o seu coração não funcionava bem, por mais que o dr. Paulo falasse que ele não tinha nada. Não acreditando, pediu a uma equipe de cardiologistas que fizesse um check-up minucioso, pagando uma fortuna pelo exame. Como resultado, fizeram algumas considerações, com terminologia científica. Todo orgulhoso, levou ao dr. Paulo que, simplesmente, ignorou o resultado e lhe fez uma proposta: “Você quer realmente sarar da fobia?”. Ele aceitou a proposta que consistia em acompanhar o doutor durante três meses, todas as quartas-feiras, das 20 às 22 horas, sem direito a perguntas. Após os três meses, poderia perguntar. Esse lugar era a sede da Seicho-No-Ie em Londrina, com a seguinte programação: na primeira quarta-feira, explicação e prática da Purificação da Mente; na segunda semana, explicação e recitação de “Reino de Deus de Infinita Provisão”; terceira semana, explicação e prática da Oração Mútua; na quarta semana, explicação e prática da Cerimônia de Gratidão aos Antepassados; quando o mês tinha cinco quartas-feiras, havia palestra ou recitação de “Imagem Verdadeira, Harmonia, Perfeição”.

No relato, a pessoa disse que, no princípio, não entendeu nada, mas, como era tratamento médico sem direito a perguntas, acompanhou o médico. Porém descobriu um fato positivo: até então, freqüentava uma clínica de análise, submetendo-se a duas seções por semana que lhe custavam uma boa quantia, porém, na Seicho-No-Ie, não lhe cobravam nada; e, como não entendia nada, acabava adormecendo; quando o doutor o acordava, tinha a sensação de ter dormido um sono muito profundo. Relatou também que, passados os primeiros meses, a sensação foi de muita paz. Às vezes conseguia ouvir algumas explicações, tendo começado a compreender. Passou a ler as revistas e, quando percebeu, tinha adquirido alguns livros e estava freqüentando sem ser mais obrigado pelo médico.

Ele era dono de uma representação de carretas. Naquele dia, havia pegado fogo na sua oficina e tinha começado a queimar as carretas; o fogo já estava na segunda, mas ele rapidamente conseguira retirar a terceira carreta, engatando um cavalo mecânico, e, assim, salvou as restantes. Não foi nada excepcional; era mais do que normal o dono de uma oficina salvar o seu próprio estabelecimento. Porém, ele explicou que, se ocorresse isso em tempos anteriores, como era portador da fobia, com certeza seria o primeiro a desmaiar e ter de ser levado para um pronto-socorro. Mas, como já estava totalmente curado, graças à Seicho-No-Ie, ele teve a serenidade de retirar a carreta e comandar o combate ao fogo. A alegria dele foi poder, perante os seus funcionários, demonstrar comando como chefe, com serenidade, com postura de comandante.

CAPÍTULO 9

A CAPACIDADE INFINITA NO INTERIOR DAS CRIANÇAS

A Pedagogia da Seicho-No-Ie

No “Prefácio” do livro Pedagogia da Seicho-No-Ie do mestre Masaharu Taniguchi, contam quatro itens importantes para a conscientização de todos os educadores sobre essa pedagogia.

“1 – O princípio e o método educacionais que o prof. Masaharu Taniguchi desenvolveu com base na sua filosofia monista — que reconhece unicamente Deus e o que vem dEle — constituem a Pedagogia da Seicho-No-Ie, a qual permite chegar à Fonte da Vida e ter a visão de vida e a visão de mundo alicerçados na idéia de que nada existe verdadeiramente além do que é divino.

“2 – A Pedagogia da Seicho-No-Ie permite acreditar que toda criança possui em seu interior a natureza divina — a potencialidade infinita — e ensina a visualizá-la para extraí-la. É uma pedagogia que extrai a potencialidade com o poder da ‘visualização’, pois ‘visualizar’ é ‘concretizar’, em sentido filosófico.

“3 – Na Pedagogia da Seicho-No-Ie, distinguem-se claramente a Essência e o fenômeno e se visualiza unicamente a perfeição da Essência, por pior que seja a aparência fenomênica. Portanto, é uma pedagogia que elimina as imperfeições visualizando a Essência.

“4 – A Pedagogia da Seicho-No-Ie vivifica sempre o agora, visando à exteriorização da capacidade latente nos educandos.

“Existe no Japão uma organização chamada Liga dos Novos Educadores que está difundindo esta pedagogia nas escolas, nos lares e na sociedade em geral, com pleno êxito. Através dessa organização, educadores e pais, unidos, desenvolvem um amplo movimento de renovação educacional”.

O mestre Masaharu Taniguchi se preocupou com a educação, e, nos volumes 14, 25, 30 da coleção A Verdade da Vida, ele nos orienta e ensina um método de educação diferente do adotado pela sociedade, que tenta corrigir o educando apontando os erros dele. O Mestre nos ensinou que devemos ver as partes positivas da pessoa e elogiar esse lado positivo dela, que, naturalmente, desaparecem as partes negativas dessa pessoa. Dentro de nós, existe o infinito. Extraíndo esse infinito, todos podem se tornar gênios. Mas será que todos se tornam gênios? Não se tornam gênios porque a maioria das pessoas não conhece os ensinamentos desta filosofia maravilhosa da Seicho-No-Ie, que tem como base as palavras de elogio, de motivação, de incentivo.

Vou contar, aqui, um fato que ocorreu com uma professora recém-formada. Com muita alegria, ela foi assumir a sua nova profissão, mas, para seu desencanto, soube que teria de assumir uma classe do segundo ano do ensino fundamental com 38 alunos todos repetentes. Como ela pertencia à Associação dos Jovens da Seicho-No-Ie, telefonou-me contando os fatos e perguntou: “Que faço com esta classe?”.

Respondi: “É muito fácil; basta aplicar os princípios da Seicho-No-Ie: elogiar, motivar, incentivar os alunos e não se esquecer de pedir o apoio dos pais. Acreditar que essas crianças são filhas de Deus, que dentro delas se aloja a capacidade infinita, como um diamante ainda não lapidado. O modo como você vai lapidar será o seu trabalho, semelhante ao do profissional que pretende extrair o brilho de pedras brutas, tornando-as pedras preciosas. Devemos saber que a vida se desenvolve todos os dias, sem parar; basta reconhecer as virtudes. O estado atual de seus alunos é de quem está simplesmente encobrindo o brilho com um pouco de poeira e lama, que foram lançadas em forma de palavras mal pensadas, talvez por seus pais ou colegas, ou até por professores que, cansados por não conseguirem educá-los, acabam proferindo palavras negativas tais como: “Você não aprende”, “Você é um retardado” etc. Vou lhe dar a primeira dica. Para poder proferir palavras de elogio, você deve reconhecer um motivo. Encontrar esse motivo vai ser a sua primeira tarefa. Por exemplo, por mais fracos que sejam os seus alunos, eles poderão solucionar uma conta de somar, $1+1=$ ou $2+2=$, e acredito que a maioria vai acertar. Então, chame um por um e o elogie, dando aquele abraço. Repita este método durante uma semana. Porém, não se esqueça de enviar um bilhete para os pais desses alunos explicando o método que você vai adotar.

Isso é necessário porque um aluno que nunca recebeu elogio de uma professora provavelmente voltará todo entusiasmado para casa e mostrará o caderno ao pai. Se o pai não estiver preparado, poderá fazer ir por água abaixo esse esforço, com simples palavras de desprezo como ‘Ó tonto, uma conta dessa até um bobo consegue fazer!’”.

O desempenho dessa professora foi exemplar. Quando a criança não conseguia efetuar as tarefas, ela a atendia no seu próprio lar, a qualquer hora que a procurasse. Os alunos descobriram a alegria de estudar, os pais passaram a acreditar nos seus filhos. Assim, houve uma sintonia perfeita para manifestar a capacidade que estava oculta no interior dessas crianças. O resultado não poderia ser outro: no fim do ano, passaram todos, recebendo o elogio da direção da escola como “uma classe exemplar”.

E, na véspera do Natal, ela me telefonou: “Prof. Mukai, estou recebendo tantos presentes dos alunos! Será que posso receber todos?”. Eu disse a ela: “Se estão incomodando, pode trazê-los para minha casa”. Mas não me trouxe nenhum.

O método educacional da Seicho-No-Ie é um “método que não preconiza nenhuma forma de coação”. Parte do princípio de que todo ser humano é essencialmente bom; portanto, qualquer pessoa manifesta sua natureza benigna, desde que nada impeça essa manifestação.

Motivação

Certo dia, fui procurado por uma doutora em Pedagogia, dona de um colégio particular, porque sua filha não queria estudar. Ela me disse: “Minha filha tem 14 anos e está na quinta série, mas não demonstra a mínima intenção de estudar”. Como acredito que com 14 anos a jovem já tem personalidade própria, eu disse que gostaria de conversar com a própria filha.

Na semana seguinte, fui apresentado a uma linda garota que apresentava uma lucidez incrível. Perguntei “Por que não estuda?”. E ela me disse: “Professor, para que a pessoa estuda? Para se formar, encontrar um bom emprego, ganhar dinheiro, não é?”. Concordei, e ela prosseguiu, dizendo: “Minha mãe tem o colégio, meu pai é gerente de uma grande empresa, e eu sou filha única. Para que tenho de estudar se o dinheiro que os meus pais têm é suficiente para eu gastar sozinha?”. Tinha lógica a sua resposta, mas continuei: “Você tem alguma coisa que admira neste mundo?”. E ela disse que admirava os cientistas, pois, do nada, pesquisavam e conseguiam inventar muitas coisas úteis para a humanidade. Aí eu disse: “Que tal você se tornar uma cientista? No Brasil, os cientistas geralmente têm muita dificuldade de conseguir verba para as suas pesquisas, mas você já tem verba para pesquisar e ajudar a humanidade”. Ela me disse: “Professor, eu não sou boba, não. Se eu quiser passar de ano, é só estudar”. “Ótimo! Espero que você cumpra essa promessa”, respondi e propus um segredo: “Não vou contar a ninguém o motivo pelo qual você voltou a estudar, até que você passe de ano”. Na semana seguinte, a doutora veio me perguntar o que eu tinha falado à sua filha. Quando perguntei o que estava acontecendo, ela me disse que sua filha voltara a estudar com todo o empenho. Concluí que sua filha estava se esforçando para realizar o objetivo, mas eu não poderia falar a respeito até o fim do ano. Com certeza, a filha deve ter contado quando passou de ano letivo.

Aqui fica novamente a comprovação de que, se tiver um objetivo ou ficar motivado, o ser humano manifesta a sua natureza divina. É essencial, pois, reconhecer e valorizar a personalidade do indivíduo. Educar uma criança não é moldá-la de acordo com os pensamentos dos adultos. Cada ser tem sua personalidade própria, distinta de outras pessoas, e é isso que tem valor como filho de Deus.

Devemos conhecer o sentimento da criança

Certa ocasião, fui procurado por uma professora de curso para excepcionais, todos surdos e mudos. Ela tinha um aluno com 6 anos que roubava objetos dos colegas e os escondia em algum lugar dentro da escola. Isso era um problema para toda a escola, pois todos tinham de deixar de dar aulas e procurar o objeto “roubado”, para devolvê-lo à criança que fora vítima. Porém, para esse garoto, será que o ato era roubo? Para nós, adultos, isso significa roubo, e precipitadamente acabamos julgando. Porém, ao perguntar como ele se comportava quando as pessoas da escola inteira procuravam o objeto escondido por ele, a professora me disse que ele ficava rindo; aparentemente, parecia que até estava se divertindo. Para um menino de 6 anos, surdo e mudo, sem condições de se comunicar com os outros, essa foi simplesmente uma maneira que descobriu para ser alvo da atenção de toda a escola.

Orientei-a a fazer o seguinte: “Quando chegar à sala de aula, dê um abraço, dê um beijo, demonstre todo o carinho, e, se ele praticar novamente o ato de roubar ou esconder algum objeto, procure saber o que era, devolva à criança que foi vítima um outro objeto igual, e não dê mais atenção ao ato cometido por ele. Também, deixe de dar o seu abraço, o seu beijo, mostrando a ele que a senhora não gostou do ato que ele cometeu”.

Ao analisar o comportamento desse aluno, percebe-se que ele só queria ter a atenção de toda a escola. Como não conseguia se expressar, ele tinha encontrado uma maneira de ser o alvo das atenções em toda a escola, em especial dos professores, como se fosse um herói.

Assim, ele passou a receber todos os dias o amor da professora, mas, quando “roubava” (escondia algum objeto de um colega), a professora não demonstrava seu carinho com beijos nem abraços, para que ele descobrisse que esse ato não era uma boa atitude. Com alguns meses, esse aluno se curou totalmente desse hábito.

Observar e extrair é a Pedagogia da Seicho-No-Ie. Basta ver a natureza divina que se aloja no interior de cada criança e fazê-la crescer.

O Departamento de Educadores da Seicho-No-Ie vem mantendo, todos os anos, um Curso por Correspondência para pessoas interessadas que atuam na área do Magistério. Este Curso já é conhecido em âmbito nacional, e o Departamento está sendo convidado para participar de diversos tipos de fórum educacional.

CAPÍTULO 10

AS SETE DIMENSÕES E AS PRÁTICAS DA SEICHO-NO-IE

As dimensões

Quem me alertou sobre as dimensões foi também o dr. Paulo Batista. Um dia, chegando à sede de Londrina, como de costume, ele estava entusiasmado. Com a revista Acendedor número 137 na mão, disse: “Vocês têm de acordar e agradecer ao Mestre que temos. Eu, como catedrático, tenho de comprar livros para estudar e dar aulas. Recentemente, comprei uma enciclopédia de 42 mil cruzados que explica um pouco sobre a quarta dimensão e as leis da mente. Mas, agora, adquiero este Acendedor por 25 centavos e encontro aqui uma explicação até a sétima dimensão, com muita nitidez!”. Devido a esse entusiasmo do dr. Paulo, estudei o assunto com muita atenção.

Realmente, esta explicação me ajudou muito a esclarecer a essência da filosofia, elucidar os adeptos e fazê-los compreender os ensinamentos da Seicho-No-Ie.

Para as pessoas que não tiveram oportunidade de conhecer estas “Palavras do Dia”*, vou transcrever os trechos que se referem às dimensões.

“Existência unidimensional”

“Suponhamos que exista aqui um ‘ponto’. O ponto que enxergamos a olho nu ocupa um certo espaço. Ao microscópio, esse espaço será ampliado e será visto maior ainda, mas imaginemos esse ‘ponto’ do qual eu falo como um ponto simbólico, como aquele da geometria, que ocupa apenas uma posição, sem nenhuma dimensão, tal como comprimento, largura ou altura. Imaginemos esse ponto rolando em determinada direção. Se imaginarmos o rastro deixado pelo ponto em sua trajetória, poderemos visualizar esse prolongamento como uma ‘reta’, que possui apenas ‘comprimento’, sem largura. A esse prolongamento damos o nome de ‘dimensão’. Isso a que chamamos ‘reta’ não possui largura nem espessura; apenas é um prolongamento, designado ‘comprimento’. E a isto denominamos ‘existência unidimensional’. A pessoa de pouco raciocínio, que considera válido apenas o seu próprio pensamento, e que vive egoisticamente sem refletir em mais nada, é aquela que tem uma ‘existência unidimensional’ e não enxerga os lados. É como um cavalo com tapa-olhos. As pessoas que têm estreita visão de vida e que, no entanto, pensam estar levando um estilo de vida livre são desse tipo.

“Existência bidimensional”

“Giremos a ‘reta’ que obtivemos rolando o ‘ponto’, em ângulo reto em relação ao seu comprimento. Imaginando a sua trajetória, além do ‘comprimento’ da ‘reta’, haverá a ‘largura’. Ou seja, aparecerá o ‘plano’ formado pelos prolongamentos equivalentes a ‘comprimento’ e ‘largura’. A existência que possui esses dois prolongamentos é chamada ‘bidimensional’. Não avança somente para a frente, igual a um cavalo com tapa-olhos, mas enxerga também os lados. Por enxergar os lados, pensa em conviver harmoniosamente com os outros, ou desperta na pessoa o sentimento de amor ao próximo. Ampliou-se, dessa forma, o campo de visão da vida. Mas, quando isso pende para o lado negativo, ela invade a área do próximo.

“Pessoas que levam esse tipo de vida bidimensional enxergam os lados, a frente e atrás, mas não enxergam acima. Essas pessoas que, sem saber que Deus está olhando de cima, invadem a área do próximo e o prejudicam só podem ser tachadas de elementos bidimensionais.

“Existência tridimensional”

“Foi obtida uma reta rolando um ponto; rolando essa reta, apareceu o plano. E, erguendo esse plano em ângulo reto em relação à superfície e imaginando o prolongamento obtido, surge uma dimensão para cima e para baixo.

“Pode-se chamar esse prolongamento de altura. Ou seja, além dos prolongamentos de comprimento e largura, passou a existir altura. Chama-se a essa nova forma ‘existência tridimensional’. Nós, que habitamos o mundo visível, captamos imagens que possuem comprimento, largura e altura. E vemos também o nosso corpo carnal como uma existência que possui essas três dimensões. Enquanto é visto assim, o ser humano é uma existência tridimensional.

“Creio que podemos concluir que aquele que avança em linha reta é um ser biológico unidimensional; aquele que vive pensando nos outros é um ser biológico bidimensional; e aquele que se reconhece ligado à Vida dos ancestrais e dos pais é um ser biológico tridimensional.

“Terceira dimensão — lei da matéria

“É o mundo da matéria e é onde funciona a lei da matéria. No mundo dos cinco sentidos, fazemos as práticas recitativas de ‘Reino de Deus de Infinita Provisão’ e ‘Imagem Verdadeira, Harmonia, Perfeição’, e repetição da palavra ‘obrigado(a)’”. (In: Acendedor no 137)

Procurei escolher as “Palavras do Dia” que esclarecem desde a primeira à sétima dimensão. Por meio dessas “Palavras”, consegui discernir a filosofia da Seicho-No-Ie com muita nitidez, motivo pelo qual as reproduzo aqui, com algumas exemplificações. A filosofia da Seicho-No-Ie baseia-se na lei da mente, dando exemplos muito claros.

A “mente” é a essência de tudo; tudo já existe na “mente divina da Imagem Verdadeira”. Na verdade, tudo que temos de fazer é absorver a experiência através das práticas e do conhecimento de que somos efetivamente a “Divina Essência do Cosmos” e estabelecer essa sintonia. Então, “receber ou não” depende de captar ou não essa transmissão. Se alguém tiver a mente sempre alegre, vai sintonizar com coisas que dão alegria. Mas, se ficar sempre com a mente sombria e triste, é lógico que sintonizará com motivos de tristeza.

Paralelamente às dimensões, encontramos situações a que chamamos de “leis”. Por exemplo, o mundo tridimensional seria o mundo das leis da matéria, porque é o mundo onde podemos ver, apalpar, cheirar, escutar e falar ou, em outras palavras, o mundo dos cinco sentidos.

Nas práticas da Seicho-No-Ie desse nível, temos as práticas recitativas. A recitação é um meio de se iluminar através da tríplice ação de purificação: do corpo, da boca e do pensamento. Para purificar o corpo, há práticas como a oferta de trabalho físico, a divulgação de revistas, a divulgação de convites para Seminário da Luz, a colaboração com limpeza das praças etc. Através da expressão verbal, podemos transmitir palavras de incentivo a uma pessoa que esteja em depressão, ou fazer uma leitura da sutra sagrada a pessoas que estão hospitalizadas. O pensamento pode ser usado todo o tempo, mentalizando o lado positivo de si próprio, tais como “Sou filho de Deus, sou saudável, sou inteligente, tenho sorte”, enfim, em vez de ficar pensando em palavras negativas, procura-se mentalizar o lado positivo, se possível sempre associado a um acontecimento agradável, que teve resultado positivo.

Uso da expressão verbal

Usamos a boca para falar. A prática de recitações consiste em purificar as palavras faladas. Dentre as práticas que realizamos, a recitação de “Imagem Verdadeira, Harmonia, Perfeição” promove a harmonização com pessoas e atos com os quais, conscientemente, sentimos algumas restrições. Ao pronunciarmos as palavras em voz alta, nós as ouvimos, fechando um círculo que se grava no subconsciente, o que faz ocorrer a transformação da mente.

Quanto à recitação de “Reino de Deus de Infinita Provisão”, na verdade o homem é herdeiro de Deus; basta buscar na casa do Pai tudo de que necessita. Para isso, temos de, em primeiro lugar, saber falar a linguagem do Pai. E qual é a Sua linguagem? Primeiramente, agradecer a todas as coisas do céu e da terra, a tudo que possuímos agora. Em outras palavras, seria a “gradidão”. Dentre os mandamentos de Cristo, o primeiro diz “ama a Deus”, e o segundo diz “Ama o próximo como a ti mesmo”. Isto quer dizer que, quando amamos e agradecemos às coisas que temos agora, manifesta-se o que está escrito na Sutra Sagrada Chuva de Néctar da Verdade: “Quando a Mente deste Deus onipotente, deste Deus perfeito, entra em vibração e se torna Palavra, desenvolve-se todo o Fenômeno e todas as coisas passam a ser”. Portanto, pronunciar em palavras o que foi desenhado na mente é induzir a mente a concretizá-lo no mundo fenomênico.

Nosso Pai não é avarento; Ele é mão-aberta, todas as coisas de que necessitamos vêm do Pai, desde os tempos passados, como no presente e no futuro. A Provisão é ilimitada; isso acontecerá sem jamais cessar. Se houver algo que restrinja a nossa riqueza, isso está em nossa própria mente. Temos de atentar que estamos falhando com algo chamado “prática”. Quando realizamos a leitura da sutra sagrada em voz alta, também usamos as faculdades de falar, ouvir e agir. Pronunciar a palavra de agradecimento “obrigado(a)” penetra nas faculdades dos cinco sentidos.

A “prática recitativa” é verbal, e nela recitam-se palavras da Verdade, usando as faculdades de falar e ouvir.

Como o pensamento pertence ao mundo da quarta dimensão, da lei da vibração ou da lei mental, vamos explicar a respeito em item mais adiante.

A maior declaração da Seicho-No-Ie

No item 11, do livro *O Que Deve Fazer o Dedicado à Iluminação*, o Mestre descreve o momento em que recebeu as revelações divinas: uma voz grave, muito imponente, disse “A matéria não existe, o seu corpo não existe, a mente também não existe. O que existe é somente a Imagem Verdadeira”.

Dentro de cada dimensão da matéria, da mente e do espírito, há práticas correspondentes na Seicho-No-Ie. Porém, essas dimensões pertencem ainda ao mundo fenomênico, mundo que se transforma, ou seja, que muda de acordo com o procedimento da mente da pessoa ao estudar esta filosofia. Quando a pessoa conscientiza a sua natureza divina, a sua Imagem Verdadeira, o que era projeção falsa transforma-se. Por exemplo, apesar de a mente em ilusão estar projetando a doença, ao conscientizar que ela é filha de Deus e é perfeita, essa pessoa observará que a doença desaparecerá, havendo mudança de corpo enfermo para corpo saudável. Isso nada mais é do que a mudança da matéria, antes doentia, e agora totalmente sã, como projeção da mudança da mente.

“Interferências de mundos de outras dimensões

“Suponhamos um inseto que enxerga apenas a frente, e não os lados, tentando pegar um alimento à sua frente. Se deslocarmos com o dedo o alimento para o lado, esse inseto, como enxerga somente em linha reta e não consegue imaginar que o alimento possa ter mudado de posição, achará que o alimento ‘desapareceu subitamente’. Também, se for colocado um alimento à frente do seu campo visual, o inseto vai supor que o alimento apareceu de modo milagroso.

“Fatos semelhantes ocorrem também com os humanos: algum ‘elemento espiritual’ que vive em dimensão mais elevada que a do homem carnal pode responder à oração do ser humano, curando a doença ou oferecendo-lhe um trabalho. Esse ‘elemento espiritual’ atua de uma outra dimensão que não é perceptível pelo homem carnal.

“Intercâmbio com o mundo da quarta dimensão

“O local onde habita o homem carnal é tridimensional e é um mundo, por assim dizer, de seis faces. Possui teto, assoalho e quatro paredes; e, quando está todo fechado, é intransponível. Contudo, pertencendo o ‘espírito’ ao mundo da quarta dimensão, ele pode entrar livremente no recinto hermeticamente fechado onde nós estivermos. É o que acontece com um fantasma, que consegue trânsito livre em qualquer recinto fechado.

“Vivendo no mundo da quarta dimensão

“Porém, o progresso material, pelo fato de ‘erguer-se’, vai-se aproximando de coisas espirituais. ‘Altura’ é sinônimo de ‘espiritualidade’, de ‘Reino de Deus’, de ‘Céu’. Pelo fato de erguerem-se torres de TV e equipamentos de radar, as ondas eletromagnéticas unificam a humanidade. Assim, é retirada a barreira divisória do mundo tridimensional de comprimento, largura e altura, e as ondas eletromagnéticas comunicam-se entre si, transpassando até mesmo as paredes de concreto de uma sala fechada. Contudo, neste mundo da quarta dimensão ainda existem conflitos e saques.

“As invasões não se processam tão-somente em terras alheias, mas também no mundo das ondas eletromagnéticas, ou seja, no mundo da quarta dimensão. É preciso, então, penetrarmos no mundo acima dessa dimensão.” (In: Acendedor no 137)

Quarta dimensão — lei da mente

Em termos filosóficos, é a lei da vibração. Como prática, temos a Oração Mútua.

O tempo e o espaço são uma “forma de reconhecer”. Existem em nossa mente fatos e coisas que se desenrolam na “tela do reconhecer”, numa sucessão contínua de passado, presente e futuro. O passado e o presente estão contidos em nossa mente, são como está escrito na sutra sagrada: “O tempo está na palma das mãos da Vida, a qual, cerrada, se torna um ponto e, aberta, se torna infinita”.

Como a mente grava todos os acontecimentos da nossa vida, esses fatos formam o subconsciente, o qual tem uma força de 95% de ação. Se as gravações fossem somente positivas, com certeza a vida se desenrolaria às mil maravilhas. Mas o ser humano tem a tendência de gravar tudo e de se recordar com mais constância das coisas negativas gravadas.

As pessoas lavam o corpo todos os dias, mas poucas são as que conseguem limpar a mente todos os dias. Na Seicho-No-Ie, aprendemos que, para limpar a mente, podemos fazer a Meditação Shinsokan, a Oração para Perdoar, ou a prática de Purificação da Mente.

Numa Orientação Pessoal, ocorreu o seguinte: uma moça que estava prestando exames vestibulares para o curso de Medicina pela quarta vez pediu-me orientação, pois estava com medo de novamente não conseguir ser aprovada. Perguntei por que estava com medo, e ela me respondeu: “Medo da redação”. Perguntei que nota tinha tirado em redação do primeiro exame, e ela disse “Quatro”, e nos seguintes também “Quatro”.

Vamos analisar o que aconteceu com a mente dessa jovem. Após a reprovação, ela começou a freqüentar um cursinho. Mas, quando encontrava uma colega no ônibus indo à universidade, como reagia a mente dessa moça? Creio que se lembrava com muita tristeza e mágoa da maldita nota quatro em redação. Imaginemos: no período de tempo até o vestibular seguinte, quantas vezes esse pensamento deve ter sido gravado com a força do ressentimento! Multiplicando isso por quatro, realmente dá para ficar com medo, não? Porém, a sábia orientação da Seicho-No-Ie nos ensina a prática de Purificação da Mente. Assim, como foi gravado com muita energia, aproveitando essa mesma energia, pode-se extraí-lo do subconsciente, escrevendo-o numa folha de papel, com a força do pensamento e o tato da mão, passando para o papel todas as mágoas, ressentimentos e tristezas sentidos durante esses quatro anos em que foi reprovada.

O Mestre nos ensina que a “Purificação da Mente” é uma prática em que se eliminam os pensamentos e sentimentos negativos e ilusórios dos seres humanos, sob a bênção e a orientação de Deus, que faz derramar a “Chuva de Néctar da Verdade”, e que, através dessa prática, são purificados os carmas maléficis do praticante e de seus antepassados.

A jovem participou com muita seriedade das reuniões, praticou a Meditação Shinsokan todas as noites, conforme a orientei. Após uns dois meses, ela apareceu na sala de Orientação Pessoal com o boletim que a universidade lhe tinha enviado, informando as notas que obtivera no último vestibular; e ela, apontando para um círculo em vermelho feito no boletim, me disse: “Olhe, professor! Quando vi, lá estava a nota 9,1 em redação”.

Podemos sentir o quanto é vasto o campo que a mente abrange, desde a primeira até a sétima dimensão, quando a mente atinge o estado de perfeita harmonia e perdão. Num estado de espírito elevado, conseguimos realizar os objetivos desejados.

O Mestre nos explica que, quando alguém atingir a perfeita harmonia com todas as coisas do céu e a terra, aqui mesmo, no mundo material, poderá desfrutar a manifestação da Imagem Verdadeira.

“Intercâmbio com o mundo da quinta dimensão

“Se, até mesmo no mundo da quarta dimensão, existem a ilusão e a disputa, precisamos alcançar um mundo de dimensão ainda mais elevada. Esse é o mundo dos espíritos, dos antepassados, dos guias espirituais.

“Há alguns anos, quando estive nos Estados Unidos, eu falei sobre os ‘espíritos dos antepassados’, embora lá respeitem a existência de pais e avós vivos, e embora exista o termo ‘antepassados’, os americanos com os quais eu conversei não puderam entender como, de forma concreta, os espíritos dos ancestrais podem existir e, conforme o grau de sua iluminação, proteger ou prejudicar os descendentes. Com relação a esse assunto, alguns norte-americanos não conseguiram atingir ainda o mundo da quinta dimensão, embora reconheçam os mundos da terceira e quarta dimensões e consigam praticar terapias físicas pertencentes a essas dimensões, utilizando a eletricidade ou a radioatividade; mas não lhes ocorre que, através da leitura da sutra sagrada aos ‘espíritos dos antepassados’, possam conduzi-los à iluminação e aumentar com isso a capacidade de proteção desses espíritos, e assim melhorar ainda mais o próprio destino.” (In: Acendedor no 137)

Mundo da quinta dimensão — lei dos espíritos

O Mestre escreve nas “Palavras do Dia 19” sobre o mundo da quinta dimensão:

“Se, até mesmo no mundo da quarta dimensão, existem a ilusão e a disputa, precisamos alcançar um mundo de dimensão ainda mais elevada. Esse é o mundo dos espíritos, dos antepassados, dos guias espirituais”.

Se o mundo da mente é complexo, o mundo dos espíritos será muito mais complexo. Nós temos livros que podem elucidar sobre o mundo espiritual: A Verdade da Vida, volumes 9 e 10; Alegria de Cultuar os Antepassados e Melhore Seu Destino Orando pelos Antepassados.

A maioria das pessoas já deve ter ouvido a exemplificação de que os antepassados representam a raiz de uma árvore. Para que a árvore se torne frondosa, é preciso adubar e regar bem as raízes. E a raiz também tem de ser saudável. Adubar e dar água compete a nós, cuidando para que a raiz, invisível, esteja sempre saudável, em franco desenvolvimento, bem como que a seiva circule dentro da raiz. Cuidar da raiz significa que as pessoas de ligações consanguíneas devem oferecer orações, missas ou, em nosso caso, que somos adeptos deste ensinamento, fazer orações de gratidão todos os dias, de manhã ou à noite, aos nossos antepassados.

Porém, é importante informar às pessoas que a Seicho-No-Ie não tem preconceito ideológico, racial ou religioso, e recomenda que as pessoas devam pertencer à religião tradicional da sua família, pois, ao estudar a filosofia da Seicho-No-Ie, com certeza vão compreender melhor a sua religião de origem.

O Mestre nos explica que, no mundo em que vivemos, recebemos uma influência grande do mundo espiritual; isso, no budismo, é denominado ação do carma. Não somente o indivíduo, mas também a nação e o povo armazenam a força dos pensamentos, palavras e atos do passado, cuja inércia faz com que corram sobre o trilho do destino que lhes é próprio. E, sendo o indivíduo um elemento que compõe a nação ou o povo, o destino individual também depende desse destino coletivo. Nós somos como numerosos barcos navegando em meio à correnteza do carma que a nação ou o povo vieram acumulando. Dificilmente deixamos de receber as influências dessa correnteza; uns são levados por ela, outros conseguem atingir a margem oposta sem problemas. Nisso está o resultado do esforço individual, da vontade própria etc., de modo que não podemos negar o valor desse esforço e o seu poder de modificar o destino.

O conhecimento de orar aos antepassados

A influência que o ensinamento da Seicho-No-Ie provocou no conceito do povo brasileiro com a prática da Oração de Gratidão aos Antepassados não precisa de comentários. Basta lermos os inúmeros relatos de experiências das pessoas que se salvaram de enfermidades e desarmonias e resolveram todos os seus problemas depois de oferecer orações aos espíritos não esclarecidos.

Quando fui proferir uma palestra no distrito de Londrina (PR), convidado por um adepto japonês que desejava fazer a divulgação em português, antes da palestra, fui procurado por um fazendeiro. Ele contou que a sua vida era trabalhar para pagar médicos e hospitais e que essa fora a vida do seu pai também, cujas palavras de recomendação no momento da despedida foram: “Filho, guarde dinheiro para eventuais doenças na família”. Assim, ele vinha cumprindo fielmente a recomendação do pai. Porém, queria mudar a maneira de viver. Ao perguntar se ele já conhecia a Seicho-No-Ie, ele me disse que recebia as revistas Acendedor. Expliquei-lhe sobre o mundo espiritual e indaguei se teria condição de fazer orações de gratidão aos seus antepassados. Disse-lhe também que “mesmo o dinheiro será usado conforme foi previsto. Se você guardar o dinheiro para uma eventual doença, quando acumular uma quantia, com certeza esse dinheiro seguirá o destino para o qual foi reservado. Doravante, quando fizer as orações aos seus antepassados, fale: ‘Estamos felizes pela proteção que recebemos. As safras seguintes vão ser reservadas para o bem-estar da família, tais como comprar novos tratores, reformar a casa etc. Agradecemos à proteção dos senhores’”.

Passados alguns meses, ele me procurou na sede de Londrina para agradecer, pois sua vida tinha mudado totalmente, e ele estava muito feliz em ter conhecido esta filosofia.

Nível espiritual

É importante conhecer um pouco sobre a situação dos espíritos desencarnados e os caminhos que seguem. Os espíritos menos desenvolvidos continuam no nível do mundo dos desejos, ou seja, situam-se na quinta dimensão, mas com a mente ainda apegada à terceira dimensão, no mundo da matéria. Lemos na Sutra Sagrada Chuva de Néctar da Verdade que há “espíritos que não têm coração e sofrem de doenças cardíacas, espíritos que não têm estômago e sofrem de doença gástrica”; são exatamente esses espíritos que ainda necessitam de muitas orações para se desapegarem da vibração material e evoluir num mundo espiritual mais elevado.

Espíritos desapegados ou sublimes

Os espíritos desapegados ou sublimes, já conscientes da missão cumprida na face da Terra, voltam ao mundo espiritual, juntam-se entre si na mesma profissão e continuam a pesquisar para a evolução e para beneficiar a humanidade. É do conhecimento de todos que a invenção da penicilina foi graças a um acidente: uma pequena porção de humo caiu no tubo de ensaio e se cristalizou. Isso trouxe uma infinidade de benefícios à humanidade, acabando com o bacilo da tuberculose, que era uma doença mortal na década de 1950.

Muitas pessoas devem ter saboreado a uva rubi, semelhante à uva Itália, só que é rosada. Essa uva apareceu numa parreira do sr. Kotaro Okuyama, em Santa Mariana, Estado do Paraná, em um pé de uva Itália. De repente, uma rama começou a produzir essa uva rosada. Em termos técnicos da agricultura, isso se denomina “mutação repentina”, porque não foi feito nada em termos técnicos de enxerto ou de cruzamento de sementes; simplesmente já apareceu transformada. Para os cientistas, pode ser uma incógnita, mas, através dos ensinamentos da Seicho-No-Ie, podemos imaginar que, lá no mundo espiritual, juntaram-se espíritos de agricultores e agrônomos que trabalharam a vida inteira no cultivo de uvas e continuaram a pesquisar no mundo espiritual; e, chegando a uma conclusão sobre as pesquisas, decidiram enviar esse produto de pesquisa a uma pessoa que também tinha boas intenções, como sr. Okuyama, o qual imediatamente distribuiu as ramas para os companheiros. A sua difusão foi imediata, e hoje, até no campo de pesquisa das uvas no Japão, essa espécie está catalogada como “uva Rubi Okuyama”.

Ouvi um relato na Academia Sul-Americana de Treinamento Espiritual de Ibiúna em São Paulo, de um jovem que ficou desempregado e começou a fazer Oração aos Antepassados para encontrar um bom emprego. Certo dia, após a leitura da sutra sagrada aos antepassados, ouviu uma voz que dizia: “Envie currículo para grandes empresas”. Porém, não tendo a mínima noção de como fazer isso, continuou lendo a sutra sagrada e ouviu: “Vá ao correio e, através das Páginas Amarelas, envie o seu currículo”. Ele enviou mais de quinhentos currículos, porém apenas uma empresa respondeu; e era exatamente a que necessitava de um representante na região onde ele residia, para venda de produtos para confeitaria e padaria. Perguntando a ele sobre o que fazia seu pai, ele me respondeu que fora bom padeiro em vida.

Podemos compreender que sempre somos orientados pelos espíritos dos nossos antepassados, pois fica muito claro que, se aqui na vida terrena os pais têm vontade de ajudar os seus filhos, com certeza, mesmo após regressar ao mundo espiritual, se puder ajudar o filho, qualquer pai o fará com muito amor. Reforço a necessidade de sempre orar aos antepassados, com muita gratidão.

Mundo espiritual transcendente

É o mundo dos espíritos que normalmente são chamados de espíritos brancos. Eles raramente vêm ao mundo material e são como anjos da guarda da humanidade, pois têm capacidade de controlar climas e trabalham incansavelmente para que não ocorram grandes catástrofes. No volume 9 de A Verdade da Vida, na página 156, o mestre Masaharu Taniguchi nos escreve: “Os espíritos que se encontram na zona compreendida entre a superfície da Terra e as nuvens são avermelhados. Na esfera superior, habitam os espíritos cinza; quanto mais alto, mais pura se torna essa cor cinza. Nas alturas onde não há nuvens, habitam os espíritos de cor azul. A esfera superior, o mundo de éter sutil — o espaço entre as estrelas —, é o mundo dos espíritos brancos.

“Nesse mundo dos espíritos elevados, é produzida a ‘corrente fluídica’ que pode modificar os acontecimentos terrenos que o misterioso destino (a mão do incognoscível) determinou. Essa “corrente fluídica” parece empregar a força magnética que existe no nosso sistema solar e no nosso Universo. E o objetivo da utilização dessa força seria o de orientar e promover a evolução dos espíritos...”

Os anjos da guarda que nos protegem, quando assumimos algum cargo dentro de uma organização e passamos a nos dedicar para o bem da humanidade, podem ser espíritos dos nossos antepassados evoluídos; e também, quando o evento é de uma dimensão elevada, podemos receber a proteção desses espíritos.

“Mundo da sexta dimensão — mundo do Amor

“O mundo da sexta dimensão é o mundo do Amor. O Amor, transcendendo o fenômeno que, visto pelos olhos carnis, apresenta-se em corpos individuais, desunidos, permite-nos ver a Unidade da Vida existente no âmago das aparências fenomênicas. Da mesma forma que a onda eletromagnética consegue unificar as existências materiais aparentemente isoladas, o amor consegue unificar a Vida que aparentemente está repartida em indivíduos. Tendo-se amor, consegue-se penetrar na alma das pessoas que aparentemente existem separadas umas das outras. Ou seja, ‘entende-se o sentimento das pessoas’.

“Aquele que entende o sentimento dos outros pensa em retirar-lhes o sofrimento e dar-lhes alegria; fará do contentamento alheio o seu próprio contentamento, da tristeza alheia a sua própria tristeza; e agirá abandonando seus próprios interesses para servir aos outros. Quando todos despertarem para esse tipo de amor, ou seja, quando todos adentrarem no mundo da sexta dimensão, por ser este o mundo do Amor, acabarão os conflitos da humanidade, e terminarão as guerras neste mundo. Esse mundo do Amor, da sexta dimensão, é o mundo espiritual dos fundadores das religiões que pregam o Bem e o Amor, os quais se comunicam ainda com o mundo da sétima dimensão.” (In: Acendedor no 137)

Na prática, fazemos a Oração Mútua

Assim como as ondas eletromagnéticas conseguem unificar as existências materiais isoladas, o amor consegue unificar a Vida que aparentemente está repartida em indivíduos. Tendo amor, consegue-se penetrar na alma das pessoas.

Na quarta Declaração Iluminadora da Seicho-No-Ie, está escrito:

“Acreditamos que o amor é o alimento da Vida, e que a oração, as palavras de amor e o elogio constituem o ‘poder criador da palavra’ que concretiza o amor”.

O amor cura, o amor tem força criadora, enfim, com amor, tudo se resolve. O Mestre nos ensina que uma oração concentrada da mãe ou do pai está acima de qualquer vibração científica.

Cristo disse: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estou no meio deles”. Significa que, em qualquer situação, quando estivermos orando, Jesus Cristo estará nos ajudando.

Oração significa todo pensamento, toda atitude e toda palavra expressada. O Mestre nos ensina que, nos 30 minutos em que oramos, estamos com a mente sintonizada com Deus, porém, se nas restantes vinte e três horas e meia ficarmos pensando e falando o contrário, a oração jamais se concretizará.

O importante é aproveitar o momento da concentração mental e emitir pensamento positivo, seja qual for a circunstância. O ensinamento da Seicho-No-Ie é uma filosofia de pensamento positivo.

Se durante o dia acontecer um incidente, vamos aprender com esse fato, revertendo-o em pensamento positivo. O ensinamento é afirmar o positivo e negar sempre o negativo.

No livro da biografia do grande empresário Konosuke Matsushita, há uma passagem interessante. Certo dia, ocorreu um incêndio numa das fábricas. Ele chamou o gerente e perguntou: “Você já investigou o motivo pelo qual ocorreu o incêndio?”. O gerente respondeu: “Foi por falta de cuidado com o produto de fácil combustão que estávamos usando. Se fizermos um local adequado para guardar esse produto, não haverá mais perigo”. O sr. Matsushita simplesmente disse: “Vólte e comece a reconstrução”. E imediatamente passou a comunicação para todas as demais indústrias, para acondicionarem o produto de fácil combustão em locais adequados.

Foi um exemplo de que, mesmo num incidente aparentemente negativo, pode-se buscar um fator positivo. E, assim, jamais ocorreram incêndios nas indústrias National do sr. Matsushita.

O pensamento é a mais poderosa dentre as três faculdades de expressão, porque é uma faculdade que pode funcionar inconscientemente as vinte e quatro horas do dia. Por exemplo, uma pessoa pode nutrir pensamentos de ódio durante muitos anos por ter emprestado dinheiro a um amigo e este não ter-lhe pago, ter-lhe dado o “cano”, como se diz na gíria. Todas as vezes que essa pessoa precisar de dinheiro, consciente ou inconscientemente, estará reafirmando “Sou pobre por causa do tal fulano”. Como reverter essa situação? Através da “Oração para Perdoar”, Cristo disse: “Se trouxeres a tua oferta ao altar, e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão, e, depois, vem e apresenta a tua oferta”. Isso nos ensina que, com o coração em atrito, não podemos sintonizar com Deus.

Que é atitude? Dedicção de amor

Temos inúmeros atos de solidariedade que comprovam as atitudes de amor praticadas pelos adeptos de todo o Brasil e de outros países. Os divulgadores dessa Verdade divulgam incansavelmente as revistas da Seicho-No-Ie, os preceitos Palavras de Luz e os livros da Seicho-No-Ie.

Certo dia, quando estava ministrando Orientação Pessoal, uma divulgadora compareceu e disse: “O senhor poderia atender esta senhora agora?”. Respondi: “Peça permissão às pessoas que estão na fila”. Atendendo-a, ela disse que estava desesperada, porque tinha ido ao médico buscar o resultado de um exame, e esse resultado apontava um caso muito grave de coração, que talvez necessitasse de cirurgia. Como não tinha recursos, preocupada, estava chorando dentro do ônibus circular. Nisso, a divulgadora da Seicho-No-Ie se aproximou e a convidou a descerem juntas, na sede da Seicho-No-Ie de Londrina, para que ela recebesse uma orientação.

Conforme percebemos pela atitude dessa divulgadora, as vibrações de amor conseguem unir as pessoas. Ela, com seu profundo amor, vendo uma pessoa desesperada, simplesmente se aproximou e a convidou a descerem juntas do circular, encaminhando-a para receber a orientação. Ao sair da sala de orientação, com a convicção de ser filha de Deus, já demonstrava mais segurança em viver. Passando a freqüentar as reuniões, resolveu todos os seus problemas e ficou imensamente agradecida à pessoa que a conduziu até a sede.

Um ato de amor transpõe fronteiras

Atuei como supervisor da Argentina por um período. A Sede Internacional estava comemorando os 100 anos de nascimento do Sagrado Mestre Masaharu Taniguchi e se propôs a ajudar alguns países que ainda não tinham sede própria. Tive, então, a felicidade de intermediar a compra da sede local. Realmente foi por orientação de Deus, pois o imóvel que encontramos era exatamente o que necessitávamos. O proprietário o tinha construído para ser um estabelecimento comercial, com um salão no térreo; no primeiro piso havia sala, sala de jantar, cozinha e um depósito nos fundos; no segundo piso havia quatro suítes, e, no terceiro piso, salão de festas. Não necessitou fazer nenhuma adaptação, e imediatamente iniciamos as atividades.

Para a inauguração, foi convidada a imprensa; e um repórter de um jornal japonês esteve presente. Após a cerimônia, ele me disse: “As pessoas da Seicho-No-Ie são verdadeiros praticantes do ensinamento”. Ao perguntar o motivo dessa afirmação, ele me contou o seguinte: ele estava fazendo uma cobertura no Rio de Janeiro e foi vítima de um “tombadinha”, que levou a câmera fotográfica e todo o seu dinheiro. Ele caiu, ficou levemente ferido, sem um centavo e sem noção do que fazer.

Nisso, parou um táxi, cujo motorista prontamente se propôs a levá-lo ao hotel. Quando chegaram ao hotel, o repórter pediu ao motorista para esperar um momento, pois queria apanhar o dinheiro no quarto e pagar. Então o motorista disse: “Eu sou da Seicho-No-Ie. Lamento que um estrangeiro tenha sofrido um acidente. Para compensar, deixe-me ajudá-lo com esta corrida por minha conta, como um ato de amor ao próximo”, e não quis receber o valor da corrida.

Um ato fez com que esse cidadão, apesar de ser assaltado, não levasse uma idéia negativa do Rio de Janeiro. Não sei quem é esse adepto, mas, com certeza, plantou uma semente de solidariedade e de amor ao próximo.

A prática da “Oração Mútua”

Praticar a “Oração Mútua” é semelhante a recolher uma camisa suja de alguém que não tem condição de lavá-la: você a recolhe, coloca-a na máquina de lavar e aciona o interruptor. Isso equivale a despertar o sentimento de solidariedade, de amor ao próximo, voltar a mente para Deus e sintonizar com suas vibrações para que a cura divina se manifeste.

Curar o próximo significa curar a si próprio. Podemos orar para uma pessoa completamente estranha, porém, como no fundo somos todos irmãos, ao contemplarmos a Imagem Verdadeira do próximo, visualizamos a nossa própria Imagem Verdadeira.

Salvando o próximo, com certeza você é o maior beneficiado.

“O mundo da sétima dimensão é o mundo de Deus

“O mundo da sétima dimensão é o mundo espiritual de Deus, o mundo-origem da Criação, onde habitam o Amitabha, a deusa Kanzeon Bosatsu, e a divindade Sumiyoshi. Todas as vidas nascem daí, e para aí retornam. É o mundo onde, quando nele se regressa, todos os males são curados. Ele se denomina ‘mundo onde se ergue o templo de cura divina’. Porque ele é o mundo original da Vida, quando a ele se regressa, não há doença que não seja curada. O templo de cura divina do mundo fenomênico é uma projeção do templo da cura divina do Mundo da Imagem Verdadeira, da sétima dimensão.

“O mundo harmonioso e completo da sétima dimensão

“Denominamos provisoriamente ‘sétima dimensão’, mas o número sete significa ‘ciclo completo’ e simboliza a realização completa, não sendo, portanto, simplesmente o sétimo algarismo. Não significa também que o mundo da sétima dimensão possua sete tipos de dimensão. Ele está em tudo, em todas as dimensões, preenche todos os lugares; é a Vida de todos os seres, sendo ao mesmo tempo a fonte e o depósito da riqueza infinita. Esse é o mundo propriamente dito de Deus-Pai, o Mundo Ryūgū, repleto de variados tesouros: todo Bem, toda beleza suprema, toda arte suprema, toda riqueza, toda obra-prima, todos os inventos... Tudo já existe nesse mundo. Quando a pessoa entra em sintonia com esse mundo, o seu pensamento torna-se antena que capta as provisões de mesma frequência, e estas se concretizam no mundo fenomênico. Foi a isso que Jesus se referiu quando disse: ‘As palavras que eu vos digo não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras’ (João, 14-10).

“Como o mundo da sétima dimensão é um mundo onipresente, ele existe também ‘dentro de cada um’. Foi por isso que Jesus disse: ‘O Reino de Deus está dentro de vós’. O único problema é se a pessoa conseguirá ou não ajustar o comprimento da própria onda mental com a frequência do Reino de Deus.

“Para trazer o Reino de Deus sobre a face da Terra

“Para concretizar o Mundo da Imagem Verdadeira, o mundo da sétima dimensão, harmonioso e completo, não é preciso trazê-lo na mão ou transportá-lo num caminhão. Mas, da mesma forma que um programa de TV que está sendo transmitido do estúdio da emissora aparece nitidamente no televisor de nossa casa, devido ao ajuste dos comprimentos das ondas eletromagnéticas, também o Mundo da Imagem Verdadeira se concretiza no mundo fenomênico pela sintonia das frequências.

“É esse o sentido do que está escrito da seguinte forma na Bíblia: ‘..vi a Santa Cidade, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como uma noiva adornada para o seu esposo’” (Apocalipse, 21-2). (In: Acendedor no 137)

Sétima dimensão — mundo da lei da Vida que entra em ação

A sétima dimensão é onde a lei da Vida entra em ação e se transforma. Então, manifesta-se o mundo da sétima dimensão, fonte da existência da deusa Kanzeon Bosatsu (do perdão), da divindade Sumiyoshi, mundo de Deus-Pai, mundo Ryūgū, mundo da Imagem Verdadeira, mundo da harmonia da Santa Cidade, enfim, de onde se origina tudo que é bem, tudo que favorece a concretização da felicidade da humanidade. Reino divino, mundo Ryūgū, no qual, quando o Seu filho entra em sintonia para buscar a provisão infinita, a lei da Vida se transforma em provisão infinita. Através da infinita dádiva de Deus, a lei da Vida entra em ação para fazer crescer e vivenciar a capacidade infinita. A propósito, quando praticamos a Purificação da Mente, desobstruímos o canal mental que estava obstruído (mente em ilusão) na quarta dimensão, impedindo a manifestação divina ou a passagem da lei de manifestação da Vida. Podemos notar que a Vida está em todas as dimensões, para que a natureza divina se realize. Quando os espíritos em ilusão recebem as orações e se elevam a planos cada vez mais elevados, eles estão colaborando no mundo espiritual, junto com outros espíritos nas suas respectivas funções, para o benefício da humanidade. E, assim, acreditamos que a lei da manifestação da Vida é o “caminho do progredir infinito”, por isso, por maior que seja nossa aparente dificuldade, nada mais é que uma oportunidade que estamos recebendo de Deus-Pai-Criador para manifestar nosso crescimento.

A sétima dimensão está em todas as dimensões para manifestar a vida, para crescer, desenvolver. Por exemplo, uma semente vegetal é uma existência da terceira dimensão porém, para que essa semente possa cumprir a sua missão de nascer e crescer, ela tem o centro principal que se chama “vida da planta”. Quando essa vida se manifesta, ela nasce, cresce e produz novas sementes que são matéria, mas dotada da continuação da vida.

Vamos analisar essa seqüência. Estamos na terceira dimensão — da lei e do mundo da matéria. Uma semente pode ser vista a olho nu, tem tamanho, forma, variedade e pode ser de flor, fruta, legume, árvore etc. Quando você planta uma semente, sua mente visualiza a seqüência do desenvolvimento dessa semente que existe na terceira dimensão: ela nasce, cresce, dá flores, frutos, e se torna uma frondosa árvore. Você observa o brotinho frágil que a qualquer toque pode se quebrar; porém, se você cuida com carinho, rega, aduba, ele cresce até atingir o tamanho natural da sua espécie. Até uma pequena erva daninha tem o seu ciclo de vida, algumas vezes muito rápido, de apenas algumas semanas.

Tive a oportunidade de visitar, nos Estados Unidos, o Parque Nacional de Yosemite, onde existem as variedades de árvores que se chamam “sequóia” e “ponderosa”, as maiores do mundo. A sequóia, dizem, com 500 anos é uma árvore jovem, porque a sua vida é de milênio, e chega a crescer mais de 120 metros. Nesse Parque, existe uma árvore na qual cavaram o seu centro para fazer um automóvel passar; com tamanha agressão, ela secou, e nós infelizmente não pudemos chegar até essa árvore devido ao local acidentado.

Voltando novamente a essa seqüência, vemos a semente vegetal, a qual está na terceira dimensão. A mente da pessoa que a planta e a visualiza germinar e crescer está na quarta dimensão, da lei da mente, da lei das vibrações. Dentro da semente, existe a natureza e a variedade da flor, fruta ou árvore. Essa variedade pertence à quinta dimensão e está ligada ao espírito da preservação da espécie. A dedicação ao tratamento das plantas com amor, acreditando no minúsculo broto que acaba de nascer, significa acreditar na lei da sexta dimensão, a do Amor. E acreditar que essa planta vai crescer é a sétima dimensão, a lei de manifestação da Vida, que nasce, cresce e se transforma, de acordo com a lei da espécie.

O ser humano

Assim sendo, observamos que o mundo da matéria, o mundo da mente ou vibração, o espírito de amor e a vida têm de estar em perfeita consonância, em perfeita harmonia, simplesmente para a vegetação existir. O que se dirá, então, do ser humano, que é milhões de vezes mais complexo do que um vegetal. Quão importante é a sua harmonização!

Nas recitações “Imagem Verdadeira, Harmonia, Perfeição” e “Reino de Deus de Infinita Provisão”, as palavras são audíveis pelo corpo carnal que se movimenta para expressar a voz. Isso ocorre porque estamos no mundo da terceira dimensão. Porém a nossa mente consegue ir além das dimensões, manifestando a Imagem Verdadeira da saúde, da provisão infinita de Deus.

Ainda quanto à lei da matéria, o mestre Masaharu Taniguchi nos ensina que “a matéria não existe”. Porém “a lei da matéria existe”.

Na sétima dimensão, do mundo de Kanzeon Bosatsu, perdoar, pedir perdão significa aplicar a lei do Amor. Ouvei do saudoso prof. Katsumi Tokuhisa o seguinte fato. Certo dia, viajando com o Mestre, ele perguntou: “O senhor não fica com raiva?”. Ao que o Mestre respondeu: “Sim, fico com raiva. Só que, com a mesma velocidade, eu perdô”. Creio que aqui está a chave para a aplicação da verdadeira lei do Amor: perdoar com a mesma velocidade de odiar ou ficar com raiva.

Se fôssemos representar isso em palavras, seria “Ó desgraçado! Oh, desculpe, perdão”, simultaneamente.

Kanzeon Bosatsu — deusa do perdão

Kanzeon Bosatsu significa “deusa do amor”. Por mais difícil que seja o problema que se apresente à nossa frente, não há problema sem solução. Deus não dá tarefa além da capacidade do Seu filho.

Quando fui fazer o estágio de três meses no Japão, fui com o propósito de dedicar o resto da vida a esta filosofia. Para isso, deixei tudo acertado, principalmente com os dois empregados, pois fiz acordo judicialmente com eles, que trabalharam mais de 20 anos para mim. Fui tranquilo para a nova missão. Após duas semanas, ao chegar ao Japão, recebi um telefonema da minha esposa, dizendo que um dos empregados havia entrado com pedido de revisão da indenização, e que tínhamos perdido.

Para entrar com o recurso, eu teria de enviar uma procuração ao advogado no Brasil. Era um domingo, e eu estava na província de Wakayama, num curso para educadores. Regressando a Tóquio, na segunda-feira, fui à Embaixada do Brasil, porém a resposta foi negativa: uma procuração demoraria 30 dias para ser feita! Fui, então, tentar o vice-consulado em Yokohama. Quando entrei no consulado, a primeira impressão foi de que “Deus estava me protegendo, pois eram quase 11 horas e a placa do almoço do consulado indicava “13h40: almoço”. Assim, eu teria duas horas para providenciar a procuração, pois eu tinha de estar no aeroporto de Narita até as 15 horas para entregar a procuração ao portador.

Conversando com o vice-cônsul, a quem devo obrigação até hoje, e após ouvir a minha explicação, ele me disse: “Vou lhe ajudar”. Chamou o secretário e ordenou: “Providencie antes do almoço”. Após tudo encaminhado, voltei ao consulado para lhe agradecer; acabaram servindo-me café que o Palácio Itamaraty enviava para os funcionários no exterior, matando a saudade do café puro do Brasil.

O verdadeiro perdão

Porém, ainda restava uma questão na minha mente. Meu propósito era de me dedicar a Deus pelo resto da minha vida, e por isso estava no Japão para me aperfeiçoar. “Por que, então, tinha de passar por este problema?” Após muitas orações, cheguei a uma conclusão. Nos longos anos de orientações, a quantas pessoas eu devo ter dito “Perdoe”? Então, cheguei à conclusão de que, agora, Deus estava testando meu estágio espiritual.

Levantei-me todos os dias às 3h50 da madrugada e, das 4 até as 5 horas, pratiquei a “Oração para Perdoar” a esse funcionário. E às 5 horas participava da atividade matinal da Academia. Confesso que, nos primeiros dias, por mais que mentalizasse a Imagem Verdadeira desse funcionário como um Kanzeon Bosatsu, era difícil lhe perdoar. Porém, após algumas semanas, minha mente foi se harmonizando, e cheguei à conclusão de que somente um acontecimento de real gravidade poderia me ensinar a perdoar verdadeiramente.

Graças a esse episódio, hoje, posso dizer com convicção que todos os problemas são resolvidos quando há o verdadeiro perdão, do fundo do coração.

Deus Sumiyoshi

Deus Sumiyoshi seria “Deus na segunda acepção”, que teria as atribuições de cuidar da humanidade para ela viver bem. Ou seja, na interpretação dessa palavra, “Sumi” seria “morar”, “yoshi” seria “bem”. É a divindade que cuida de toda a humanidade e a protege para que todos vivam bem. O santuário onde o Mestre foi orar todas as manhãs se chama “Sumiyoshi Jinja”. Em Kobe, e no Kensaiden em Nagasaki, também se cultua a divindade Sumiyoshi.

Podemos dizer que a divindade Sumiyoshi seja o nosso patrono, que orientou o mestre Masaharu Taniguchi durante toda a sua vida. Ou melhor, podemos dizer que o próprio Mestre seria a sua manifestação, segundo o relato que ouvi no Japão, quando lá estagiei pela primeira vez, em 1984.

O relato foi de um preletor da Seicho-No-Ie, ex-combatente da Segunda Guerra Mundial, sr. Masato Kiso, na época vereador da cidade Onomiti, em Hiroshima.

Em 1978, organizou-se na cidade de Onomiti, coordenada pelo redator-chefe do jornal Mito Shinbun, sr. Yoshio Kobayashi, uma caravana para juntar os restos de ossos dos soldados que morreram nas ilhas da região das Filipinas. O sr. Yoshio Kobayashi o convidou diversas vezes para chefiar essa caravana, mas, por motivos pessoais e políticos, não tinha condições de aceitar essa responsabilidade.

Mas, como ex-soldado, ele lembra que, em 1944, estava na Manchúria, na cidade de Kanton, e foi designado para ajudar o batalhão da Ilha Leite nas Filipinas, como chefe de batalhão mecanizado, mas, dois dias antes da partida, foi transferido, devendo retornar ao Japão para assumir o comando da escola militar em Fukuyama. Esse fato o livrou da morte, porque todo o batalhão foi dizimado. O mistério da sua transferência é desconhecido, mas este foi um dos motivos que fez o sr. Kiso sentir vontade de ajudar na coleta dos restos mortais nas ilhas Filipinas. E, pouco antes da partida para as ilhas Filipinas, o sr. Yoshio Kobayashi se internou, e o sr. Masato Kiso teve de assumir a chefia.

Chegando às Filipinas, participou da cerimônia oferecida pela primeira-dama da Presidência e, no dia seguinte, já partiram de diversas localidades coletando os restos. Finalmente, chegaram ao local chamado vale do Limão e ao lugarejo Biliyaba, onde mais de 7.000 soldados faleceram. Nesse local já existem 50 urnas para recolher os ossos e dois monumentos em memória desses soldados.

Como tinham levado os objetos para realizar uma cerimônia às almas, prepararam o local. Comandada pelo fotógrafo do jornal Mito, sr. Masao Doi, essa cerimônia foi celebrada com Hannya Shingyo do budismo, e o sr. Masato Kiso pronunciou as palavras de condolências.

No uso da palavra, quando ele estava recitando a Sutra Sagrada Chuva de Néctar da Verdade e desejando aos espíritos dos soldados falecidos que descansassem em paz, até esse momento sob céu limpo, de repente se ouviu um estrondo de trovejar. Ele foi envolvido por uma atmosfera de luz suave, que lhe deu uma visão nítida do céu, onde apareceram milhões de rostos, todos de jovens, sorridentes. No meio desses rostos, uma pessoa com aspecto enérgico disse: “Estávamos à sua espera, para poder transmitir o nosso pedido. Por muito tempo, aqui no mundo espiritual, continuamos lutando pela paz da humanidade, mas não temos essa paz espiritual, porque vocês na Terra não estão trabalhando seriamente para que a paz reine”. Ouvindo esse pedido, o sr. Masato Kiso sentiu muita responsabilidade, pois como ele, um simples cidadão, iria lutar pela reconstrução do país? Seria muita responsabilidade. Quando se recusou mentalmente, novamente ouviu um estrondo como se fosse trovoadas, e os rostos dos soldados, que estavam sorridentes, se transformaram em cadáveres e disseram: “Você vai permitir que nossa morte seja em vão?”.

Quando presenciou essa cena, o sr. Kiso se arrependeu e imediatamente prometeu fazer todo o esforço para a reconstrução do país. Os rostos dos espíritos voltaram a ter aspecto sorridente e disseram: “Aí na Terra, existe o sr. Masaharu Taniguchi. Sim, ele é nosso mestre do ensinamento Seicho-No-Ie. Pois ele está construindo um centro espiritual em Nagasaki, não é?”. “Sim, é a Academia de Treinamento Espiritual Ryūgū Sumiyoshi Hongu”. “Vocês devem aumentar cada vez mais o número de pessoas que

lutam pela paz na Terra, que aqui no mundo espiritual estaremos protegendo”. E a voz prosseguiu: “Vocês sabem que ele (Masaharu Taniguchi) tem forma de pessoa, mas ele é, na verdade, aparição da divindade Sumiyoshi. Gostaríamos que transmitissem essa mensagem a mais pessoas e que se dedicassem para que a Academia Ryūgū Sumiyoshi Hongu de Nagasaki se torne centro espiritual da humanidade”. E a imagem dos espíritos desapareceu.

Quando ouvi esse relato em 1984 na Academia de Tobitakyu, a dúvida que pairava na minha mente se dissipou.

O mestre Masaharu Taniguchi, quando indagado por um adepto se, depois que a construção da Academia de Nagasaki terminasse, iria receber como patrono a divindade Sumiyoshi do Santuário de Kobe, o Mestre disse: “Vou ‘evocar’ a divindade Sumiyoshi para ser nosso patrono”. No meu conceito comum, achava “como uma pessoa da terceira acepção poderia convidar um Deus da segunda acepção?”. Porém, sendo o Mestre a própria manifestação da divindade Sumiyoshi na Terra, nada mais justo que ele “evocasse” para que o Deus Sumiyoshi se alojasse como patrono, aceitando a sua evocação.

Com esta explanação, agregando as dimensões, doutrina e as práticas da filosofia da Seicho-No-Ie, espero que eu possa ajudar os leitores também a ter o mesmo esclarecimento que tive.

O Mundo Ryūgū

No livro *A Verdade em Orações*, 3ª edição, página 161, o mestre Masaharu Taniguchi escreve:

“Oração para obter a provisão ilimitada”

“Deus é a Fonte de tudo. Todas as coisas de que necessitamos vêm de Deus. O homem é filho de Deus e, portanto, herdeiro da Provisão Ilimitada de Deus. Através dos tempos – passado, presente e futuro — a Provisão Ilimitada é fornecida continuamente ao homem, e jamais acontecerá de cessar.

“Se estamos sofrendo alguma carência, não é porque Deus deixou de dar-nos aquilo de que necessitamos, e sim porque nós é que não soubemos recebê-lo. Em outras palavras, é porque nós, apesar de termos recebido até agora incontáveis provisões de Deus, não agradecemos o bastante. A mente sem gratidão é como o vácuo do espaço sideral, que não reflete a luz. Embora os raios solares estejam sendo emitidos incessantemente, o vácuo do espaço sideral, onde não há nada que reflita a luz, permanece na escuridão total. Do mesmo modo, embora exista a Provisão Ilimitada, não a podemos receber, se nossa mente não for capaz de ‘refletir’ (ou responder a) essas dádivas com sentimento de gratidão. É o mesmo que subirmos no pico do monte Fuji e sentirmos mais frio, apesar de estarmos mais próximos do Sol. Somente quando reconhecemos as dádivas, respondemos a elas com gratidão e desejamos sinceramente retribuí-las, é que podemos receber incessantemente a Provisão Ilimitada de Deus.

“Deus é a Fonte da Provisão Ilimitada. Por intermédio de mim, Ele manifesta no mundo fenomênico a riqueza infinita do Mundo da Imagem Verdadeira. Ele abençoa a minha ‘riqueza’, dizendo:

“‘Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra’. Por isso, a empresa onde trabalho torna-se próspera, os empreendimentos com que lido progredem, meus descendentes prosperam, e a empresa na qual invisto adquire importância perante o mundo, tornando-se mais e mais produtiva.

“Como Deus é infinito, Ele jamais restringirá a minha riqueza. Se há algo que restringirá a minha riqueza, é a minha própria mente. Devo-me envergonhar da minha falta de dedicação e procurar, doravante, dedicar-me ao máximo. Devo reconhecer a insuficiência do meu sentimento de gratidão e procurar, doravante, aprofundá-lo mais e mais. Não devo deixar de exteriorizar o amor em cada ato meu. Compreendi que um pedaço de papel, um lápis, tudo, enfim, é dádiva de Deus. Por isso, ao me servir de qualquer coisa, faço-o sempre com reverência e gratidão. A matéria não é existência verdadeira. Todas as coisas, mesmo que tenham aparência material, não são matéria, e sim dádivas de Deus, ou seja, concretização do Amor de Deus. Por ter compreendido esta Verdade, eu vejo, no âmago de todas as coisas do Universo, o Infinito Amor de Deus, a Provisão Ilimitada de Deus. Agradeço sempre, com reverência, à Provisão Ilimitada de Deus.”

Assim, compreendemos que o “Mundo Ryūgū” está dentro de cada um de nós, que basta agradecer a todas as coisas ao nosso redor; nesse sentimento de gratidão é que sintonizamos nossa mente com o mundo da provisão infinita.

* Nota do E.: Na revista *Acendedor*, atual *Fonte de Luz*, cada item se referia a um dia do mês.

CAPÍTULO 11

RESPEITO À INDIVIDUALIDADE

Harmonia

“Harmonia” é uma palavra que finaliza ou complementa as orações. A prática da Meditação Shinsokan inicia-se com as palavras “Aqui, onde estou, é oceano de infinita Sabedoria de Deus, oceano de infinito Amor de Deus, oceano de infinita Vida de Deus, oceano de infinita Provisão de Deus, oceano de infinita Alegria de Deus, e oceano de infinita Harmonia de Deus”. Após todos os pedidos, é importante esta afirmação — “Sabedoria, Amor, Vida, Provisão, Alegria e Harmonia” — porque todas estas palavras manifestam virtudes somente quando entram em perfeita Harmonia.

Podemos demonstrar isso com a figura 1, semelhante a rolimãs. Uma família em harmonia tem como centro o marido e a mulher, cada um sendo metade de uma alma, em perfeita harmonia, firme, sustentando os rolimãs que são seus filhos, os quais, demonstrando as suas respectivas virtudes, giram em perfeito equilíbrio, formando uma família feliz, dotada de prosperidade e felicidade. Mas, quando o casal vive em dissensão, brigas, agressões, em quartos separados, esta figura sofre alterações, e aquilo que deveria girar com suavidade, manifestando alegria e felicidade, se decompõe, porque o eixo central se decompõe. (Figura 2)

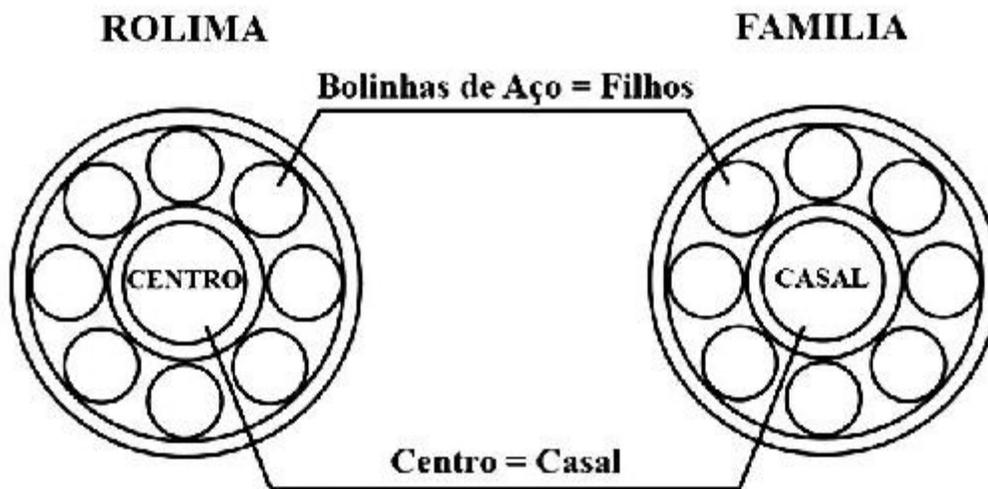


Figura 1

Certa ocasião, uma senhora me disse:

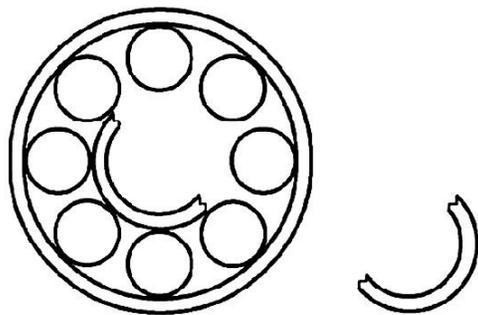


Figura 2

“Quero me separar do meu marido. Não agüento mais viver com ele, pois somos como água e óleo: divergimos em tudo. Sofro do coração. Já estou dormindo em quarto separado. Ele é agressivo, me ofende dizendo que o estou traindo, e, na primeira palavra que contesto, ele já levanta a mão para me agredir. Estou cansada dessa ofensa. Minha vida de casada, de 25 anos, foi um desastre. Temos cinco

filhos, mas ninguém pára mais em casa. Vivo num inferno, com esse ciúme do meu marido. Eu juro para o senhor, preletor, que, após meu casamento, nunca relei minha mão em um homem, a não ser meu esposo. Acho melhor me separar”.

Perguntei como foi que ocorreu o casamento, e ela me disse que sua mãe, ao ficar viúva e para poder casar-se de novo, praticamente a obrigou a se casar com esse senhor, que era vizinho; ou seja, praticamente a mãe arrumou tudo. A filha tinha um namorado a quem amava muito, mas não teve coragem de contestar a opinião de sua mãe.

Aqui estava a causa de todo o drama desse casal: ela se casou obrigada pela mãe. Entregou o corpo físico a seu marido, mas seu sentimento, o coração, ficou com o seu namorado.

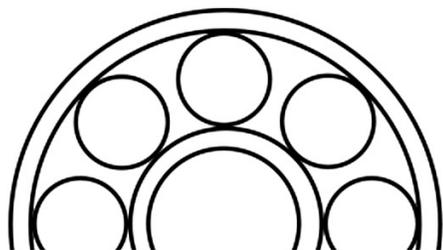
Como já mencionei anteriormente, o mestre Masaharu Taniguchi nos escreve sobre a vida sexual do casal no livro *Nova Visão do Casamento*, na página 28.

Expliquei a essa senhora sobre esse mecanismo da mente e que o seu esposo nunca recebera dela o amor verdadeiro. Fisicamente ela não o tinha traído, mas, mentalmente, o vinha traindo a vida inteira com o seu primeiro namorado. Quando perguntei “Quando acontecia o ato sexual, em quem a senhora pensava?”, ela ficou pálida, assustada, me olhando, e disse “No namorado”. Compreendeu e chorou arrependida. “O fato de seu marido não ter harmonia até com seus filhos é reflexo da mente da senhora, que imaginava ‘Que bom seria se fosse filho do meu namorado’. Quando ela conscientizou o seu erro e pediu perdão ao esposo pelos longos anos de pensamentos errados, pela primeira vez, começou a ver o lado positivo do seu esposo, um homem honesto, bom pai, com situação econômica boa, e começou a viver com sentimento de gratidão. Somente então aconteceu a verdadeira união, de corpo e alma, com amor, e o eixo voltou ao centro. Como passe de mágica, esse casal se tornou harmonioso e feliz. Um dia, ela me disse: “Preletor, estou vivendo em lua-de-mel”.

Em consequência, os filhos, que se apresentavam rebeldes, também começaram a respeitar o pai (os rolimãs encontraram o seu lugar livre para poder girar). Ambos se tornaram verdadeiros divulgadores da Seicho-No-Ie, levando muitas pessoas às reuniões e aos seminários.

Arrependimento de uma senhora de 70 anos

Esse fato aconteceu na Academia de Ibiúna (SP). Quando apresentei esta figura, demonstrando a harmonia no lar, uma senhora de mais de 70 anos veio chorando e disse: “Por favor, receba o meu perdão no lugar do meu pai”. Perguntei o motivo, e ela disse ter despertado para o grande erro que mantivera durante toda a sua vida, em relação a seus pais. Ela julgava que seus pais nunca a amaram, pois só a fizeram trabalhar como se fosse um animal, gritando com ela e seus irmãos; nunca tivera uma única roupa nova, pois só recebia roupas já usadas por sua irmã maior. Para sair dessa situação, fugira com seu primeiro namorado, quando tinha somente 13 anos de idade. Mas, devido a esse ódio que mantinha de seus pais, a sua vida não prosperara. E, através de uma amiga, estava pela primeira vez num Seminário da Seicho-No-Ie. Ouvindo a explicação e vendo a ilustração, ela colocou no centro o pai e a mãe, colocou 12 bolinhas que seriam seus irmãos, e quis se lembrar de como eles viviam. Pela primeira vez, veio-lhe a lembrança do motivo que a fizera fugir de casa: nunca tivera uma roupa nova. Ela percebeu que não era somente ela que não tinha roupa nova. Seus pais eram imigrantes, lutando na lavoura de sol a sol, de modo que toda a família vivia com roupas remendadas. Ela queria que eu aceitasse o perdão dela, porque seus pais já eram falecidos. Expliquei que as almas de seus pais continuam no mundo espiritual, e que poderia oferecer-lhes a leitura da sutra sagrada com muito amor, pedindo-lhes perdão e agradecendo a eles, pois, se não fossem eles, ela não estaria neste mundo.



O Mestre nos ensina que o destino está em nossas mãos: fracasso, desarmonia e infelicidade podem ser mudados; basta conhecer a causa e se harmonizar. (Figura 3)

Cuidado que devemos ter ao fazer comparações entre irmãos

Em uma família com diversos filhos, é normal que cada qual tenha a sua personalidade. Por exemplo, um é mais calmo, outro é mais elétrico, um é estudioso, outros são mais tranquilos etc. Os pais, por desejar que todos sejam dinâmicos e estudiosos, muitas vezes acabam fazendo esse tipo de comparação: “Veja o seu irmão: é estudioso”, “Sua irmã é esforçada” etc. Nesse caso, sem saber, citamos uma pessoa como se fosse bom exemplo, engrandecendo-a, e acabamos criando um herói dentre os irmãos. (Figura 4)

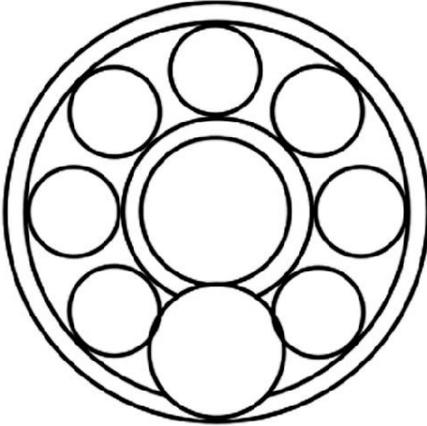


Figura 4

Que é que pode acontecer nas organizações se o presidente elogia uma pessoa — o tesoureiro, por exemplo, porque é realmente importante para uma organização? Se a atenção for excessiva, ele acaba engrandecendo a pessoa, e o conjunto não gira em harmonia.

O conceito do rolimã na organização

Em todas as situações, existe um centro ao qual devemos convergir com respeito. No caso da atual situação do mundo, as religiões — que deveriam ser as primeiras a pregar a união e a harmonia, convergindo ao único Criador do Universo, Deus — divergem entre si e provocam até terror no mundo, levando os fiéis a praticar suicídio. E a humanidade, diante dessa situação neurótica, em vez de conseguir paz e alegria, vive num mundo de insegurança e temor. (Figura 5)

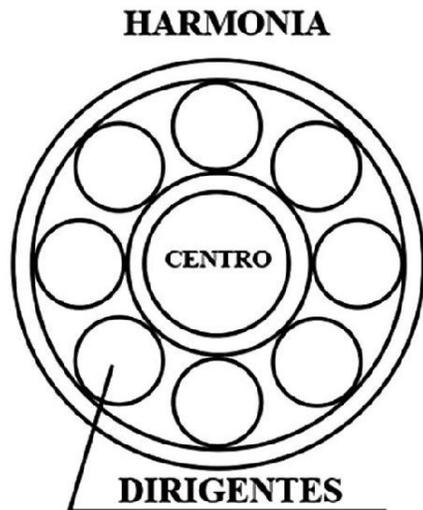


Figura 5

O mestre Masaharu Taniguchi explica que não é o tamanho da religião que é importante. O importante é a Verdade que ela ensina aos fiéis. Cristo disse “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” porque, mesmo um só palito de fósforo aceso, faz afastar a escuridão de milhares de anos. Naturalmente, há facho de luz maior, tal como de um holofote ou de um farol, que poderá alcançar milhas. Por isso, o momento não é de ficar divergindo uns dos outros, e sim de unirmos as forças para levar adiante o Movimento de Paz pela Fé, convergindo ao Criador, Deus, e mostrando o verdadeiro caminho da salvação, o caminho da Luz.

O mestre Masaharu Taniguchi, fundador da Seicho-No-Ie, orienta-nos, com as seguintes palavras, sobre a necessidade de transmitirmos a Verdade religiosa, adaptando-nos sempre ao modo de expressão das novas épocas.

“Embora não seja possível apalpar ou dar forma ao despertar espiritual, que é a manifestação da Vida em constante movimento, valemo-nos de expedientes e recorreremos a formas (palavras) para expressá-lo. Ao tentarmos expressar o despertar espiritual sob uma forma concreta, damos margem ao surgimento de apego à forma. Por isso, se julgarmos que a forma de expressão do despertar espiritual seja a religião, cometemos erros. Conseguimos apreender a Vida nas formas através das quais ela se expressa. Mas o despertar espiritual, em si, transcende as formas de expressão. Para continuar exprimindo a Vida através dos tempos, é preciso criar constantemente novas formas e, ao mesmo tempo, romper com formas já ultrapassadas. Na própria Seicho-No-Ie isso vem ocorrendo. Fatos explicados de um modo numa época anterior são, mais tarde, explicados de forma completamente diversa. O ‘ato de explicar’ é forma, portanto, é inevitável que haja constantes modificações. Religião que não procura introduzir modificações acaba ‘se esvaziando’, tornando-se religião formal, e cedo ou tarde é suplantada por outras religiões, mais dinâmicas. Desde tempos remotos, têm sido freqüentes o surgimento de novas seitas e a ocorrência de reformas religiosas, o que comprova a necessidade de constantes inovações. Somente as religiões que evoluem incessantemente, introduzindo reformas necessárias, conseguem permanecer

eternamente vigorosas. Mesmo que pratique uma determinada forma de pregar o ensinamento, considerada a melhor para uma determinada época, não se deve continuar apegado indefinidamente a ela. Se não forem introduzidas modificações adequadas, com o passar do tempo essa forma de pregar acaba se tornando uma teoria vazia, uma forma sem conteúdo, e perde o poder de transmitir a Vida” (A Verdade da Vida, vol. 33, pág. 63-65).

Na palestra proferida no Brasil, em agosto de 1993, o prof. Masanobu Taniguchi, Vice-Supremo Presidente da Seicho-No-Ie, declarou o seguinte, a respeito do significado do “Movimento Internacional de Paz pela Fé”:

“Em 1993, a Seicho-No-Ie deu início ao ‘Movimento Internacional de Paz pela Fé’, visando ao século XXI. Esse Movimento dá continuidade ao Movimento de Iluminação da Humanidade encetado há 63 anos pelo mestre Masaharu Taniguchi. Nosso objetivo é fazer com que maior número possível de pessoas conheça a Verdade. Esse objetivo não difere em seu conteúdo ao do Movimento de Iluminação da Humanidade da época inicial. Entretanto, ampliou-se a estrutura do Movimento, incluindo questões internacionais, sem limitar as questões de ordem individual. Ou seja, o nosso Movimento, que durante dezenas de anos veio contribuindo para proporcionar harmonia e felicidade a grande número de pessoas, expandiu seu objetivo e, no mundo atual, cujas fronteiras se estreitam cada vez mais, atingiu a etapa em que devemos visar à promoção da harmonia e da prosperidade das nações”.

Tendo sempre em mente que a Verdade Vertical é a lei da Vida, visualizando a Imagem Verdadeira e aplicando-a na verdade horizontal, na lei dos fenômenos, assimilemos as novas teorias que surgem em âmbito internacional, convergindo sempre ao centro.

Harmonização na organização do nosso Movimento

A figura 5 tem semelhança com o desenho de um rolamento, pois o centro desse desenho representa um eixo firme que apóia as bolinhas de aço para poderem girar; se houver uniformidade de tamanho do eixo e das bolinhas de aço, com certeza este rolamento estará executando sua função com precisão.

Porém, vamos projetar esse desenho tendo em vista a nossa organização: o eixo central representa o presidente de uma Associação Local. Vamos vê-lo em duas situações. Se ele for muito ativo e fizer tudo sozinho (figura 6), o eixo tomará todo o espaço que as bolinhas de aço deveriam ocupar para poder girar. Assim, não encontrarão espaço para girar (trabalhar).

Fui a um país onde estavam começando a divulgar a Seicho-No-Ie. O presidente me apanhou no aeroporto, levou-me para a sua casa e me disse: “Fique à vontade, porque agora eu tenho de ir buscar os adeptos”. Saiu correndo, voltando em cinco minutos com duas pessoas.

— Preletor, são pessoas que convidei para a palestra desta noite. Fiquem à vontade.

Saiu novamente para buscar outras pessoas, e assim fez seis ou sete viagens para reunir 25 pessoas. Imagine, eu nem conhecia as pessoas. Sua esposa também não tinha muita afinidade com as pessoas que estavam chegando. No final, chegaram mais cinco ou seis pessoas, que vieram por conta própria em seus carros. Foram louváveis a sua dedicação, o seu esforço e o seu amor. Mas, terminada a palestra, ele me perguntou:

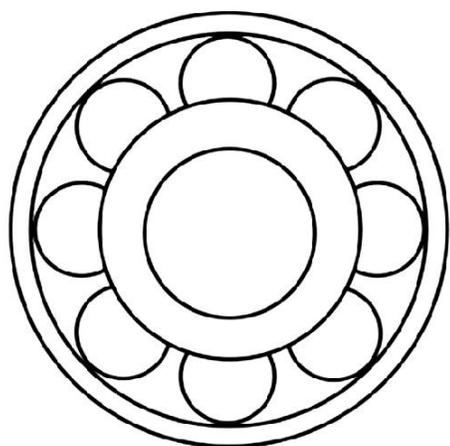


Figura 6

— Como faço para melhorar esta situação aqui, pois ninguém quer me ajudar em nada?

Fiz este desenho (com centro excessivamente grande, sem dar espaço para as bolinhas de aço) e expliquei: “Por mais que você se esforce, o trabalho de uma pessoa tem limite. Mas, se cada um ajudar um pouco, poderemos fazer um grande trabalho”. E expliquei como isso poderia acontecer. Devemos pedir ajuda aos colaboradores, depositando confiança neles, orientando-os, acreditando etc. Sendo uma pessoa muito inteligente, o presidente aplicou essa teoria e, hoje, esse local já se tornou uma regional.

O ideal seria o reconhecimento e a demonstração da capacidade de cada um, em perfeita harmonia com o centro: diretores e adeptos girando em torno do presidente com o objetivo que o Movimento de Paz pela Fé preconiza.

CAPÍTULO 12

FORMAÇÃO DO DESTINO

Destino existe?

No “Prefácio” do livro *A Verdade da Vida*, volume 4, o mestre Masaharu Taniguchi nos escreve o seguinte:

“Segundo o volume 9 desta coleção, a metade do destino do homem depende da soma total dos pensamentos e atos de encarnações anteriores; um quarto depende dos esforços próprios, isto é, de seus pensamentos e atos atuais; e a quarta parte restante depende de ação dos seres elevados do mundo espiritual (no cristianismo, os chamados anjos) que sintonizam com o esforço, a fé e os atos da própria pessoa e corrigem o ‘filme do destino’ (existente no mundo espiritual) antes de ser projetado do mundo espiritual para o mundo físico”.



Figura 7 - Formação do destino segundo *A Verdade da Vida*, volume 9.

Primeiramente, podemos dizer que o destino existe; é a quarta parte que, abençoado(a) pelos seres elevados do mundo espiritual, você escolheu os seus pais para nascer aqui na face da Terra. Você se considera feliz por ter nascido como filho(a) dos seus pais? Aqui está a primeira chave para poder desfrutar uma vida próspera e feliz. Na “Revelação Divina da Grande Harmonia”, está escrito: “Mesmo que agradeças a Deus, se não consegues, porém, agradecer a teus pais, não estás em conformidade com a vontade de Deus”.

DESTINO POSITIVO

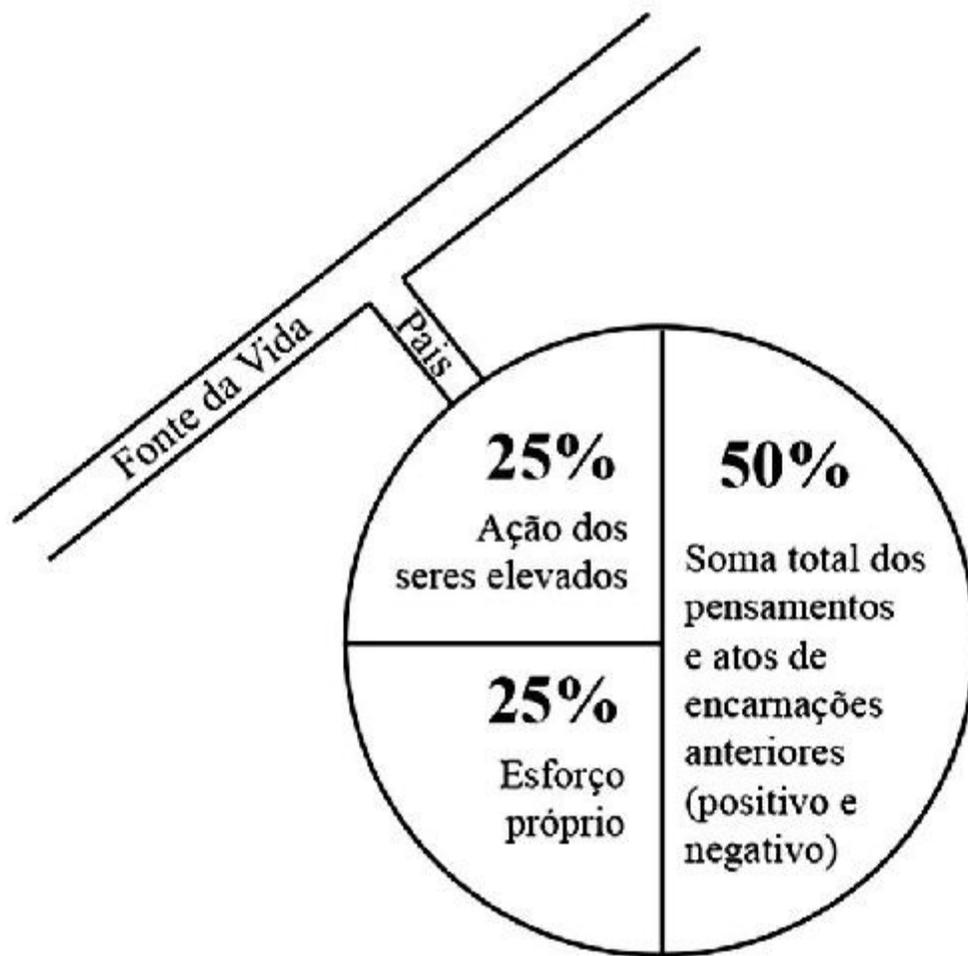


Figura 8 - Quando se aceita a filiação, ou seja os pais, a Vida flui abundantemente e, por ser pensamento positivo, domina-se 100% do destino.

Se agradecermos ao fato de termos nascido, tendo-os como pais, estaremos ligados ao tronco da árvore genealógica da nossa família, ou abastecidos pela “Lei da Vida”. Mas, se contestarmos ou repudiarmos essa filiação, estaremos desligando-nos da árvore e deixando de ser abastecidos pela “Lei da Vida”.

Vou tentar explicar com o desenho de um fruto ligado ao galho da árvore. Essa quarta parte corresponde à parte do destino que não podemos mudar, porque, por mais que alguém queira nascer em outra família, isso não é possível. Portanto, quando agradeço aos meus pais, posso receber os nutrientes da árvore genealógica de todos os meus antepassados, posso receber todas as virtudes acumuladas, que correspondem a 50% dos carmas das vidas passadas, que se compõem de carmas positivos e negativos. Tendo o pensamento de gratidão que é positivo, os pensamentos negativos se dissiparão automaticamente. Você pode construir o seu “destino”.

Mas, se não agradeço a meus pais e digo “Sou infeliz por ter nascido como filho”, desligo-me do galho onde estou sendo abastecido pelos seres iluminados, que também é a fonte da Vida. Fico tal como fruto desligado da árvore genealógica, fonte da luz. E, caminhando nas trevas, não posso receber dos 50% referentes aos atos da encarnação anterior, que são virtudes positivas, e acabo sendo envolvido com carma negativo, de modo que, por mais que me esforce, não consigo deslanchar na vida. Porque estou caminhando nas trevas, acabo tropeçando nos obstáculos da vida.

DESTINO NEGATIVO

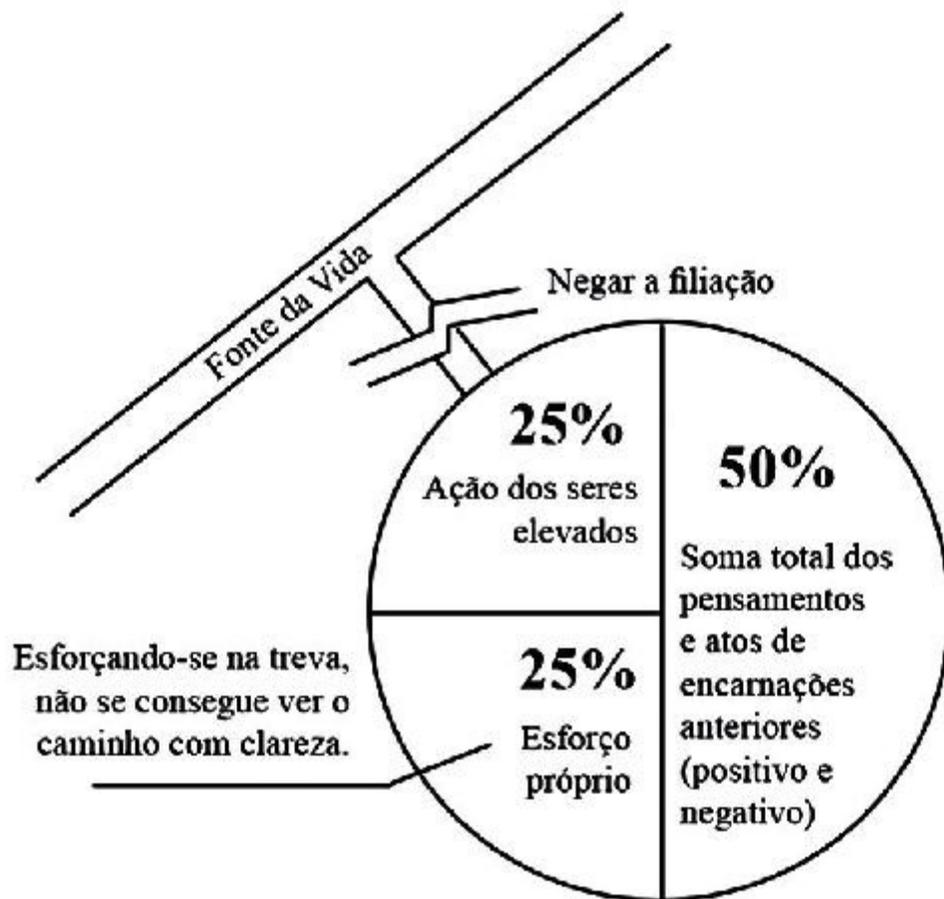


Figura 9 - Quando não se agradece aos pais, corta-se a ligação com a Fonte da Vida, ou seja, nega-se o recebimento da Vida. Neste caso, predomina o destino negativo.

Assim, acaba-se recebendo a influência dos 50% dos carmas que se compõem da parte positiva e negativa das encarnações anteriores.

Ao contrário, quando fortalecemos essa ligação com os nossos pais, com sentimento de gratidão, oferecendo-lhes a leitura da sutra sagrada todos os dias, esse elo vai ficando cada vez mais forte, e, assim, mesmo em caso de pequenas turbulências, sempre estaremos protegidos, orientados, não sintonizando com pensamentos negativos.

Proteção dos antepassados?

Há relatos de pessoas que, exatamente por não conseguirem chegar ao aeroporto, não embarcaram num avião que caiu, e também de pessoas que receberam essas vagas na última hora e que acabaram embarcando na aeronave que caiu.

Mente harmonizada

Ouvi um relato, no Japão, muito interessante. O presidente de certa empresa comprou uma passagem aérea para viajar no dia seguinte, mas, quando a recebeu, algo lhe disse “Não gostei desta passagem, não vou viajar”. Chamou o seu gerente e lhe disse: “Amanhã, vá ao aeroporto, troque essa passagem e vá no meu lugar”.

O gerente recebeu a passagem e também não sentiu vontade de viajar de avião, mas, como era ordem, teria de viajar. Ele disse à sua esposa que iria de trem-bala, à noite. No dia seguinte, o avião caiu. Quando a rádio e a televisão começaram a relatar esse desastre, o presidente, ouvindo o noticiário, ficou apavorado porque era exatamente o vôo que seu gerente deveria ter tomado. Apanhou o telefone, ligou para a casa de seu gerente e chamou a esposa “Você está ouvindo o noticiário?”. E ela respondeu “Sim”, com voz calma, ao que o presidente, nervoso, a alertou: “É o vôo que seu marido tomou!”. Mas ela, com calma, disse: “Patrão, o meu marido voltou ontem e disse: ‘Recebi ordem de viajar amanhã, mas não estou gostando de viajar de avião; vou de trem’. Ele foi ontem à noite, deve estar cumprindo a ordem recebida”. Ambos são da Seicho-No-Ie.

A fatalidade existe, mas isso pode ser corrigido e você pode ser protegido. Conforme as vibrações espirituais que a pessoa vai construindo com a sua conduta, pode formar ao seu redor um escudo protetor ou de captação de vibrações positivas.

Você é quem faz o seu destino

Se, por acaso, você está querendo mudar a sua situação atual, a primeira atitude a tomar é esvaziar a sua mente, para começar a colocar os pensamentos em perfeita ordem. Para esvaziar a mente do acúmulo de pensamentos negativos, tais como ciúme, raiva, ódio, injúria, basta perdoar, mas perdoar de verdade. Algumas pessoas dizem “Já esqueci”, mas o pensamento continua gravado no subconsciente.

Procure uma associação da Seicho-No-Ie, onde, através das práticas de Purificação da Mente, Oração Mútua, Oração de Gratidão aos Antepassados, Recitações, você pode buscar a Infinita Provisão. A respeito da eficiência das práticas já mencionei no capítulo 10. Não efetuar essas práticas é semelhante a ficar vendo o fogo avançar e não apagá-lo. Se analisar a sua situação, verá que poderá fazer muitas coisas boas. Primeiro de tudo, agradecer ao fato de estar vivo. Recebemos uma quantidade infinita de ar, dia e noite. Agradecer às “dádivas de Deus” que já recebemos significa abastecer a mente. Comece selecionando somente coisas boas. Como selecionar somente coisas boas? Coloque-se no lugar do receptor. Você perceberá com muita nitidez o que fazer, pois o que você não gosta que lhe façam, procurará não fazer aos outros. Cristo disse: “Dai e vos será dado”. Se você der perdão receberá perdão; se der gratidão, com certeza receberá gratidão. Se você conseguir recompor a sua mente ou o seu subconsciente com pensamentos positivos, cheios de virtude, amor, sabedoria, com certeza o seu destino começará a mudar.

Como buscar somente coisas boas

Henry Ford disse que, quando desenhamos algo na mente e pensamos nele, esse pensamento se transforma em “corpúsculos espirituais” e vai como um emissário em busca dos elementos necessários para concretizá-lo no mundo das formas. Essa fonte é o pensamento diário. O pensamento constante acaba aparecendo na forma. Tome cuidado exatamente nesse ponto, pois, se você tem o hábito pessimista de ficar se lamentando “Por que a minha vida é tão árdua?”, com certeza acabará emitindo pensamentos negativos e atraindo ao seu redor uma situação negativa. Ao contrário, se você criar o hábito de ver sempre o lado positivo das coisas e dos fatos, agradecendo a seus familiares, seu chefe, seu subordinado, “Como minha vida é suave e maravilhosa!”, com certeza a sua mente estará sempre criando o emissário chamado “corpúsculos espirituais” do bem.

A sua vida não está predestinada; é você quem constrói a dificuldade ou a felicidade, com seus pensamentos concentrados em algo. São esses pensamentos que estão constantemente formando o seu emissário e construindo o seu destino. Por isso, ter sempre uma filosofia de apoio, como a da Seicho-No-Ie, é muito importante.

Que tipo de pensamento você está emitindo?

Vivemos segundo a lei da “criação da vida”. Através dessa lei, a Vida, que é imaterial e sem forma, se materializa pela força da palavra, falada e pensada.

Nós aprendemos que somos realidade espiritual e que viemos à Terra com o objetivo de aperfeiçoar a nossa espiritualidade. Recebemos a Vida de Deus, porém a minha espiritualidade, por ser individual, tem características das minhas vidas passadas. Dentre meus carmas, podemos considerar que metade é de influência positiva e metade de influência negativa. Por isso, meu sentimento de gratidão aos meus pais faz o meu destino girar no sentido de aumentar os carmas positivos de todos os meus antepassados — isto é, aumentar a Luz dos anjos protetores, que significa caminho iluminado, facilitando a visão dos obstáculos, dos perigos, abrindo um caminho com total visibilidade.

Não existe ninguém que prosperou sem fazer esforço. O famoso presidente da Kyosera, Kazuo Inamori, disse que o esforço tem de estar acompanhado de idéia e pensamento, porque, sem a idéia, o pensamento não estará definido. Conseqüentemente, por mais que você se esforce, não terá resultado, este será nulo. Mas as pessoas que desejam a felicidade dos seus pais, parentes e amigos e divulgam uma filosofia para a salvação da humanidade, com certeza, terão seu esforço concretizado. Sendo a quarta parte do destino da vida aquela que recebe a proteção e a ação dos seres elevados, se você cultivar sentimentos de gratidão aos pais, iluminará os carmas negativos. Estes, por serem treva, escuridão, serão dissipados perante a luz, como o orvalho perante os raios solares.

Porém, se você não agradece a seus pais, ou pior, se odeia o seu nascimento, repudiando-os, você está negando o fluxo da fonte da vida e limitando as experiências que foram acumuladas pelos seus antepassados, obstruindo a passagem da lei da vida e da seqüência espiritual. Se você não tiver o abastecimento da Vida de Deus e se limitar à sua pequena força do ego, mergulhará nas trevas e, por mais que se esforce, não conseguirá prosperidade. Isso porque você estará caminhando na escuridão e, não enxergando, ficará tropeçando nos obstáculos da vida.

Num seminário em uma das Academias, fui procurado por um jovem que, embora tenha se esforçado muito para se formar, não encontrava um bom emprego. Perguntei como era o relacionamento dele com os pais, e ele me disse que, se o pai fosse um pouco compreensivo, ele não estaria sofrendo tanto. O pai, fazendeiro, lhe dissera: “Você não precisa estudar, basta continuar na fazenda, que terá tudo na vida”. Mas, como ele quis estudar, desobedecendo ao seu pai, foi deserdado, saiu pelo mundo sozinho e comeu “o pão que o diabo amassou”. Agora, formado, só encontrava as portas fechadas, e tudo que fazia não dava certo.

Baseado na teoria do destino, temos a noção clara de que o caminho dele não estava iluminado, por isso ele estava tropeçando. Orientei-o para perdoar e agradecer ao pai, porque o fato de ele estar neste mundo era graças a esse pai. Além disso, com a gratidão e o perdão, ele estaria desobstruindo o canal da fonte da vida. “Com a afluência da vida e as virtudes acumuladas pelos antepassados, que desejam que os seus descendentes prosperem, você tem tudo em suas mãos.” Como era uma pessoa muito inteligente, compreendeu e me prometeu praticar os ensinamentos. Alguns anos se passaram e, quando fui ministrar um Seminário da Luz, ele me procurou e disse “Preletor, lembra-se de mim?”. E me contou que era a pessoa que tinha pedido a orientação. No Seminário da Luz, estavam todos da família; ele havia se reconciliado com seu pai e estava feliz da vida por ter um bom emprego e se casado.

Como o ensinamento da Seicho-No-Ie é uma filosofia de vida de pensamento positivo, procuramos esclarecer os motivos que envolvem a pessoa, seja qual for a sua situação. Se não tiver dissensão, a vida será bem mais fácil. Porém, quando a pessoa descobre o seu erro, perdoa, reconcilia-se e agradece, com certeza a vida se transforma.

A situação atual que estamos vivendo no mundo fenomênico, na verdade, foi moldada conforme o modelo feito de substância espiritual no mundo da mente. Assim sendo, vendo o mundo que está

manifestado atualmente, se você observa alguns erros, basta corrigi-los e imediatamente projetar a situação correta de sucesso, afirmar “Sou bem-sucedido”, e com certeza assim será.

CAPÍTULO 13 NOVO DESAFIO

Superintendente da América Latina

Numa das mudanças de diretoria, fui transferido da Superintendência dos Preletores para a Superintendência da América Latina. Toda mudança causa um impacto. No caso, a Superintendência dos Preletores era a maior da Sede Central do Brasil, e a da América Latina estava sendo estruturada naquele momento e tinha somente uma secretária que atendia outra superintendência também.

Na época, havia o movimento na Argentina, no Paraguai, no Peru, na Colômbia, no México e no Uruguai. O que me restou fazer foi orar, pois, se Deus estava precisando da minha pessoa naquele lugar, era porque ele tinha planos para eu executar. Após muitas orações, tomei a decisão de estudar o espanhol, pois, com certeza, teria de viajar a esses países para orientar. Não sabendo o espanhol, teria de pedir a alguém para ser intérprete, e isso, além de dobrar o custo das viagens, encurtaria o meu tempo de palestra pela metade. E os aplausos ficariam para o intérprete, o que não é nada interessante para o palestrante. Procurei alguns livros sobre o ensino de línguas e encontrei a seguinte explicação: o homem, após os 35 anos, ao aprender alguma língua nova, é como se fosse um caderno usado com algumas linhas em branco.

Se aceitasse essa teoria como verdadeira, eu não estaria em condições de estudar espanhol, pois estava com 57 anos. Porém, o mestre Masaharu Taniguchi nos ensina que o homem que tem um objetivo é jovem! Foi um desafio para me testar. Então surgiu uma outra dificuldade: todos os fins de semana estavam programados para eu viajar, o que dificultaria a frequência em alguma escola. Como o Mestre diz, se a intenção for verdadeira, surgem colaboradores. Num encontro de representantes dos países da América Latina, estive presente uma professora de espanhol, de Porto Alegre, a profa Tânia Fernandes. Ao saber da minha vontade, prontificou-se a me ensinar por correspondência. Ela elaborou algumas tarefas e as enviou a mim pelo correio num caderno e em fitas com gravações da pronúncia. Eu fazia as tarefas e as devolvia pelo correio. Graças ao profundo amor dessa professora, hoje consigo falar o idioma espanhol. Agradeço muito a essa professora maravilhosa.

Revisão de livros em espanhol

Tínhamos alguns livros editados em espanhol, mas sempre surgia alguma dificuldade, pois nossa equipe de tradutores não era especializada em espanhol. Conseqüentemente, tínhamos de pedir a alguns países para fazer as traduções. Porém, ocorria que as traduções feitas em determinado país ficavam com os vícios de linguagem daquela região.

Comecei a orar, pois necessitávamos com urgência de uma revisora capacitada. Minhas orações foram realmente concentradas no Deus Sumiyoshi, pois, se o Movimento de Iluminação da Humanidade era a sua vontade, naturalmente enviaria uma pessoa, a mais apropriada. Creio que o meu espírito protetor, tornando-se um veículo ou “corpúsculo espiritual”, foi em busca dessa pessoa de que necessitávamos para a revisão dos textos em espanhol.

Em menos de duas semanas, apareceu na Superintendência uma senhora perguntando “É aqui que cuidam da divulgação em espanhol para os países da América Latina?”. Respondi a ela “Sim” e perguntei o que desejava. Ela disse que queria ser útil na divulgação em espanhol e que estava disposta a colaborar no que pudesse. Perguntei o que ela fazia, e ela respondeu que era relações-públicas do Consulado do Uruguai, em São Paulo. Tinha ampla formação escolar, inclusive pós-graduação em jornalismo, e era correspondente de uma revista espanhola no Brasil. Não tive dúvida de que Deus Sumiyoshi, atendendo ao meu pedido, havia enviado a pessoa. E também posso dizer que “corpúsculos espirituais” foram em busca dessa senhora.

Mas, para fazer as revisões, ela teria de ter noções da filosofia da Seicho-No-Ie. Perguntando a ela há quanto tempo conhecia a filosofia, para minha surpresa, a resposta foi “Há mais de dez anos”. Ela era assídua freqüentadora das reuniões dominicais no salão nobre da Sede Central. Mais uma vez tive a sensação de que realmente a nossa oração tem poder para atender a qualquer pedido, desde que seja verdadeiramente para a felicidade da humanidade.

Diversas reuniões foram realizadas para traçar a linha de ação a ser adotada nas traduções e revisões. Após isso, não recebemos mais reclamações sobre as revistas e os livros editados.

Entretanto, agora, eu tinha uma grandiosa tarefa: levar esta filosofia a cada país onde ainda não fora divulgada. As minhas orações se intensificaram, pois havia diversos países vizinhos que necessitavam conhecer esta maravilhosa filosofia.

Como começou a divulgação no Chile

Um belo dia, apareceu na Superintendência da América Latina uma senhora, Patrícia Araos. Ela estava um pouco triste e me relatou a sua vida. “Conheci a Seicho-No-Ie e estou resolvendo todos os meus problemas. Estou feliz, pois consegui concluir o curso para divulgadora e fui aprovada. Mas, agora que queria trabalhar para o Movimento de Iluminação da Humanidade, está acontecendo uma coisa muito triste.” Perguntei qual era o motivo de tamanha tristeza, e ela me respondeu: “Preletor, o meu marido quer voltar para o país dele”.

Ao me dizer que o país era o Chile, quem ficou contente fui eu, pois naquele país ainda não havia o Movimento da Seicho-No-Ie. Eu disse que fora muito bom ela ter vindo à Superintendência, pois a missão dela não seria a divulgação no Brasil, mas sim no Chile. Ela, com os olhos brilhando, disse: “Preletor, o diploma de divulgadora vale no Chile?”. E como valeu.

Passamos a manter correspondência, e ela foi me informando das reuniões realizadas na sua residência. Depois, algumas colegas que também já conheciam os ensinamentos no Brasil passaram a fazer reuniões; e o Movimento foi crescendo. Após alguns anos, recebi uma correspondência pedindo a presença de um preletor para orientar uma palestra ou um seminário. Acertamos a data, e fui pela primeira vez ao Chile.

Aconteceu um pequeno incidente, ao desembarcar no aeroporto de Santiago. Era verão e o ar estava seco. Ao sair do aeroporto, a sra. Patrícia, seu esposo e algumas pessoas, contentes, que estavam me aguardando, perguntaram-me como fora a viagem. Eu estava como que mudo; a voz não saía para responder. A sra. Patrícia logo percebeu e disse: “Preletor, não fique preocupado. Logo o seu organismo vai se adaptar e umedecer a sua garganta, e vai poder falar”. A umidade relativa do ar era mínima. Realmente, após uns cinco minutos, recuperei a voz. Como foi bom poder falar!

No hotel, ao efetuar a reunião com a liderança sobre a programação, tive uma grande surpresa, pois eles tinham programado um seminário de três dias — sexta-feira, sábado e domingo —, já tinham alugado o salão de um sindicato, e as inscrições já estavam feitas. Na carta-convite, realmente constava que desejavam palestras ou seminário, mas, para mim, jamais pensei que poderia ser um seminário. Fui preparado para uma palestra a cada noite, e talvez umas duas no domingo. Se fosse hoje, a comunicação seria imediata, mas, na época, eles não tinham telefone na residência, por isso aconteceu esse pequeno incidente. Porém o maior incidente foi comigo, pois estava começando a falar espanhol e, de repente, teria de falar três dias sozinho!!! Imagine o meu desespero... Mas não tive saída a não ser orientar sozinho. Nos primeiros dias, proferi palestras para que pudessem ter noções da filosofia. Nos dias seguintes, praticamos algumas atividades que não provocam impacto tais como: recitação de “Imagem Verdadeira, Harmonia, Perfeição”, Oração Mútua. Recordo que, em três dias, devo ter pronunciado mais de vinte palestras. Acredito que essas circunstâncias tenham me ajudado muito a aperfeiçoar minha fala em espanhol.

Afinal, compareceram trinta pessoas, e foi um sucesso total, mesmo sendo a primeira vez.

Este pontapé inicial fez com que o Movimento prosseguisse crescendo. Hoje, já temos os estatutos registrados e uma sede alugada no centro de Santiago.

Curso para líderes

Na sede, que fica no centro de Santiago, tive a oportunidade de ministrar um curso para preletores e dirigentes.

Fui visitar a nova sede alugada, localizada no centro, instalada no salão térreo de um edifício de apartamentos e no subsolo, com um salão para conferências, comportando 60 a 70 pessoas. Parabenizei a sra. Patrícia — que hoje já é a presidente-administrativa do Chile e preleitora da Seicho-No-Ie — e sua diretoria, por estarem trabalhando cada vez mais em prol do crescimento do Movimento.

Como no programa constava “Divulgação de Revistas na Rua”, perguntei sobre a possibilidade de fazê-la, ao que me responderam: “Como é uma zona central, aos domingos quase não há pessoas transitando e, aos sábados, há meio-expediente. Trocamos idéias e ficou decidido que, no sábado, no período da manhã, sairíamos para a divulgação”.

Às 9 horas, iniciamos o curso, mas, primeiramente, tinha de pedir doações de revistas. Com 15 pessoas presentes, obtivemos 240 revistas doadas. Fizemos orações e um acordo de que as revistas seriam doadas, mas deveríamos pedir pelo menos o nome da pessoa e, se possível, endereço ou telefone para futuro contato. Em pares, saímos à rua, cada par em uma direção. Eu e uma senhora começamos a divulgar 30 revistas. Na organização da Seicho-No-Ie, sou conhecido como Presidente Doutrinário, porém, uma vez na rua, nada mais sou do que um senhor na terceira idade. Ainda mais num país de idioma castelhano, onde não se vêem descendentes de orientais, não passo de um estranho com cara de japonês. O mais difícil é parar a pessoa a fim de explicar sobre a divulgação, fazendo todo o possível para se apresentar cordial. Uma das formas de começar a conversa é “Um minuto de atenção, por favor”. Se a pessoa pára, temos condições de começar a explicar que somos de uma filosofia de pensamento positivo, sem preconceitos e que estamos divulgando revistas que contêm relatos de experiência de pessoas que se curaram de doença ou prosperaram, comentando algum conteúdo previamente estudado.

Em uma hora e trinta minutos, tivemos diversas experiências: pessoas cordiais que nos agradeceram; donos de loja que nos mandaram para a rua; outros comerciantes que nos permitiram falar até com os clientes que estavam na loja; pessoas que se irritavam e davam aquele empurrão. Enfim, encontramos todos os tipos de situação. Mas, após uma hora e meia de divulgação, quando todo o grupo retornou, tínhamos mais de 150 nomes com telefone ou endereço para um futuro contato. O mais importante foi que todos estavam muito contentes com as experiências adquiridas.

Um fato muito interessante ocorreu no período da tarde, quando fomos procurados por duas pessoas que haviam recebido revistas na rua. Uma delas, voltando para casa, leu a revista e veio pedir orientação por estar com câncer. Um jovem, que estava se recuperando de drogas, veio pedir mais algumas revistas porque queria levá-las para os companheiros que também estavam se recuperando.

Após essa experiência, na viagem seguinte do superintendente, os líderes, por iniciativa própria, se propuseram a fazer divulgação na rua, e, já de antemão, tinham doado mais de 600 revistas. Porém, no dia determinado para a divulgação, começou a chover, mas a vontade de divulgar superou a situação climática. Um dos líderes disse: “Estamos num edifício de apartamentos; que tal pedir autorização ao administrador para visitarmos os apartamentos?”. Com a aprovação de todos, foram falar com o administrador, que, ouvindo as explicações, permitiu que divulgassem no edifício. Então, surgiu a seguinte idéia: “Há diversos edifícios aqui na redondeza; se pedirmos ao administrador de cada edifício poderemos fazer a divulgação nos apartamentos”. Em grupo de cinco a seis pessoas, eles foram falar com os administradores dos edifícios e, assim, mesmo na chuva, conseguiram divulgar todas as revistas doadas pela liderança.

Essa decisão dinâmica dos dirigentes despertou, dentro dos jovens, tamanha força da juventude que, em janeiro de 2003, por conta própria, vieram de Santiago três jovens à Academia de Treinamento Espiritual Sul-Americana de Ibiúna, para o Seminário VIP para dirigentes jovens. Retornando ao seu

país, eles atuaram com bastante dinamismo, contagiando outros jovens, e, em 2004, vieram mais oito jovens, cada um custeando as próprias despesas.

A força dos jovens

O mestre Masaharu Taniguchi nos ensina que, religiosamente falando, se um grão de areia se mover, o Universo já não é o mesmo. Imagine quando os jovens despertarem! Com certeza, este país tem tudo para prosperar.

Lembro-me do saudoso prof. Miyoshi Matsuda, que, aos 23 anos, encontrou a razão de viver quando teve em suas mãos o livro *A Verdade da Vida* e tomou a decisão “Dedicarei a minha vida divulgando esta filosofia aos jovens de todo o Brasil; irei ao Japão estudar com o Mestre e construirei a Academia de Treinamento Espiritual”.

Em seu livro *A Luz Avança Transpondo Fronteiras* (Uma vida dedicada à pregação da Verdade II), o prof. Matsuda escreve, por ocasião da inauguração da Academia de Treinamento Espiritual de Ibiúna, em 23 de março de 1955: “A Academia está pronta; há ainda diversos planos em estudo, tais como a fundação de uma escola profissional, a criação de seminários em língua portuguesa, a fundação de uma editora (para lançar obras em português, japonês e espanhol, este último especialmente importante) etc.” (pág. 66). Ele expressara esse ideal para uma platéia somente de japoneses, e fora publicado no jornal *Enkan* no 19, de 25/12/1954 (pág. 62 do mesmo livro), quando não havia ainda uma pessoa sequer que pensasse na divulgação em português ou espanhol. Mas, na sua mente, estava nítida a impressão de até onde este ensinamento poderia ser divulgado. E como está a divulgação hoje? A divulgação em português conta com mais de 190 títulos traduzidos para o idioma português, sendo o maior acervo depois do japonês; hoje, a divulgação atinge todos os Estados do Brasil, com 118 regionais. Contamos com a divulgação em dez países da América Latina, os quais têm os seus estatutos registrados. Há também divulgação em Portugal e Espanha (Europa) e Angola (África). A divulgação em língua espanhola conta com mais de 20 títulos de livros traduzidos para o espanhol e a revista *Sea Feliz*, editada bimestralmente. Devemos todo o mérito disto ao jovem prof. Miyoshi Matsuda, que acalentou esse sonho em sua mente, ainda quando capinava o cafezal para garantir o sustento da família, no momento em que o seu irmão Daijiro Matsuda iniciou a divulgação desta filosofia no Brasil.

Hoje, viajo aos países da América Latina para cursos de preletores e Seminários da Luz, mas com a facilidade de, já no aeroporto, ser recebido por membros da diretoria e outros dirigentes, sem nenhuma preocupação. Porém, no livro do prof. Miyoshi Matsuda, ele escreve que a primeira viagem foi feita de carro com destino ao Uruguai, à Argentina e ao Paraguai, e que não tinha nem uma referência de quem procurar: a primeira visita foi ao consulado ou à embaixada para procurar os nomes de japoneses residentes; encontrando alguma pessoa que já tivesse lido algum livro em japonês sobre a filosofia da Seicho-No-Ie, ou pelo menos que se interessasse em ouvir sobre a filosofia, ele perguntava sobre os locais ou pedia à pessoa que lhe cedesse sua residência para fazer uma reunião ou mesa-redonda. A sua segunda viagem de divulgação foi por via aérea, porém, tendo somente algumas referências de nomes de japoneses, enfrentou as mesmas dificuldades de chegar ao país e procurar pessoas para divulgar ou que aceitassem ceder a casa para uma palestra ou mesa-redonda. Podemos perceber quantos foram os entraves, mas o espírito do professor, acalentado pela missão de fazer com que maior número de pessoas fossem felizes através da filosofia da Seicho-No-Ie, dava-lhe toda essa coragem.

Hoje, que podemos aprender com essa lição do professor? No mínimo, criar um espírito de humildade de querer servir ao próximo, para salvar a humanidade.

Paraguai — minha primeira viagem ao exterior

Minha primeira viagem ao exterior pela Seicho-No-Ie foi ao Paraguai, em 1979, para divulgação da Oração pela Paz Mundial que iria acontecer em praça pública na semana seguinte. Como era a primeira vez e sem nenhum conhecimento da língua espanhola, não tinha a mínima noção de como preencher o cartão de desembarque, no qual estava escrito Nombre y Apellido. Hoje sei que apellido é “sobrenome”, mas, como na ocasião eu não sabia, no espaço para nombre escrevi o meu nome completo, e no apellido escrevi o apelido que minha professora de infância tinha me colocado: Pedro!

No aeroporto, fui recebido pela sra. Maria Victoria e por outra senhora. Fomos à sede alugada, no centro de Assunção, que comportava 70 ou 80 pessoas. A sede do Paraguai já possuía o seu estatuto registrado. O presidente era o sr. Aníbal Franco. Durante o dia, ministrei Orientação Pessoal pela manhã, e, à tarde e à noite, proferi palestra. Como teve de ser tudo com intérprete, foi bastante moroso. Mas, a cada noite, foi aumentando o número de ouvintes e, na última noite, o local já não comportava mais tantas pessoas interessadas em me ouvir.

Fiquei sabendo que a Oração pelo Progresso do País e pela Paz Mundial foi um sucesso. Após ter assumido a Superintendência da América Latina, em 1990, voltei algumas vezes para orientar cursos a dirigentes e Seminários Gerais.

No centésimo aniversário do mestre Masaharu Taniguchi, o Japão concedeu recursos para a compra de sedes em países que não tinham sede própria. A condição era ser entidade registrada. Como eles tinham o estatuto registrado, o Paraguai foi o primeiro país contemplado.

Após procurar um prédio que fosse adequado, tivemos a felicidade de ter a presença do prof. Takayassu Taniguchi no Encontro dos Dirigentes dos Países da América Latina, que se prontificou a ir ver o imóvel, que foi aprovado de imediato.

Depois dos trâmites de praxe para a documentação do imóvel, o Japão autorizou a compra.

No dia da assinatura para a compra do imóvel, eu e o secretário do presidente doutrinário, prof. Teruo Nishitani, fomos a Assunção, no Paraguai. Após a recepção, todos estavam muito contentes, pois, enfim, tinham a tão sonhada sede própria. Perguntei “Afim, onde está o dinheiro?”, pois uma das exigências da proprietária era o pagamento em dinheiro. Para meu maior susto, eles me disseram que estava no lugar mais seguro. Ao perguntar que lugar era esse, eles responderam “Oh, em frente ao Quadro do Jissō!”.

Como o salão era aberto ao público, qualquer pessoa poderia entrar e apanhar. A fé deles era louvável, mas não pude conter o impulso de ir correndo apanhar a sacola e guardá-la realmente em lugar mais seguro, até o horário da assinatura da escritura.

Numa das mudanças de direção, tive de assumir a Superintendência daquele país por um período. Assumi em fevereiro, e o Seminário da Luz seria realizado no mês de maio. Foi um grande desafio, que transferi aos líderes locais, dizendo: “Vocês vão mostrar se realmente são ‘Seicho-No-Ie’, harmonizando-se e lotando o salão”.

Foi alugado o salão do Hotel Excelsior, o mais luxuoso, com capacidade para 800 pessoas.

Os novos diretores e um casal brasileiro, Frederico Buliarty e Nancy Buliarty, cujo esposo era adido da Marinha brasileira em Assunção, arregaçaram as mangas e começaram a trabalhar. Foi o maior Seminário da Luz no Paraguai: participaram 728 pessoas.

Lamentei não estar presente naquele dia, pois estava orientando no Brasil, mas o prof. Haruo Shibuya orientou o Seminário com grande desenvoltura.

México — primeira palestra em espanhol

Minha primeira visita ao México foi em caráter doutrinário, porém, como eu não sabia falar em espanhol, a sra. Hiroko Hayashi atuou como minha intérprete. Na segunda viagem, havendo já começado a estudar o idioma espanhol, fui com a expectativa de poder compreender alguma conversa, porém, para minha maior decepção, quando cheguei ao aeroporto, não consegui entender nada do que eles falavam. Perguntando à sra. Hiroko, ela me explicou que os mexicanos usam muito o diminutivo, por exemplo, “Um momentito”, “Sr. Miguelito”, “Um ratito”; aí descobri por que eu não os estava compreendendo. Falei que estava estudando a língua espanhola, e ela me incentivou a usar o “portunhol” no curso, pois a maioria dos dirigentes já estivera no Brasil e, com certeza, entenderia algumas palavras ditas em português.

Com muito esforço, proferi as quatro palestras do dia em “portunhol”. Quis saber dela como tinha sido o meu portunhol e ela me disse: “Parabéns! Está falando 80% em espanhol”. Isso me encheu de coragem, e pedi que gravassem as palestras do dia seguinte. Porém, após terminar o segundo dia, ela me disse: “Professor, hoje foi ruim, pois o senhor deve ter falado 50% em português”. Voltando ao hotel e ouvindo as gravações, cheguei à seguinte conclusão: no primeiro dia, por ser a primeira vez, devo ter prestado bastante atenção; porém, no segundo dia, por ter recebido elogio, o ego deve ter-me subido à cabeça, e pensei: “Já sou bom!”. Aí estava a falha, e não prestei atenção ao uso das palavras. Aprendi que devemos ser mais humildes e sempre prestar atenção a tudo que fazemos.

Mas um ponto positivo ficou gravado em minha mente, pois a primeira palestra em espanhol aconteceu no México!

Alguns anos depois, voltei ao México para orientar um Seminário da Luz que foi realizado no salão do Hotel Fiesta Americana, de cinco estrelas. Para nossa surpresa, no dia seguinte, na coluna social do jornal mais conceituado da Cidade do México, havia um comentário com os dizeres: “No dia de ontem, com modesta contribuição de 80 pesos, ouviu-se uma profunda explanação sobre as leis mentais”, e continha um resumo das quatro palestras ali proferidas. Fiquei muito contente, pois tratava-se de uma colunista de um jornal que havia participado por conta própria e simpatizado com a filosofia da Seicho-No-Ie. Isso foi mais uma prova de que qualquer pessoa pode perfeitamente aplicá-la em sua vida cotidiana.

Em cada país, temos grandes e incansáveis colaboradores, que se dedicam de corpo e alma à expansão do Movimento de Iluminação da Humanidade.

Panamá — visita a uma “amiga”

Certo dia, fui visitado pela sra. Maria Celeste Renan, na Superintendência da América Latina. Para minha surpresa, ela era paraguaia, casada com um panamenho e estava residindo no Panamá. Perguntando o motivo da sua visita, ela me deixou ainda mais surpreso, pois já estava promovendo reuniões da Seicho-No-Ie no Panamá, com frequência de mais de 40 pessoas. Entretanto, seu conhecimento da filosofia se esgotara e estava necessitando de apoio da Superintendência. Imagine a minha alegria, pois já havia mais um país com a semente plantada e um broto germinando! Consultando minha agenda do ano, vi que eu tinha duas viagens programadas — uma ao Peru e outra ao México — e que na volta delas poderia aproveitar para passar pelo Panamá a fim de iniciar oficialmente a divulgação. Ela ficou muito contente por ter sido atendida de imediato. Ela me disse: “Estou grávida de dois meses. Se for logo após a viagem ao México, estarei no oitavo mês de gestação, o que será melhor”. Assim, ficou marcada a visita na volta do México.

A viagem foi programada via Miami, num vôo pela companhia aérea Lloyds Boliviano que fazia escala no Panamá. Contudo, o horário de chegada seria às duas da madrugada, e somente três passageiros desembarcariam no Panamá. O oficial da alfândega, com cara de sono, perguntou-me mal-humorado: “Que veio fazer no Panamá?”. Como não tinha a fluência da língua espanhola que tenho hoje, respondi “Venho visitar uma ‘amiga’”, ao que o oficial deu uma risada e disse: “Vá depreza que la noche está corta”. Quis explicar o mal-entendido, mas o importante era poder sair da alfândega rapidamente. À minha espera, estavam a sra. Mercedes e o sr. Renan, seu marido. Ela, com barriga de oito meses de gestação. Queria ter mostrado ao oficial a “amiga” que me esperava.

A primeira palestra seria no apartamento do casal, porém, tinham de transportar as 40 cadeiras alugadas. O marido transportou-as no carro, mas tinham de levá-las até o quarto andar, sem elevador!!! Imagine uma senhora gestante de oito meses carregando as cadeiras! Eu não pude ficar parado e ajudei a transportar as cadeiras até o apartamento. Quando já tínhamos transportado umas 30, cansado, perguntei “Já não está bom? Já temos 30”, ao que ela me respondeu: “Convidei 40 pessoas, por isso tenho de deixar preparados os 40 lugares”. À noite, realmente compareceram as 40 pessoas, mostrando o quanto elas estavam esperando a palestra.

Na segunda noite, a palestra estava programada para ser no salão da Associação dos Jovens Cristãos. Acreditando que o convite fora para as 8 horas da noite, às 6h30 perguntei: “Para que horas foi feito o convite?”. O sr. Renan me disse que, como no Panamá é costume atrasar-se sempre cerca de duas horas, eles haviam feito o convite para as 6 horas. Expliquei a ele que, no Brasil, já se fala em “horário da Seicho-No-Ie”, pois a pontualidade é sempre respeitada. Apressamo-nos e fomos ao salão, onde já estavam o gerente do Banco do Brasil e dois casais, desde as 6 horas! Pedi-lhes desculpas e dei atenção a eles, mas, infelizmente, o salão não estava pronto para iniciar a palestra. Após o início da palestra, o gerente se desculpou devido a um compromisso que tinha logo mais, e se retirou.

Esse acontecimento foi muito bom porque, após esse incidente, o Panamá passou a realizar todos os compromissos da Seicho-No-Ie com pontualidade.

Venezuela — o Movimento se expande

Minhas orações continuaram no sentido de aumentar a divulgação nos países da América Latina, e meus corpúsculos espirituais seguiram à procura de pessoas adequadas para esta missão. Comecei a receber telefonemas da Venezuela, de uma pessoa chamada Dalva Maria Sobral Petersen. Ela fazia pedidos de livros via comissários de algumas companhias aéreas. Ela me dizia, por exemplo: “Estou mandando 200 dólares por meio de um comissário, fulano de tal, que vai ficar hospedado no Hotel Brasilton. Dá para o senhor mandar um boy levar os livros até o hotel?”.

Nas primeiras vezes, tive de instruir o office-boy para ter cautela, dizendo a ele: “Receba primeiro o envelope, confira se contém a quantia mencionada e, depois, entregue os livros”. Porém, a seriedade da sra. Dalva se consolidou, pois muitos livros foram enviados, via comissários, ajudando a divulgação da Seicho-No-Ie na Venezuela.

A vontade da sra. Dalva em divulgar a filosofia era tão grande que sempre me pedia que enviasse um(a) preletor(a) para proferir palestras lá. Por diversas vezes, procuramos o Consulado da Venezuela em São Paulo, mas os vistos eram restritos; permitiam somente visitas de familiares por tempo limitado a 72 horas.

Após alguns anos e seguidas consultas ao Consulado, descobrimos que, se a pessoa puder provar que tem algum empreendimento registrado, com comprovação de renda, poderá receber visto de até uma semana.

Como Deus deseja que os ensinamentos sejam divulgados, encontramos a preleitora Madalena Garcia Castilho, cujo esposo pôde preencher todos os requisitos que o Consulado exigia. Recordo-me de que eram mais de 20 itens que a pessoa tinha de responder.

Afinal, conseguimos o visto. Transmiti mil recomendações à preleitora antes de ela viajar. Disse-lhe: “Ao desembarcar, diga que vai visitar uma prima, que se chama Dalva; jamais mencione que vai realizar palestras ou reuniões na casa de alguém onde haja mais de dez pessoas etc.”. Essas eram algumas das recomendações que tínhamos de respeitar, segundo o formulário para requisição do visto.

Fiquei orando para que tudo transcorresse bem, pois, se algo ruim ocorresse, seria da total responsabilidade do superintendente da divulgação nos países da América Latina. Após uma semana, essa preleitora regressou e, toda entusiasmada, veio me contar: “Professor, o senhor não imagina o que aconteceu! Já nos primeiros dias, foram feitas orientações na casa da dona Dalva. No sábado e no domingo, foi alugado o salão do Hotel Sheraton, com capacidade para 120 pessoas. No sábado, participaram mais de 90 pessoas e, no domingo, 110 pessoas, que ficaram muito felizes por conseguirem ouvir palestras da Seicho-No-Ie pela primeira vez”.

Após o término das palestras, os ouvintes perguntaram à preleitora quando regressaria ao Brasil. Como ela disse que retornaria somente na terça-feira, devido ao vôo, uma das ouvintes se manifestou e propôs: “Se alugarmos este salão por mais uma noite, a senhora faria mais uma palestra na segunda à noite?”. Com a resposta positiva da preleitora, os ouvintes se cotizaram e alugaram o salão por mais uma noite. Desta vez, também, mais de 90 pessoas participaram da conferência.

Quando sintonizamos nossa mente com a Mente de Deus, que é Onisciente, Onipresente, manifesta-se a Sua vontade.

A vontade da sra. Dalva de divulgar a filosofia da Seicho-No-Ie ao maior número de pessoas sintonizou com a nossa vontade de divulgar os ensinamentos a um maior número de países. Assim, ocorreu esse maravilhoso acontecimento.

Mais tarde, perguntando a ela por que fora morar na Venezuela, ela respondeu que seu esposo é engenheiro mecânico de navio e que, quando se casaram, ele indagou onde ela queria morar. Para ele, a residência teria de ser perto do aeroporto e com comunicação via fax e e-mail, porque ele poderia se deslocar para onde o navio estivesse parado. Poderia ser nos Estados Unidos, na Europa, no Oriente,

qualquer lugar à sua escolha. Passando pelo Caribe e se simpatizando com o local, ela disse “É aqui que quero ficar”. Brasileira de Sergipe, adepta da Seicho-No-Ie, despertou nela a vontade de ser útil e, assim, começou a divulgar a Seicho-No-Ie. Hoje, é a presidente da Seicho-No-Ie na Venezuela.

Colômbia — apaziguando ameaças

O centro da divulgação fica em Palmira, que é um Estado, e sua capital tem o mesmo nome, Palmira. Nessa cidade, a Seicho-No-Ie estava presente na colônia japonesa, porém em número bastante reduzido; algumas senhoras falavam o idioma japonês, mas a maioria dos adeptos era formada por colombianos. Nas minhas primeiras visitas ao país, o sr. Luís Emura era o representante e me recepcionava com muito amor. Esse Estado situa-se no Valle de Cauca, entre duas cordilheiras. É uma região plana, com terra negra muito fértil. Dizem que, se irrigada, podem-se colher até três safras de soja por ano!

Nas primeiras visitas, as reuniões foram em clubes ou associações da colônia japonesa, mas, posteriormente, foi alugada uma sede. Hoje, tamanho é o crescimento da Seicho-No-Ie local que eles querem adquirir uma sede própria.

O que me impressionou foi o sentimento de amor que os colombianos têm pela sua pátria.

Certa ocasião, indagando se eles não tinham medo de ficar morando em país tão violento, a supervisora me disse que quem poderia fazer algo pela Colômbia seriam eles mesmos, os colombianos, e ninguém mais.

Nós, que ouvimos sempre em noticiários que a Colômbia é um centro de produção e distribuição de drogas, até sentimos um pouco de medo de viajar para lá a fim de orientar cursos e seminários.

Alguns episódios interessantes ocorreram em relação à língua espanhola. Certo dia, após o almoço, eu estava descansando, quando uma senhora chegou e me disse: “Preletor, o senhor não quer uma banana?”. Agradei a ela, dizendo que tinha almoçado bem e que não queria banana. Porém, mais pessoas me ofereceram a tal banana, até que uma senhora chegou e me ofereceu uma banana, dizendo “Una bananita, para sacar el gusto dela comida”. Quando vi a sua mão, percebi que não era a nossa banana, mas sim uma bala de hortelã. Fiquei sabendo que, na Colômbia, “banana” é um caramelo ou uma bala. Outra expressão que não se usa na Colômbia é a palavra “barriga”. Após uma palestra, um preletor me advertiu: “Hoje, o senhor usou diversas vezes a palavra ‘barriga’, e, aqui, se usa o termo ‘estômago’ para toda a região abdominal quando se trata de ser humano; quando nos referimos a um animal, usa-se ‘barriga’”. Assim, são inúmeras as expressões típicas de cada país de fala castelhana. O que é proibido falar nos países do cone Sul, usa-se com a maior naturalidade no Norte. Mas, em todos os países, o admirável são as pessoas se salvando ao conhecer a filosofia da Seicho-No-Ie.

Certa vez, recebemos um telefonema da supervisora, dizendo que eles estavam recebendo ameaça de um grupo guerrilheiro e que, se não colaborassem com determinada quantia, o seu posto de gasolina seria atacado. Orientamos da seguinte maneira: “Tenha fé e ore a Deus, pois, se o seu trabalho é um empreendimento para beneficiar o maior número de pessoas, com certeza Deus irá proteger”. Algum tempo depois, quando da visita ao país, perguntando sobre a ameaça, ela me explicou que realmente Deus é grandioso, pois, alguns dias após iniciar a oração, o posto de gasolina conseguiu firmar um contrato de fornecimento de combustível a viaturas da polícia local; como a qualquer momento poderia aparecer uma viatura para abastecer, pararam com as ameaças. Realmente a filosofia da Seicho-No-Ie está sendo vivificada em qualquer país.

Peru — seminário para pessoas doentes

A divulgação da Seicho-No-Ie no Peru teve início na colônia japonesa. Quando fui pela primeira vez, em 1988, o Movimento da Seicho-No-Ie já estava estabelecido em sede própria.

Nessa época, o país passava por uma situação de total carência, pois não havia produtos de primeira necessidade para o povo comprar, e a importação era zero.

Por motivos de segurança, recomendaram-me hospedar no Hotel Sheraton. Não me lembro do valor da diária do hotel em moeda local, mas recordo-me de que eram 30 dólares; esse mesmo hotel, hoje, cobra 250 dólares a diária.

O país evoluiu muito nestes 15 anos. As diárias de muitos hotéis novos, quatro estrelas, bem situados, estão em torno de 50 dólares.

A Seicho-No-Ie do Peru cresceu e, no ano do 100o aniversário de nascimento do mestre Masaharu Taniguchi, foi contemplada com a compra da atual sede.

Hoje, dentre os países da América Latina, é o mais desenvolvido em termos de divulgação da Seicho-No-Ie, depois do Brasil.

Um episódio de que me lembro ocorreu na segunda visita que fiz, para realizar um Seminário. Chegando ao hotel, soube que eles, orgulhosos de poderem realizar um Seminário, tinham publicado um anúncio no jornal com os seguintes dizeres: “Seminário para pessoas com doenças incuráveis pela Medicina. Venha resolver seus problemas! Local: Centro Cívico”. Este é um dos melhores auditórios de Lima.

Fiquei muito preocupado, pois ainda não tinha fluência na língua espanhola. Pedi para a dra. Lily del Corral, que tem conhecimento da língua portuguesa, que me ajudasse quando eu pronunciasse alguma palavra duvidosa. Porém, proferi as duas primeiras palestras, e a dra. Lily permaneceu simplesmente calada. Então, no intervalo, perguntei por que ela não me interrompera para me ajudar, e ela me respondeu que o meu “portunhol” estava perfeitamente compreensível. A Seicho-No-Ie nos ensina que existe “anjo da guarda”, e, nessa ocasião, pude acreditar em anjo da guarda, pois, com somente seis meses de aulas por correspondência, consegui proferir as quatro palestras! Mas, no final, eu estava muito nervoso e com muita dor de barriga; não de diarreia, mas devido ao nervosismo.

Enviei as fitas cassete dessas palestras à profa Tânia Fernandes, que me orientava nas aulas de espanhol. Ela me escreveu dizendo que ia guardar as fitas como prova de que, quando alguém realmente quer, tem condições de falar em espanhol com apenas seis meses de aulas.

São lembranças que ficaram gravadas no fundo do coração, ao longo da divulgação desta filosofia.

Argentina — aquisição de uma Sede Central

Exerci por um ano o cargo de superintendente da Argentina, devido a um pequeno problema que surgiu na compra da sede local. Foi um grande aprendizado. Tive oportunidade de divulgar a filosofia nas cidades próximas a Buenos Aires, e também de conhecer melhor cada dirigente que se dedicava ao Movimento na época.

Foi um ano de reconhecimento dos líderes locais, e, finalmente, a minha missão era adquirir uma sede. Como tudo é provisão de Deus, decorrido um ano, a economia do país se estabilizou a ponto de os imóveis chegarem a ficar bem mais baratos do que na época em que fora aprovada a compra. Iniciamos a procura. Após visitas a alguns imóveis, encontramos um que parecia ser o ideal, com um salão comercial no térreo, com capacidade para umas trezentas cadeiras; no primeiro andar, uma sala enorme com cozinha e um depósito de uns 150 m². No segundo andar, havia quatro suítes e, no terceiro andar, um salão de festas. A área total era de 660 m² de construção. Na época, o preço do imóvel era de 1.000 dólares o metro quadrado construído, porém a nossa verba aprovada era de 500.000 dólares para a legalização e a compra do imóvel. Todos os líderes ficaram “apaixonados” pelo imóvel, pois era uma construção de primeira e não necessitava de nenhuma reforma, podendo ser usado imediatamente.

Nosso dinheiro disponível para o imóvel era de 450.000 dólares. Eu não tinha coragem de oferecer essa quantia, pois a diferença era muito grande, mas a corretora insistia para que eu fizesse uma proposta. Após algumas reuniões, decidimos fazer essa oferta um tanto absurda. Entretanto, após algumas semanas, a corretora me chamou para um diálogo com o proprietário, a fim de esclarecer alguns detalhes. Durante a conversa, ele ficou sabendo que o pagamento seria à vista e acabou concordando em vender, pois estava para se divorciar, e o dinheiro à vista facilitaria a partilha.

Os adeptos, que ficaram felizes por terem uma sede maravilhosa, começaram a entrar em contato com os donos do imóvel para transmitir os ensinamentos da Seicho-No-Ie. Houve outro imprevisto que pareceu até ser uma provisão de Deus: o vendedor tinha de pagar um imposto muito alto pelo fato de o imóvel não ter completado cinco anos de construção. Para não pagar esse imposto, ele teria de esperar mais oito meses até completar esses cinco anos. Nesse período, o casal, que ficou em contato constante com o pessoal da Seicho-No-Ie, foi se harmonizando. Quando se concluiu toda a transação, uma adepta da Associação Pomba Branca perguntou à filha do casal se não estava triste por ter-se mudado de uma casa tão boa para um apartamento de dois quartos, e a resposta da filha foi a seguinte: “Perdi a casa, mas ganhei os pais, pois agora eles vivem felizes e eu também”.

Foi uma grande satisfação poder adquirir um imóvel tão maravilhoso para a Seicho-No-Ie da Argentina, mas a maior alegria foi a de ver esse casal em harmonia e a sua filha feliz.

Bolívia — descoberta do “homem, filho de Deus”

Era um país no qual não tinha nenhuma referência para iniciar a divulgação. Um dia, porém, um casal, Ángel Guzman, de preletores compareceu à Superintendência da América Latina dizendo que desejava se aposentar e voltar para sua terra natal.

Perguntando-lhes de onde eram, eles responderam que tinham vindo de Cochabamba, na Bolívia. As minhas orações, como superintendente da América Latina, pedindo a Deus para divulgar a maior número de países de língua espanhola eram constantes. Com certeza, com essas orações, “os corpúsculos espirituais” buscavam as pessoas adequadas. Assim, Deus providenciou, mais uma vez, um país para a divulgação da Seicho-No-Ie.

Após alguns anos, fui a Cochabamba para divulgar a Seicho-No-Ie. Não sei por que motivo, mas, nessa viagem, eu estava vestindo roupa esportiva, sem gravata nem paletó. Quando cheguei ao aeroporto de Cochabamba, a pessoa que me esperava não conseguiu me identificar, pois eu não tinha o distintivo na lapela do paletó. Eu estava com um cavalheiro que conheci no vôo, e ele estava com paletó e um distintivo parecido na lapela, mas não era da Seicho-No-Ie. A pessoa que me esperava estava acompanhada de um filho e, por via das dúvidas, o garoto veio perguntar: “O senhor é japonês?”. Respondi que sim. O garoto virou para o pai e disse: “É este homem”.

Após esse incidente, quando vou a um local pela primeira vez, procuro ir de paletó com o distintivo da Seicho-No-Ie.

Como estavam no começo da divulgação, eles ainda não tinham se organizado, mas o senhor que me recepcionou era bem relacionado na cidade e tinha conseguido uma entrevista de 30 minutos na televisão local e alugado o Teatro Municipal para a conferência, das 19 às 21 horas.

Dez minutos antes, fui ao teatro, que ficava bem próximo do hotel, porém não havia ninguém; aliás o teatro estava fechado. Após alguns minutos, o sr. Rolando, que era o encarregado, chegou e começou a tomar algumas providências para que abrissem o teatro. Quando isso ocorreu, já eram quase 20 horas. Iniciei imediatamente a palestra com as pessoas presentes. Como na maioria dos países latinos, a noção de horário é bem flexível. A palestra já estava quase no fim, e ainda chegavam mais pessoas. Quando terminei, algumas pessoas protestaram, dizendo “Eu acabei de chegar, e a palestra já encerrou?”. As pessoas que a ouviram pela televisão se interessaram porque a filosofia da Seicho-No-Ie isenta o homem do pecado, dizendo que ele é filho de Deus.

Para as pessoas que residem nos países cristãos, ouvir que são filhas de Deus, isentas de pecado, sempre é uma revelação marcante.

Uruguai — em vias de crescimento

Quando assumi a Superintendência da América Latina, o casal Citadino já estava divulgando a Seicho-No-Ie em Montevideu. Na primeira vez que lá estive, o país ainda não tinha se integrado ao sistema de turismo internacional. Na hora do check out no hotel, apresentei um traveler's check ao recepcionista, o qual não o aceitou, dizendo que eu precisava ter uma autorização do Banco Central, e que tal autorização poderia ser obtida somente na segunda-feira. Felizmente, como dispunha de alguns dólares para minha despesa pessoal, pude liquidar a conta, fazer o check out e retornar no sábado.

Dizem que o índice de alfabetização do Uruguai é o maior na América Latina: 95%. Os estudos são subsidiados pelo governo até o ensino superior. Mas, no Uruguai, há somente três milhões de habitantes no país todo. Sendo pequeno o mercado de trabalho, os jovens procuram transferir-se para o exterior. Dizem que um terço dos habitantes é formado por aposentados. Por esse motivo, é um povo reservado.

Com muito esforço, os adeptos conseguiram comprar uma sede própria, tendo mais liberdade para as reuniões. Acreditamos que poderão crescer.

Portugal — Convite à Prosperidade

A divulgação da Seicho-No-Ie em Portugal, segundo meu conhecimento, aconteceu através da preleitora Flauzina Resende. Na época, ela residia no Rio de Janeiro, e, numa viagem de turismo pela Europa, na passagem por Portugal, distribuiu exemplares da revista Acendedor no hotel e às pessoas que se interessassem em lê-la.

Dentre as pessoas que leram a revista Acendedor, a sra. Maria Amélia foi uma das que entrou em contato com a Seicho-No-Ie do Brasil. Hoje, ela é preleitora e membro ativo da divulgação naquele país.

Muitas pessoas do Brasil que tinham parentes e amigos em Portugal também enviaram revistas e livros a eles e, assim, começaram as reuniões naquele país.

A minha primeira visita a Portugal se deu na época em que a Seicho-No-Ie ainda não estava totalmente organizada, mas já se promoviam reuniões em Porto, Condeixa, Leria, Lisboa, Pombal e no Algarve.

O vôo da Varig, na época, terminava na cidade do Porto. Assim, o roteiro da divulgação foi programado com início na cidade do Porto. O meu conhecimento sobre o relacionamento entre Brasil e Portugal era de que os dois países tinham um laço profundo de amizade desde o passado e que havia uma cortesia mútua.

Como sou brasileiro, esperava ser recebido cordialmente. Na alfândega, entretanto, o oficial não foi nada cortês. Como possuo fisionomia de japonês e falo o idioma português, despertei suspeita. Perguntaram-me o motivo da minha visita, e eu disse: “Vim para divulgar a filosofia da Seicho-No-Ie, iniciada no Japão”. Parece que eles começaram a desconfiar de mim ainda mais. Abriram todos os pacotes de sutras e livros, levaram-me para uma sala anexa e me revistaram totalmente.

Protestei, dizendo que eu era uma pessoa de bem e que havia uma senhora me esperando, a qual poderiam chamar. Posteriormente fiquei sabendo que, alguns dias antes, um indivíduo com fisionomia oriental tentara seqüestrar um avião e, como eu também tinha cara de oriental, isso foi um bom motivo para a revista.

Acompanharam-me até a saída e, constatando que a sra. Maria Amélia estava à minha espera, pediram-me desculpas. Algumas vezes, nas visitas a alguns países, a fisionomia de japonês me ajudou, mas, dessa vez, fui prejudicado. Felizmente, fui liberado e iniciei o roteiro da divulgação pela cidade do Porto.

A palestra na cidade do Porto foi coordenada por uma senhora que conheceu a Seicho-No-Ie no Brasil e que, com seu profundo amor, queria divulgar os ensinamentos na cidade do Porto. Para essa atividade, ela se deslocou de Lisboa, onde residia. Enquanto ela preparava o evento, fiquei no hotel. À tarde, ela me comunicou por telefone que tudo estava sob controle e que eu deveria tomar um táxi às 20h40 e dirigir-me para a Biblioteca, local da palestra. Fiquei sabendo que uma novela do Brasil estava fazendo sucesso lá e que a exibição terminava às 21 horas. Por esse motivo, no convite para a palestra constava das 21 às 23 horas. Isso ocorreu não somente no Porto, mas em todas as palestras realizadas em Portugal.

Na primeira palestra, todos, exceto a senhora que a coordenava, estavam ouvindo os ensinamentos da Seicho-No-Ie pela primeira vez. Essa foi uma experiência muito agradável, e conscientizei que o universo que temos à frente para divulgar é realmente infinito.

Nessa viagem, fui aprendendo algumas palavras. Tomamos o “comboio”, nome dado ao trem, de manhã, do Porto para Coimbra. No trem, fomos ao restaurante tomar o café-da-manhã, e a pessoa que me acompanhava pediu “meio-almoço” para dois. Achei estranho e disse-lhe que eu não queria almoçar, ao que ela respondeu: “Espere, que o senhor vai compreender”. E, realmente, quando o garçom trouxe o pedido, era o nosso café-da-manhã: pão, manteiga, presunto e café com leite. Por exemplo, é dito “Eu servi a tropa” com o significado “Servi ao Exército”. A expressão “Peguei uma bicha” significa “Peguei um congestionamento”; “Vamos tomar uma bica” seria “Vamos tomar um café”.

Quando eu falava em português, dificilmente as pessoas me respondiam na primeira pergunta, pois, penso eu, jamais eles esperavam que alguém com fisionomia de japonês falasse em português.

Mas era de “tirar o chapéu” como as pessoas se esforçavam para divulgar a Seicho-No-Ie. Conheci um senhor que tinha um único livro, Convite à Prosperidade, vol. 1. Ele tinha uma mercearia e, quando um cliente falava das dificuldades, ele perguntava se tinha alguns minutos para escutar uma leitura. Ele abria o livro e lia algumas páginas. Se a pessoa se interessasse, ele tirava fotocópia e lhe oferecia. Na minha visita a essa localidade, reuniram-se 25 pessoas para uma palestra. Senti a grandeza do amor dessa pessoa e refleti que devo me aperfeiçoar ainda mais.

Espanha — dois momentos

Houve duas épocas de divulgação na Espanha. Na primeira, a Seicho-No-Ie foi divulgada por uma senhora espanhola que tinha morado no Brasil e havia voltado para a Espanha. Quando um preletor viajava para a Europa, a Superintendência da América Latina comunicava o fato a ela, e esta senhora o acolhia e convidava pessoas da sua amizade para assistir às palestras. Mas, depois do seu falecimento, perdemos o contato com as pessoas dessa região.

A segunda época aconteceu quando o sr. Sakita, brasileiro, mudou-se para a cidade de Vigo e iniciou a divulgação.

Numa das visitas, proferi uma palestra num hotel em Vigo, e, nessa ocasião, reuniram-se 20 pessoas.

Com a transferência do preletor Afonso para Portugal, ele foi indicado para dar continuidade à divulgação dos ensinamentos na Espanha e, com sua persistência, formou-se um grupo de pessoas que, hoje, são divulgadoras. Graças ao trabalho de divulgação dessas pessoas, a Seicho-No-Ie na Espanha já possui seu próprio estatuto registrado.

Angola — a força do livro da Seicho-No-Ie

No ano de 1988, comecei a receber cartas de Angola, do sr. Pedro Niampasi, pedindo informações sobre os ensinamentos da Seicho-No-Ie. Ele ganhara do seu tio o livro *A Verdade da Vida*, vol. 2; o seu tio, por sua vez, o tinha ganhado de um engenheiro inglês que, antes de ir morar em Angola, tinha morado no Brasil por alguns anos, onde o teria ganhado de um amigo. O sr. Pedro, quando o leu, ficou entusiasmado com a filosofia da Seicho-No-Ie.

Assim, apesar de o país Angola estar sob o regime socialista, de esquerda, ele me enviava seguidas cartas, pedindo informações e o envio de algumas revistas.

Em cada carta que chegava, ele mencionava que o povo de Angola necessitava da filosofia da Seicho-No-Ie e que desejava que, um dia, alguém do Brasil fosse até lá para divulgá-la. Mas, ao ouvir algumas informações sobre Angola, soubemos que o país estava no regime socialista e que passava por constantes conflitos internos.

Em 1992, chegou à Sede Central do Brasil o sr. Luiz Mendonsa, secretário do Unicef em Luanda, Angola. Ele já conhecia a Seicho-No-Ie por meio de livros e desejava assistir a um seminário em Ibiúna, São Paulo. Após o seminário, ele passou pela Superintendência da América Latina, dizendo-se maravilhado com os ensinamentos e pedindo que divulgássemos a filosofia em Angola.

Relatei a ele que já havia um grupo de pessoas, liderado pelo sr. Pedro Niampasi, que nos convidara para visitar Angola. O sr. Luiz reforçou o convite que tínhamos em mãos, remetido pelo sr. Pedro Niampasi, e nos explicou que o país já estava em regime democrático, que a religião era livre no país e que não havia mais perigo em fazer reuniões e palestras públicas.

Na programação da divulgação para o ano de 1993, da Superintendência dos países da América Latina, incluí duas viagens de visita de divulgação a Angola. Quando tive de escalar um preletor para viajar a esse país, após algumas considerações, o presidente doutrinário para a América Latina da época, prof. Haruo Shibuya, disse: “O superintendente deve ir”. Enviei essa notícia ao sr. Pedro, que ficou entusiasmado, e acertamos a data da visita. Ele aguardava com muita ansiedade a chegada dessa data.

Próximo da data, entramos em contato com o Consulado de Angola para obter o visto de visita; estudamos a programação, porque a permanência mínima seria de sete dias no país, devido aos vôos, que eram semanais.

A viagem foi tranqüila, saindo do Rio de Janeiro, com sete horas de vôo sem escala. A diferença de fuso horário é de quatro horas, ou seja, enquanto são 2 horas da manhã aqui no Brasil são 6 horas da manhã em Angola.

Cheguei às 11 horas da manhã e, quando o avião parou, anunciaram para que o sr. Mukai se apresentasse. Fui o primeiro a desembarcar e tive uma surpresa: uma comitiva de dez pessoas me aguardava na escadaria do avião, com tratamento Vip. Fui à sala Vip e eles providenciaram toda a entrada no país.

Fomos para um hotel quatro-estrelas, de nível internacional, com diária a 170 dólares. Como as viagens ao exterior se tornaram uma ocorrência normal durante o ano, até aí nada de anormal.

Descansei. A tarde começou com uma reunião de recepção no salão de um museu. A grande surpresa foi que participaram mais de 50 pessoas. Após as apresentações, proferi duas palestras.

E foi anunciado que, no dia seguinte, começaria um seminário de cinco dias. Tive de fazer o programa e orientar como devia ser realizada a apresentação. Houve muitos relatos, e, no quarto dia, estavam presentes mais de 70 pessoas, que participavam com muita atenção.

Fui visitar o bairro e o local onde eles estavam fazendo reuniões, e tive uma grande surpresa: era numa casa sem acabamento, somente com paredes até o meio, sem teto, com bancos de madeira de todos os tamanhos e alguns blocos de construção servindo como assento.

Eu tinha levado uns 250 dólares em livros da Seicho-No-Ie e pedi que os colocassem à venda, pois eu

devia levar essa quantia para pagar a livraria. O sr. Pedro me disse: “Professor, aqui temos pessoas que não são adeptas. Estamos tendo acesso pela primeira vez aos livros. Se alguém de fora os comprar, nós não vamos ter acesso a eles nunca mais. Queremos vender esses livros entre nós posteriormente; assim, poderemos emprestar uns aos outros, para os estudarmos”.

Fiquei muito sensibilizado, e acabei doando todos os livros que levei, até os livros-textos que levava para meu próprio uso. Na despedida, cada um pedia: “Professor, não nos abandone! Nós necessitamos de Deus, que Ele nos ajude”.

Após isto, enviamos o preletor Elisio Fleury, por uns dois anos, mas a situação política do país piorou, dificultando a aquisição de visto. Recentemente, temos recebido cartas informando que o Movimento continua expandindo-se, e que já existem diversas Associações. Desejo que Deus os proteja e que cresçam cada vez mais.

CAPÍTULO 14 CONVITE PARA ASSUMIR A DIRETORIA

Sinceridade de um amigo

Como fui convidado para integrar a diretoria da Seicho-No-Ie do Brasil

No ano de 1983, em janeiro, fui convidado para participar, como orientador, do Seminário VIP dos Jovens, na Academia Sul-Americana de Treinamento Espiritual de Ibiúna, São Paulo. Fiquei hospedado num quarto revestido com tatami, que era destinado a preletores responsáveis pelos Seminários. Passei cinco dias junto com o prof. Hissao Honda, que tinha voltado recentemente do Japão, após três meses de estágio, com o título de Preletor da Sede Internacional.

Nesses cinco dias, ele me relatou a experiência que viveu durante os três meses de estágio no Japão e comentou o desafio que representava a divulgação no Brasil. No final dos cinco dias, ele me fez um convite: desejava a minha ajuda na divulgação em português. Respondi que seria muito difícil tomar essa decisão, porque meus filhos ainda não estavam todos formados, e eu tinha o objetivo de custear os estudos deles para, só depois, me dedicar à divulgação. Eu até havia comentado isso com minha esposa, e ela também era dessa opinião. Além disso, toda vez que eu recebia dos professores da Sede Central algum convite semelhante, recusava com esse mesmo argumento.

Porém, o argumento do prof. Honda foi um pouco diferente. Ao ouvir a minha resposta, ele disse: “Mukai, você vai me fazer mentir ao Supremo Presidente!”.

Como não entendi, perguntei por que eu o faria mentir. Ele tirou da pasta o diário do seu estágio, abriu-o no dia 20 de setembro e me disse: “Pode ler o que está escrito”. Ali havia 20 nomes sob a seguinte descrição: “Futuros grupos de divulgação em português”.

Alguns dias antes, o Supremo Presidente, prof. Seicho Taniguchi, tinha perguntado ao prof. Honda quais eram os elementos com que ele contava para a divulgação. Após uma semana de Meditação Shinsokan, ele escreveu os nomes ali escritos.

A sinceridade dele me tocou fundo, pois jamais alguém havia mostrado a mim um diário, que é algo de total privacidade. Eu lhe disse que voltaria a responder após consultar meus familiares.

A minha família, na época, era constituída por minha mãe, minha esposa, a primeira filha, já formada, a segunda e a terceira filhas, cursando a faculdade, o primeiro filho, no colegial, e o segundo filho, na sexta série. Retornando à minha casa, contei-lhes que recebera o convite e comentei sobre a resposta dada ao professor Honda. Expliquei que, em primeiro plano, estava a educação deles, filhos, e que meu desejo era vê-los todos formados.

Minha mãe disse que não tinha nada a comentar, desde que todos estivessem de acordo e a decisão fosse em harmonia. Então, minha filha disse: “Papai, você não quer crescer na Seicho-No-Ie?”. Respondi que sim, que todos nos dedicamos com todo o amor a essa causa em prol do bem ao próximo, para a felicidade e a prosperidade de nós próprios e dos semelhantes. Nesse momento, ela argumentou: “Será que não é uma oportunidade que estão lhe oferecendo?”. Analisando, achei que poderia ser.

Fui consultar também o meu sogro. Ele foi categórico e perguntou: “Você tem certeza de que vai ser líder? Não quero ver genro meu de volta, dizendo ‘Não deu certo’”. Respondi que estava indo para vencer. Disse também que o convite era para assumir imediatamente como diretor, e que eu estava disposto a trabalhar, dando o melhor de mim.

No momento, lembrei-me do trecho de O Livro dos Jovens sobre Júlio César, que mandou queimar todos os navios que usara para a travessia do Canal da Mancha. Até então, eu pensava que a minha propriedade agrícola estava ali e, mesmo que eu precisasse ficar longe por algum tempo, eu só necessitaria deixar os equipamentos, o trator, a colheitadeira, o caminhão; caso não desse certo, eu poderia voltar e começar a plantar novamente. Porém, as palavras do meu sogro fizeram-me tomar uma decisão: “Não voltarei, se não vencer!”.

Vendi, então, todos os equipamentos e maquinários, com a firme decisão de dedicar-me de corpo e alma ao Movimento de Iluminação da Humanidade.

Encontro de amigos

Apesar da decisão, passados alguns anos, ao enfrentar problemas e fazer uma avaliação econômica, fiquei preocupado, pois, se fosse voltar a exercer o plantio na terra, teria de ter um capital razoável de que não dispunha. Já tinha gasto o dinheiro dos equipamentos vendidos.

O Mestre nos ensina que a expressão fisionômica também é palavra. Certamente, em minha fisionomia estava estampado o meu pensamento de preocupação, pois o saudoso preletor Décio Haniu me procurou um dia e disse: “Prof. Mukai, quero ter uma conversa muito séria com o senhor. Por que desapareceu o brilho dos seus olhos? Por que está apático? Cadê aquele entusiasmo que mostrou ao chegar à Sede Central?”.

Explicando um pouco dos meus problemas de adaptação pessoal, ele me disse: “A vida é do vencedor, e não do perdedor. Seja qual for o problema, a regra é única: você vence ou perde”. Isso abriu minha mente, fazendo-me tomar a decisão de lutar para vencer.

Outro companheiro foi o dr. Jorge Taba. Também numa conversa amistosa, lamentei por não dispor mais da quantia que necessitaria se fosse voltar a plantar. E ele me disse: “Não ter mais equipamentos, nem trator, nem caminhão, significa estar investindo em você. Se você não estiver valendo a quantia correspondente ao que vendeu, é porque fez má aplicação!”. Mais uma vez senti que a responsabilidade não era de ninguém, a não ser minha mesmo.

Procurei concentrar-me mais nos projetos com o objetivo de expandir os ensinamentos e mergulhei de corpo e alma na Seicho-No-Ie, graças a palavras como essas, de verdadeiros amigos e companheiros que me incentivaram.

Iniciei a minha carreira na Sede Central da Seicho-No-Ie começando como Chefe do Departamento de Seminários. O saudoso prof. Hissao Honda me disse: “Temos de implantar o Seminário de Oferenda de Trabalho”. Eu quis saber mais detalhes, mas ele me disse: “Aqui tem alguns folhetos de seminários do Japão. Use a sua imaginação”. E, assim, programamos um seminário na Academia Sul-Americana de Treinamento Espiritual em Ibiúna.

No primeiro, apesar da propaganda feita, compareceram somente 11 seminaristas e 20 coordenadores. Dentre eles, havia uma senhora que fugira de casa. Ela não tinha a mínima noção do que era a Seicho-No-Ie, nem tampouco do que seria o Seminário. Estava brigada com o marido e queria ir para um lugar onde ele não a encontrasse, quando encontrou na cidade um folheto de propaganda do Seminário. Ela foi à Sede Central e, de lá, à Academia. No primeiro dia, o trabalho era capinar a roça de chá. Ela, sem calçado adequado, foi para a roça com sandália da marca Havaianas. Fiquei meio preocupado e minha mente atraiu o que previ: uma aranha a picou no pé, e tivemos de levá-la até o Instituto Butantã, em São Paulo, para ser vacinada.

Nos dias seguintes, não podendo trabalhar, dei a ela a incumbência de ficar lendo a sutra sagrada para todos os seminaristas. Num desses dias, conversando, ela desabafou todas as mágoas referentes ao seu esposo. Orientei-a, então, a ler a sutra sagrada uma vez para que os companheiros fossem protegidos, e outra vez para perdoar ao seu marido, alternando sucessivamente a leitura, reforçando que ele era o melhor marido do mundo, o melhor pai dos seus filhos.

Apesar de ser o primeiro Seminário de Oferenda de Trabalho, devido às palestras direcionadas ao amor aos pais, ao perdão dos pais, ocorreram manifestações maravilhosas de reconciliações, do terceiro dia em diante, após as práticas da Cerimônia de Purificação da Mente e da Oração de Gratidão aos Antepassados, tornando-se todos como uma família.

No último dia, quando estávamos embarcando de volta para São Paulo, essa senhora, de dentro do ônibus, viu um carro estacionar e gritou: “É meu marido!”. Achamos impossível, porque ela tinha saído de casa sem dizer aonde ia. Mas as orações de reconciliação tinham atraído o seu marido até Ibiúna. Não perguntamos como ele conseguiu descobri-la, mas os abraços e beijos do casal mereceram o aplauso de

todos os seminaristas.

Diretor-Presidente

Em abril de 1995, assumi o cargo de diretor-presidente da SEICHO-NO-IE DO BRASIL. Ao longo de nove anos, exerci as funções de vice-presidente, e, por isso, tinha conhecimento suficiente para comandar. Porém, percebi que vice é sempre vice, porque, na hora H, o presidente é quem assume a responsabilidade. Nas primeiras decisões como presidente, senti o quanto pesa a responsabilidade. Comecei a praticar os ensinamentos para valer, pois, se Deus havia me colocado para exercer aquela função, era porque Ele acreditava na minha capacidade. Pratiquei a Meditação Shinsokan todos os dias sem falta, a leitura da sutra sagrada aos antepassados, a leitura compenetrada dos livros da Seicho-No-Ie, e ouvi as gravações d'A Verdade em Orações na voz do mestre Masaharu Taniguchi, formando, assim, uma forte convicção de que essa obra não era do "Yoshio Mukai", mas sim obra de "Deus-Pai que permeia o Céu e a Terra".

Por incrível que pareça, apesar dos inúmeros problemas que surgiram, tudo foi sendo gradativamente resolvido, graças à colaboração de incansáveis diretores e amigos que vestiram a mesma camisa e ao apoio incondicional, direto ou indireto, de todos os adeptos e simpatizantes, os quais estão sendo lembrados sempre em minhas orações diárias, com muita gratidão.

O país tinha saído de uma inflação de 80% ao mês, havia sido implantado o sistema de URV, que posteriormente se tornou o Real, e a situação econômica da nossa entidade também era difícil. O sistema operacional em si era complexo, porém, com a ajuda do prof. Haruo Shibuya, presidente doutrinário para a América Latina, pessoa que tinha profundo conhecimento do sistema organizacional do Japão, houve uma adequação para ajustar os regulamentos internos das Associações e dos Departamentos: Fraternidade, Pomba Branca, Jovens, Prosperidade, Preletores, Líderes da Iluminação e Educadores.

Com a ajuda do Departamento Latino-Americano da Sede Internacional, adequamos o regulamento interno da Missão Sagrada e também os direitos autorais nas edições dos livros da Seicho-No-Ie. Isso veio facilitar os sistemas administrativos central, regional e das associações locais, abrindo possibilidades para ajudar as regionais a adquirirem as suas sedes próprias. Além disso, devido ao constante crescimento da frequência de seminaristas na Academia Sul-Americana de Treinamento de Ibiúna, decidimos construir um alojamento para mais 280 pessoas.

Durante esses anos, o Departamento Internacional demonstrou preocupação em legalizar os nossos estatutos — Brasil, Portugal, Espanha, Peru, México e demais países —, de acordo com a legislação vigente nos países. Recebemos, por mais de quatro vezes, representantes da Sede Internacional para debatermos a reformulação dos estatutos.

Um ponto de relevância foi a mudança do Estatuto da Seicho-No-Ie do Brasil. Ao longo de cinco anos, contamos com a ajuda do Departamento Latino-Americano, do Departamento Jurídico do Japão e com a colaboração incansável do Departamento Jurídico da Seicho-No-Ie do Brasil, na pessoa do dr. Noriyo Enomura. Trocamos informações em diversas reuniões, nos Ministérios da Justiça e da Fazenda em Brasília, e consultamos muitos juristas para adequar o Estatuto da maneira mais precisa.

Assim, no ano de 2001, em junho, houve a primeira assembléia da Seicho-No-Ie do Brasil, com a presença de representantes dos órgãos federais e do Japão.

No mesmo ano de 2001, em fevereiro, o professor Haruo Shibuya se despediu e voltou ao Japão após dez anos de muita sabedoria, orientando-nos, e deixando em nós uma imensa saudade. Foi em momentos como Cursos de Preletores, Seminários da Luz, no Brasil e em países da América Latina, Seminários nas Academias, algumas pescarias no Pantanal e de fim de semana, que ele demonstrou a sua sabedoria como profundo conhecedor da filosofia da Seicho-No-Ie. A ele, meus sinceros agradecimentos.

Presidente Doutrinário para a América Latina

Assumi a função de Presidente Doutrinário para a América Latina em Exercício em 1o de março de 2001. Fui o primeiro brasileiro a assumir este cargo, porque todos que me antecederam foram de nacionalidade japonesa.

A minha nomeação como Presidente Doutrinário para a América Latina em Exercício foi emitida pelo Diretor-Presidente da Seicho-No-Ie do Japão, e esse certificado deve ser o primeiro e único no mundo, porque os anteriores foram nomeados pelo Supremo Presidente ou pelo Vice-Supremo Presidente. O estatuto da Seicho-No-Ie da época em que fui nomeado concedia essa autoridade ao Diretor-Presidente.

No ano de 2002, houve uma mudança nos estatutos do Japão, e a minha nomeação por mais três anos foi feita pelo Vice-Supremo Presidente, prof. Masanobu Taniguchi. O professor é uma pessoa que deseja se inteirar da cultura de cada país, para adequar a forma de conduzir o Movimento.

No começo, foi difícil a comunicação com o professor, porque o meu vocabulário japonês era de “nissei”. Porém, com o passar do tempo, comecei a compreender o que ele realmente desejava e me esforcei para corresponder no que era solicitado.

“Oração aos Antepassados”

O prof. Masanobu Taniguchi quer que a Seicho-No-Ie de cada país vá assimilando a cultura local, para incorporá-la nas práticas dos ensinamentos. O assunto que começamos a debater foi a expressão “culto aos antepassados”. O professor quis nos alertar sobre a palavra “culto”. A palavra culto tem o significado de “adoração”, porém, a prática que realizamos não é de adoração aos antepassados, pois temos de orientar as almas em ilusão, para que despertem e evoluam no mundo espiritual. Oferecer oração tem o sentido de iluminar, e não de “adorar”. Assim, o sentido correto da prática é oferecer uma “oração de gratidão”.

Porém, estando essa prática com a denominação “culto” já consolidada por aproximadamente 30 anos entre os adeptos do Brasil e dos países da América Latina, tive de ter muita cautela para proceder essa mudança.

Foram realizadas reuniões na sede do Japão, com a presença do prof. Masanobu Taniguchi e dos diretores do Departamento Internacional, além de troca de diversos e-mails, explicando cada detalhe que envolvia a prática dessa oração aos antepassados.

Foi material de estudo por diversas vezes nos cursos para preletores.

Após longos debates e esclarecimentos, a palavra “culto” foi substituída pela palavra “oração”, e também no caso em que se usava a expressão “culto coletivo” ela foi alterada para “cerimônia coletiva”. E, para melhor esclarecimento da oração e de todo o procedimento, revisamos o livro *Melhor Seu Destino Cultuando os Antepassados*. O novo título passou a ser *Melhor Seu Destino Orando pelos Antepassados*.

Ficou também decidido que qualquer dúvida que porventura surja em outros livros da Seicho-No-Ie já traduzidos, que tenham detalhes sobre o “culto aos antepassados” e também procedimentos, seja esclarecida com as denominações do livro *Melhor Seu Destino Orando pelos Antepassados*.

Estatutos

Conforme mencionei, o primeiro certificado de nomeação expedido pelo Diretor-Presidente foi possível porque o estatuto lhe conferia esse poder. E o nosso estatuto também se espelhava no do Japão.

Porém, em maio de 2002, houve uma mudança nos estatutos da Seicho-No-Ie do Japão, esclarecendo a parte doutrinária e a parte administrativa. Fomos orientados para adequarmos o estatuto brasileiro ao estilo do Japão. Nessa época, entrou em vigor o novo Código Civil do Brasil, e o prazo para as organizações adequarem os seus estatutos seria 11 de janeiro de 2004. O Código acarretou consideráveis mudanças, principalmente para as associações.

Devido ao limitado prazo, resolvemos nos reunir na Sede Internacional no dia 1o de março de 2003, com o Presidente, Haruhiko Yoshida, a Vice-Presidente e Chefe do Departamento Internacional, Yoshiko Teshigawara, o Diretor-Administrativo, Kazuo Isobe, Subchefe do Departamento Internacional, Tatsufumi Yukishima, e a Chefe em Exercício da Seção Latino-Americana, Harumi Kinoshita. Do Brasil, participaram o Presidente Yoshihico Iuassaca, dr. Noriyo Enomura e eu. A reunião se tornou produtiva porque ambas as partes já tinham noções básicas do próprio estatuto.

Voltando ao Brasil, convocamos seguidas reuniões para a adaptação ao novo Código Civil e ao novo estatuto do Japão.

Terminadas todas as adaptações, submetemo-las à apreciação da Diretoria do Brasil para as complementações, e as enviamos ao Japão para apreciação.

Em novembro, aprovamos esse estatuto em assembléia e o enviamos ao cartório para seu registro. Porém, o cartorário nos orientou que teríamos de inserir diversos artigos que desconhecíamos. Nova assembléia foi convocada para o dia 10 de janeiro de 2004. Finalmente, conseguimos o registro, com muita satisfação, e recebemos os parabéns da Diretoria da Seicho-No-Ie do Japão.

Convite ao prof. Masanobu Taniguchi

O prof. Masanobu Taniguchi tinha prometido que, quando o estatuto ficasse de acordo, ele viria ao Brasil.

Em janeiro de 2004, quando fui ao Japão para uma reunião reforcei o convite. Eu o convidei para as Convenções das Associações no mês de setembro, mas o professor me disse que, antes, gostaria de orientar os preletores, líderes de iluminação e dirigentes.

Retornando ao Brasil, junto com a Diretoria e o Conselho Doutrinário Central, definimos a data mais adequada para a vinda do Vice-Supremo Presidente Masanobu Taniguchi: 31 de julho e 1o de agosto.

Com a presença do prof. Masanobu Taniguchi e da profa Junko Taniguchi, realizou-se, no teatro Via Funchal, o Curso Internacional da Seicho-No-Ie pela Paz Mundial — Brasil 2004, com a presença de 2.740 participantes, entre preletores, líderes de iluminação e dirigentes do Brasil e dos países da América Latina, de Portugal e da Espanha.

Foi um grande marco, mostrando uma nova visão da Seicho-No-Ie.

Final

Agradeço ao Sagrado Mestre Masaharu Taniguchi, ao Supremo Presidente**, prof. Seicho Taniguchi, ao Vice-Supremo Presidente***, prof. Masanobu Taniguchi.

Agradeço ao Departamento Internacional, Seção Latino-Americana por esta oportunidade ímpar de poder escrever minhas experiências vividas em 50 anos de atividades neste grandioso Movimento de Iluminação da Humanidade, Movimento Internacional de Paz pela Fé.

Meu profundo agradecimento à minha querida esposa, Fumiko, às nossas filhas Irma (in memoriam), Margarete e Márcia, aos nossos filhos Edson e Márcio, aos nossos genros Olavo (in memoriam) e Fausto, à nossa nora Márcia, que sempre me deram total e incondicional apoio, sem contestar diante das divergências que surgiram entre atividades do Movimento e familiar. Compartilho este registro como um resultado da união de todos.

À SEICHO-NO-IE DO BRASIL o meu profundo agradecimento por ter-me proporcionado a oportunidade de editar este livro, o qual espero que sirva como registro de trabalho de divulgação. Quero enaltecer o trabalho dos pioneiros japoneses que iniciaram a divulgação — mesmo sem ter os recursos de hoje, batalharam para firmar o alicerce da Seicho-No-Ie — e também dos primeiros dendoins (divulgadores, em português) e demais pessoas que trabalharam incansavelmente para que a Seicho-No-Ie do Brasil alcançasse o reconhecimento de hoje, como entidade de Utilidade Pública Federal e Municipal de São Paulo.

** N. do E.: Ex-Supremo Presidente.

*** N. do E.: Atual Supremo Presidente

Livros ainda não editados em português; títulos provisórios:

(1) pág. 38 – Sekai o Tabishite (Viajando pelo Mundo), de Teruko Taniguchi

(2) pág. 70 – Kokoro de Tsukuru Sekai (O Mundo Que Se Cria com a Mente), de Masanobu Taniguchi

Quem é o professor Yoshio Mukai:

Conhece a Seicho-No-Ie na sua infância.

1954 - 1966 - Presidente da Associação dos Jovens da Seicho-No-Ie de Uraí (PR)

1963 - Nomeado líder da iluminação

1967 - Nomeado preletor regional

1970 - 1973 - Presidente da Associação dos Jovens da Seicho-No-Ie da Regional PR-LONDRINA

1980 - Nomeado preletor em missão especial

1983 - Diretor da SEICHO-NO-IE DO BRASIL

1984 - Nomeado aspirante a preletor da Sede Internacional, após três meses de estágio na Sede Internacional da Seicho-No-Ie no Japão

1986 - Nomeado preletor da Sede Internacional

1986 - 1995 - Diretor Vice-Presidente da SEICHO-NO-IE DO BRASIL

1989 - 1995 - Superintendente Doutrinário da Seicho-No-Ie para a América Latina

1996 - Diretor-Presidente da SEICHO-NO-IE DO BRASIL

2/2001 - Presidente Doutrinário para América Latina em Exercício

9/2004 - Presidente Doutrinário para América Latina

Honrarias:

3/1996 - “Hóspede Oficial” do Município de Andradina (SP), na ocasião em que orientou o Seminário da Luz

6/1996 - Homenageado com diploma de louvor pela Câmara Municipal de Curitiba - PR

28/11/97 - Recebeu o título de “Cidadão da Cidade de Salvador”, outorgado pela Câmara Municipal da Cidade de Salvador na Bahia

23/8/98 - Recebeu o título de “Cidadão Paulistano”, outorgado pela Câmara Municipal de São Paulo, Capital

8/5/99 - Agraciado com a Comenda Ouro Verde do Município de Londrina - PR

7/5/00 - Agraciado com o “Cartão de Prata” concedido pela Câmara Municipal de Dracena, em reconhecimento ao excelente trabalho desenvolvido junto à Seicho-No-Ie

22/9/01 - Agraciado com diploma de conferencista na Universidade Nacional de Trujillo - Peru

GLOSSÁRIO

Seicho-No-Ie – O objetivo de estudarmos essa filosofia é o de elevar nossa consciência até o nível que nos permita aproximar-nos mais de Deus. Somente chegando mais perto de Deus, podemos garantir para nós próprios todas as formas de felicidade – a liberdade, a alegria, a saúde, a paz, a prosperidade etc. – pois Deus é a fonte de tudo. (*TANIGUCHI, Masaharu. Comande Sua Vida com o Poder da Mente*).

Miyoshi Matsuda – Falecido ex-Presidente Doutrinário para América Latina. Foi o primeiro Presidente da Associação dos Jovens da Seicho-No-Ie do Brasil e é um dos grandes pioneiros da Seicho-No-Ie no Brasil e América Latina.

Katsumi Tokuhisa – Eminente preletor da Sede Internacional da Seicho-No-Ie, já falecido. Discípulo e colaborador direto do mestre Masaharu Taniguchi. Contribuiu grandemente para a expansão da Seicho-No-Ie do Brasil, tendo no final dos anos 60 residido no País.

Preletores e líderes da iluminação – Pessoas qualificadas e reconhecidas pela Seicho-No-Ie para a difusão dos ensinamentos através de palestras, conferências etc. e para condução das práticas e cerimônias religiosas. Com a diferença de que os líderes da iluminação atuam mais diretamente na Associação dos Jovens. Sutra – Refere-se à Sutra Sagrada Chuva de Néctar da Verdade, de autoria de Masaharu Taniguchi, sutra principal da Seicho-No-Ie.

Movimento – Refere-se ao movimento de difusão dos ensinamentos da Seicho-No-Ie, denominado Movimento de Iluminação da Humanidade.

Teruko Taniguchi – Esposa do Fundador da Seicho-No-Ie, professor Masaharu Taniguchi.

Meditação Shinsokan – A Meditação Shinsokan é uma meditação contemplativa através do qual o homem transcende o mundo do fenômeno, isto é, transcende a matéria, a carne, a mente e entra em um mundo de dimensão superior, o mundo da Imagem Verdadeira, o mundo absoluto e perfeito criado por Deus, onde o Eu verdadeiro (o filho de Deus) funde-se com Deus e onde se fita com os olhos espirituais a perfeição do Eu verdadeiro, que é a Vida de Deus, Vida eterna, perfeita, indestrutível, imortal, infinita, pura, imaculada e isenta de pecado.

Ritual sagrado dos cônjuges – Expressão usada pelo mestre Masaharu Taniguchi no livro Nova Visão do Casamento, referindo-se à relação física conjugal.

Imagem Verdadeira – A Realidade perfeita, criada por Deus, a verdadeira existência, a natureza verdadeira do ser.

Pedagogia da Seicho-No-Ie – Filosofia pedagógica preconizada pela Seicho-No-Ie, fundamentada no conceito de que o educando, como filho de Deus, possui capacidade infinita.

Sete dimensões – o professor Masaharu Taniguchi no artigo Existência e Percepção – Imagem Verdadeira e Fenômeno (publicado na Revista Acendedor número 137 e na Revista Mundo Ideal números 39, 39 e 40) explana sobre as sete dimensões de manifestação da Vida.

Prática da Purificação da Mente – Ritual de renascimento espiritual da Seicho-No-Ie em que o

participante, usando folhas de papel como intermediário, escreve, nos assim chamados textos confessionais, o mais detalhadamente possível todos os conteúdos negativos presentes em sua mente, como remorso, complexos, ressentimentos, ódio, desejo de vingança etc. No decorrer da prática os textos o texto confessional de cada um participantes é incinerados durante a Leitura a Sutra Sagrada Chuva de Néctar da Verdade.

Antepassados – Nossa vida tem origem na fonte divina, e, através das sucessivas vidas dos antepassados, tem registrada a totalidade das experiências em nosso subconsciente, apreendendo-as num único ponto que é o agora. Ao mesmo tempo, trata-se de vida que evoluirá pela eternidade no futuro, e, portanto, constitui presença espiritual, responsável pela perpetuação eterna da vida. Nossa vida atual não existiria sem considerar a vida dos nossos antepassados. (*TANIGUCHI, Masaharu. Imagem Verdadeira e Fenômeno*).

Oração Mútua – A Meditação Shinsokan de Oração Mútua consiste em orar diante de uma pessoa (ou um grupo de pessoas) que deseja(m) receber oração por estar(em) enfrentando diversos problemas. Senta-se frente a essa(s) pessoa(s) e ora-se contemplando a Imagem Verdadeira dela(s). Pode-se realizar essa oração sozinho ou acompanhado de outras pessoas.

Provisão infinita – A provisão infinita é o processo em que aquilo que nos é necessário chega naturalmente a nós no momento adequado. (*TANIGUCHI, Masaharu. Abrindo o Canal da Provisão Infinita*).

Table of Contents

PREFÁCIO

CAPÍTULO 1 - LAR SEICHO-NO-IE

Minha infância

Embrião das atuais Associações Locais

A fartura da vida no campo

Meu pai e sua fé na Seicho-No-Ie

CAPÍTULO 2 - INÍCIO DO MOVIMENTO

Associação dos Jovens

Visita do prof. Seicho Taniguchi

Encerrar ou não a Associação dos Jovens

CAPÍTULO 3 - ATUAÇÃO NA ASSOCIAÇÃO DOS JOVENS

Vice-presidente regional da Associação dos Jovens

Caravanas para Ibiúna

Pequenos acontecimentos

“A água do mar é salgada?”

CAPÍTULO 4 - O GRANDE SONHO

Encontro com o Mestre

Até que enfim, no Paraná

Geada e “A cor da folha do café e a fé”

CAPÍTULO 5 - APRENDENDO COM O MESTRE

Segunda visita do Mestre ao Brasil

Amor de uma divulgadora

Curso em Maringá, no Paraná

CAPÍTULO 6 - APLICANDO O ENSINAMENTO

Orientação Pessoal

Bloqueio da mente

“Por que não consigo me casar?”

Sufrimento na vida conjugal

“Sobre o ritual sagrado dos cônjuges

“Prova dos noves” de um psicólogo

CAPÍTULO 7 - A INFLUÊNCIA DO SUBCONSCIENTE

Consciente e subconsciente

Subconsciente racial e o da humanidade

Subconsciente racial ou social

Subconsciente da humanidade

Mente “inconsciente”

Mente cósmica e Mente Divina

Sintonizando com a Imagem Verdadeira

CAPÍTULO 8 - O VALOR DA DIVULGAÇÃO COM AMOR

Divulgadora salva a vida de um médico

Seicho-No-Ie como tratamento médico

CAPÍTULO 9 - A CAPACIDADE INFINITA NO INTERIOR DAS CRIANÇAS

A Pedagogia da Seicho-No-Ie

Motivação

Devemos conhecer o sentimento da criança

CAPÍTULO 10 - AS SETE DIMENSÕES E AS PRÁTICAS DA SEICHO-NO-IE

As dimensões

“Existência unidimensional”

“Existência bidimensional”

“Existência tridimensional”

“Terceira dimensão — lei da matéria

Uso da expressão verbal

A maior declaração da Seicho-No-Ie

“Interferências de mundos de outras dimensões

“Intercâmbio com o mundo da quarta dimensão

“Vivendo no mundo da quarta dimensão

Quarta dimensão — lei da mente

“Intercâmbio com o mundo da quinta dimensão

Mundo da quinta dimensão — lei dos espíritos

O conhecimento de orar aos antepassados

Nível espiritual

Espíritos desapegados ou sublimes

Mundo espiritual transcendente

“Mundo da sexta dimensão — mundo do Amor

Na prática, fazemos a Oração Mútua

Que é atitude? Dedicção de amor

Um ato de amor transpõe fronteiras

A prática da “Oração Mútua”

“O mundo da sétima dimensão é o mundo de Deus

“O mundo harmonioso e completo da sétima dimensão

“Para trazer o Reino de Deus sobre a face da Terra

Sétima dimensão — mundo da lei da Vida que entra em ação

O ser humano

Kanzeon Bosatsu — deusa do perdão

O verdadeiro perdão

Deus Sumiyoshi

O Mundo Ryūgū

CAPÍTULO 11 - RESPEITO À INDIVIDUALIDADE

Harmonia

Arrependimento de uma senhora de 70 anos

Cuidado que devemos ter ao fazer comparações entre irmãos

O conceito do rolimã na organização

Harmonização na organização do nosso Movimento

CAPÍTULO 12 - FORMAÇÃO DO DESTINO

Destino existe?

Proteção dos antepassados?

Mente harmonizada

Você é quem faz o seu destino

Como buscar somente coisas boas

Que tipo de pensamento você está emitindo?

CAPÍTULO 13 - NOVO DESAFIO

[Superintendente da América Latina](#)

[Revisão de livros em espanhol](#)

[Como começou a divulgação no Chile](#)

[Curso para líderes](#)

[A força dos jovens](#)

[Paraguai — minha primeira viagem ao exterior](#)

[México — primeira palestra em espanhol](#)

[Panamá — visita a uma “amiga”](#)

[Venezuela — o Movimento se expande](#)

[Colômbia — apaziguando ameaças](#)

[Peru — seminário para pessoas doentes](#)

[Argentina — aquisição de uma Sede Central](#)

[Bolívia — descoberta do “homem, filho de Deus”](#)

[Uruguai — em vias de crescimento](#)

[Portugal — Convite à Prosperidade](#)

[Espanha — dois momentos](#)

[Angola — a força do livro da Seicho-No-Ie](#)

[CAPÍTULO 14 - CONVITE PARA ASSUMIR A DIRETORIA](#)

[Sinceridade de um amigo](#)

[Encontro de amigos](#)

[POSFÁCIO](#)

[Diretor-Presidente](#)

[Presidente Doutrinário para a América Latina](#)

[“Oração aos Antepassados”](#)

[Estatutos](#)

[Convite ao prof. Masanobu Taniguchi](#)

[Final](#)

[GLOSSÁRIO](#)